

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

BEATRIZ RODRIGUES RAMOS

***Evelina*, de Frances Burney:**

Romance de educação

Versão Corrigida

São Paulo

2022

BEATRIZ RODRIGUES RAMOS

Evelina, de Frances Burney:

Romance de educação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Letras da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Crítica e História Literária

Departamento de Teoria Literária e Literatura
Comparada

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Guardini Teixeira
Vasconcelos

Versão Original

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R175e Ramos, Beatriz Rodrigues
Evelina, de Frances Burney: romance de educação /
Beatriz Rodrigues Ramos; orientador Sandra Guardini
Teixeira Vasconcelos - São Paulo, 2022.
94 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Teoria Literária e Literatura
Comparada. Área de concentração: Estudos Linguísticos
e Literários em Inglês.

1. Romance de formação. 2. Língua Inglesa. I.
Vasconcelos, Sandra Guardini Teixeira, orient. II.
Titulo.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Beatriz Rodrigues Ramos****Data da defesa: 07/06/2022****Nome do Prof. (a) orientador (a): Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 03/08/2022



(Assinatura do (a) orientador (a))

AGRADECIMENTOS

A todos que escreveram essa dissertação comigo, que é tanto fruto do meu quanto do vosso trabalho.

Ao grupo de orientandos da Prof.^a Dra. Sandra Guardini Vasconcelos, Cassiana, Fernando, Helena, José, Júlia, Mariana, Pedro, Rafaella, Raphael, Renata, Ricardo e Samuel, por serem sempre solícitos em ler e revisar meu texto e me oferecer alento.

A meus amigos pessoais, Alysson, Aryanna, Bruno, Cecília, Clara, Larissa, Lika, Mariana, Mariel e Thiago, pelo acompanhamento de todo surto e celebração com palavras de incentivo e carinho.

A meus professores-mentores, Prof.^a Dra. Sandra Guardini Vasconcelos, Prof.^o Luis Damasceno e Prof.^a Mary Monreal, por me acompanharem durante minha jornada como aluna e mostrarem a mim mesma o tipo de professora que eu almejo ser.

A meus pais, Mara e Roberto, e às minhas irmãs, Juliana e Vitória, que me apoiaram em todas as minhas decisões e que me incentivam a sempre acreditar em mim mesma e no meu trabalho.

À Prof.^a Dra. Sandra Guardini Vasconcelos, pela confiança em me orientar durante o Mestrado e por nunca refrear nenhuma crítica e encorajamento.

RESUMO

RAMOS, Beatriz Rodrigues. *Evelina, de Frances Burney*: Romance de educação. 2022. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

A carreira literária de Frances Burney teve seu início com a publicação de *Evelina, or the History of a Young Lady's Entrance into the World*. A trajetória da jovem mulher abre a possibilidade de se examinar e refletir sobre o contexto histórico, social e literário da Inglaterra do século XVIII, especialmente à luz da Revolução Burguesa e da constituição do gênero romance. Partindo de uma análise voltada para a revelação das características apresentadas pela própria obra, argumenta-se que a tipologia proposta por Lukács em *A teoria do romance* acerca do romance de educação é aquela que mais se adequa ao romance de Burney. Ademais, são tecidas considerações acerca de Burney tanto como sintetizadora das abordagens antagônicas do romance inglês durante o século XVIII, quanto como crítica sobre a validade daquilo que se pressupunha ser a educação feminina.

Palavras-chave: Frances Burney. *Evelina*. *Bildungsroman*. Romance de educação.

ABSTRACT

RAMOS, Beatriz Rodrigues. *Evelina, by Frances Burney: Novel of Education*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Frances Burney's literary career set off with the publication of *Evelina, or the History of a Young Lady's Entrance into the World*. The young woman's journey opens the possibility to examine and reflect on the English historical, social and literary context in the eighteenth-century, especially in light of the bourgeois revolution and of the constitution of the novel as a genre. Offering an analysis that aims to reveal the characteristics presented by the novel, we argue that the typology proposed by the Hungarian critic in *The Theory of the Novel* regarding the novel of education is the definition that most befits Burney's novel. Furthermore, arguments are drawn regarding Burney as a synthesiser for the opposing approaches of the English novel during the eighteenth-century, as well as a critic of the validity of what female education entailed.

Keywords: Frances Burney. *Evelina*. *Bildungsroman*. Novel of Education.

Índice

Introdução	1
Capítulo I	
“Miss Burney, the mother of English fiction”	14
Capítulo II	
<i>Evelina</i> e a literatura de conduta	36
2.1 <i>Evelina</i> e o conceito lukácsiano: romance de educação	60
Conclusão	79
Referências Bibliográficas	83
Anexos	86

Introdução

Evelina, or the History of a Young Lady's Entrance into the World foi o primeiro de quatro romances escritos por Burney. Apesar de ser uma das produções mais analisadas de Burney – possivelmente por ser a mais curta delas –, pela academia anglo-americana, a escritora e suas obras não receberam a mesma atenção no âmbito da pesquisa acadêmica brasileira. A intenção de cobrir essa lacuna e dar início à empreitada de iluminar a relevância da autora para o desenvolvimento do romance inglês dos séculos XVIII e XIX respalda esta dissertação e, para isso, a primeira produção da autora foi escolhida como objeto de estudo deste trabalho.

Apesar de a própria vida da autora Frances Burney também não ser de conhecimento geral do público brasileiro, informações biográficas não farão parte dos principais objetivos que se pretende abordar; ao contrário, atribui-se à própria obra lugar de destaque e de importância para o desenvolvimento da análise e considerações sobre os temas tratados. Não obstante, alguns acontecimentos da vida pessoal da autora e circunstâncias que faziam parte de seu cotidiano assumiram papel relevante no desenvolvimento de características de sua ficção e em *Evelina*, especificamente. Eles são apresentados no primeiro capítulo da dissertação em conjunto com autores e traços de composição correntes na cena literária da época, com o propósito de ilustrar a tradição na qual Burney se inseriu. Em seguida, discutimos as mudanças formais que a autora propõe para o gênero romance, principalmente aquelas relacionadas à multiplicidade de acontecimentos na esfera do enredo, mas também ao conjunto variado de personagens que ela cria enquanto faz uso do relato epistolar.

Não obstante as inovações propostas por Burney, a surpresa de que uma mulher fosse capaz de criar com tanta precisão e perspectiva crítica uma narrativa marcada pela transparência impactou e alterou a realidade daquilo que se concebia poder ser produzido por outras escritoras aspirantes. Ao se concentrar na experiência e no desenvolvimento da protagonista a partir e por causa da sua exposição a eventos sociais, Burney transformava e desafiava a percepção social de tudo que envolvia uma educação voltada para as mulheres e de como se comportava uma jovem que estava aprendendo a navegar pelo mundo.

Essa perspectiva singular de Burney em seu primeiro romance parece, de antemão, não apenas levantar questionamentos sobre a legitimidade dessa educação feminina, mas

também propor um romance de educação que refletisse a realidade e suprisse a carência por orientação adequada.

Publicado em 1778, *Evelina, or the History of a Young Lady's Entrance into the World* relata, como se pode anteciper pelo próprio título, os acontecimentos que protagoniza essa jovem, Evelina, quando ela faz sua primeira viagem a Londres depois de passar dezessete anos em um pequeno vilarejo rural denominado Berry Hill, sob os cuidados e instruções de seu guardião, o Reverendo Arthur Villars. Essa viagem, realizada com a companhia da família Mirvan, expõe a protagonista a uma série de divertimentos da já frenética metrópole, centro comercial e de entretenimento para todos.

A obra, composta e organizada pela troca de cartas entre diferentes personagens, tem seu início, no entanto, com um relato da história prévia dos pais de Evelina e de como, após um casamento realizado em circunstâncias duvidosas, a mãe da heroína, Caroline Evelyn, vê recusada qualquer proteção ou segurança por parte de sua mãe, Madame Duval. Essa situação, uma vez descoberta pelo agora marido de Caroline, os expõe a tal penúria que o libertino e ganancioso Sir John Belmont a abandona e nega a formalização da relação entre ambos. Com sua reputação arruinada por uma união e gravidez ilegítimas, a jovem Caroline busca o amparo de Arthur Villars, amigo de seu falecido pai, que a ampara até sua morte, durante o parto de Evelina.

Dezessete anos depois encontramos, ainda sob os cuidados do mesmo Reverendo que protegeu sua mãe, a renegada órfã Evelina, que, apesar de viver dentro dos confortáveis e seguros limites e abrigo do vilarejo no interior, fabrica seu próprio sobrenome, Anville, como estratégia para escapar dos julgamentos alheios sobre sua origem irregular, condição da qual a protagonista é consciente.

Quando a jovem é convidada por uma amiga próxima de Villars, a rica e aristocrática Lady Howard, para que ela acompanhe sua filha, Mrs. Mirvan, e sua neta, a Miss Maria Mirvan, a Londres para se reunirem com o Capitão Mirvan, que retornava à Inglaterra depois de sete anos em expedições marítimas, as preocupações oprimem o Reverendo, que a adverte em vão sobre os perigos que a jovem poderia correr por sua origem obscura, ingenuidade e grande beleza.

É a partir dessa viagem que Evelina passa a ser a principal remetente das cartas que constituem o romance, relatando ao seu tutor sobre suas aventuras – positivas e negativas – em Londres, sejam elas excursões aos parques, idas aos teatros e aos bailes, ou às lojas para comprar artigos de vestimenta. Em todos esses casos, a ignorância e a simplicidade da jovem ficam claramente em evidência pelo seu desconhecimento dos

códigos sociais, conseqüentemente atraindo as atenções de diversos cavalheiros que são ora charmosos e prestativos, como o nobre e opulento Lord Orville, ora insolentes, convencidos e impudicos, como o Sir Clement Willoughby.

No início de sua estadia, Evelina também se encontra com sua avó materna, a espalhafatosa Madame Duval, que forçosamente passa a se intrometer na vida da neta, insistindo para que ela contate o pai, o Sir Belmont, e exija a restituição da honra de Caroline Evelyn, depois de reconhecer Evelina como sua filha legítima e torná-la herdeira de sua fortuna. Ademais, a obstinada senhora também impõe que a heroína conviva com seus outros parentes distantes: seu tio, o joalheiro e locatário Mr. Branghton, e seus primos, que pretendem agradar Madame Duval com a intenção de se tornarem os principais beneficiários de sua herança.

Essa convivência forçosa entre a protagonista e seus recém-descobertos familiares resulta em diversas situações desagradáveis e constrangedoras, mas esclarecedoras, como aquela que peço licença para parafrasear, da melhor maneira possível, a seguir.

Eram seis da tarde do dia 17 de abril do que se supõe ser o ano de 1778 e a jovem heroína, Evelina Anville, se veste para uma noite de ópera em Londres com os Mirvan. No meio dessa preparação com sua companheira e amiga Maria Mirvan, as duas primas de Evelina, as senhoritas Branghton, subitamente a surpreendem dentro de seus aposentos com uma série de pedidos insistentes para que a protagonista vá à ópera com elas e o restante de sua família.

O convite inesperado, reiterado pela intromissão abrupta de Madame Duval, desencadeia uma série de aborrecimentos e altercações entre ambas as famílias, a qual apenas encontra seu desenlace com a decisão da heroína de se desculpar por dispensar a companhia da família Mirvan no entretenimento noturno e, contra seu próprio desejo, se juntar a sua avó e ao restante do grupo.

Depois de, finalmente, Evelina e seu círculo chegarem ao teatro, inicia-se uma nova sucessão de debates sobre o custo elevado desse tipo de divertimento refinado, pautada pela constante surpresa do Mr. Branghton com o valor dos ingressos:

In a short time, however, we arrived at one of the door keeper's *bars*. Mr. Branghton demanded for what part of the house they took money? They answered the pit, and regarded us all with great earnestness. [...] Mr. Branghton, in his turn, now stared at the door-keeper, and

demanded what he meant by giving him only two tickets for a guinea¹? ‘Only two, Sir!’ said the man, ‘why don’t you know that the tickets are half a guinea each?’ ‘Half a guinea each!’ repeated Mr. Branghton, ‘[...] And pray, Sir, how many will they admit?’ ‘Just as usual, Sir, one person each.’ ‘But one person for half a guinea! – why I only want to sit in the pit, friend.’²

Da plateia para as frisas, foyer e balcões, o grupo termina sua expedição na galeria, o lugar mais barato – o único viável e acessível para os Branghton e seus convidados –, mas também, para espanto de todos, o de pior visibilidade: “[...] when we entered the gallery their amazement and disappointment became general. For a few instants, they looked at one another without speaking, and then they all broke silence at once. “Lord, papa,” exclaimed Miss Polly, “why, you have brought us to the one-shilling gallery!”³

Essa circunstância desagradável, por outro lado, é conveniente para Evelina, que fica, desse modo, em um lugar de menos evidência, pois se envergonha do comportamento afetado e arrogante de suas primas. Ao mesmo tempo que se julgam refinadas, elas ficam deslumbradas com as atitudes e trajas daqueles que, mais abastados, se sentavam na plateia: ““Good gracious! only see! – why, Polly, all the people in the pit are without hats, dressed like any thing!’ ‘Lord, so they are,’ cried Miss Polly, ‘well, I never saw the like! – it’s worth coming to the Opera if one saw nothing else.’”⁴

Em um dos intervalos da ópera – cujo título não é revelado no romance –, são oferecidos dois assentos a Evelina e uma de suas primas, e é de lá, do alto do teatro, que nossa protagonista distingue a companhia daqueles com os quais previa passar a noite, acomodados em seus lugares na plateia: “[...] A gentleman, soon after, was so obliging as to make room in the front row for Miss Branghton and me. [...] **I was then able to distinguish the happy party I had left**; and I saw that Lord Orville had seated himself next to Mrs. Mirvan.”⁵

Os alvoroços que resultam desse momento – apesar de parecerem irrelevantes quando comparados com outros mais cômicos ou tensos da narrativa – são relatados com todo o viés individual característico do relato epistolar, recurso literário popular durante o século XVIII e que distingue o romance moderno frente às narrativas romanescas de

¹ Corresponde atualmente a um total de uma libra e cinco centavos de libra.

² BURNEY, F. *Evelina, or the History of a Young Lady’s Entrance into the World*. New York: Oxford University Press, 2002. pp. 90-1. Há uma tradução disponível do romance pela editora Pedrazul, que não será utilizada.

³ BURNEY, F. Op. cit. p. 92.

⁴ Ibidem, p. 93.

⁵ Ibidem, pp. 93-4. **Grifo meu.**

outrora. A estrutura da narrativa, através da troca de cartas entre, majoritariamente, a protagonista e seu guardião, Mr. Villars, carrega a subjetividade, sensibilidade e perspectiva emocional particulares de Evelina na narração e descrição dos acontecimentos e eventos. A escolha do ponto de vista em primeira pessoa se torna, então, primordial para toda a estruturação do romance, na medida em que ele se concentra na relevância da experiência da heroína como chave para comunicar todos os seus temas.

Ao invés de essa decisão formal quanto ao foco implicar uma escassez de acontecimentos narrativos – por se tratar convencionalmente de uma perspectiva que se limita somente àquilo que determinado personagem vivencia – ela qualifica e sustenta com maior solidez todos os eventos do enredo com as impressões de Evelina. Esse traço acaba conferindo uma qualidade que distingue o romance de Burney das demais obras contemporâneas a ela, já que a autora opta por conciliar as duas grandes vertentes narrativas predominantes no século XVIII e aliar as impressões subjetivas da protagonista ao dinamismo que resulta da variedade de acontecimentos e ambientes, como em uma narrativa romanesca.

Efetivamente, a compreensão do primeiro romance de Burney fica enriquecida se se leva em conta a produção dos autores e romances com os quais a romancista parece dialogar ao enredar dois paradigmas literários (o romanesco e o realista) em *Evelina*. Esse diálogo é introduzido ao final do primeiro capítulo deste trabalho e é em seguida explorado na primeira seção do segundo capítulo, mostrando as marcas literárias de Richardson e Fielding como tradições nas quais a autora se apoia, mas também a partir das quais ela modifica o romance e constrói novos moldes para o romance de educação inglês.

Dessa forma, o segundo capítulo desta dissertação se concentrará, primeiramente, nos aspectos que conferem totalidade à obra, observando como ela se consolida e se institui a partir de uma espécie de comunicação entre dois planos que simbolizam as tendências literárias da época: aquela que singulariza a protagonista, suas experiências, e como elas compõem a trajetória específica de Evelina Anville, e aquela que atua a favor de uma tipificação dos personagens e episódios.

A própria caracterização de Evelina combina individualização e tipificação. Como outras narradoras e personagens femininas do século XVIII, Evelina é a emblemática órfã bela e ingênua, de origem ilegítima, o que permite que, ao mesmo tempo que ela é amparada por seu tutor e por amigos próximos, sua situação ainda seja de uma fragilidade preocupante. De um ponto de vista formal, essa particularidade é pertinente, pois é ela

que possibilita a mobilidade da protagonista, que, ao frequentar vários espaços, tem seu bem-estar na mira de seus conhecidos, os quais buscam ajudá-la e resgatá-la de situações inoportunas.

No entanto, a situação e a natureza da heroína não se compõem integralmente dessas orientações, uma vez que ela se reveste de complexidade subjetiva. Apesar de a jovem estar sujeita às idas e vindas de diferentes situações, personagens e lugares que estruturam o romance, Evelina não é caracterizada como uma marionete tola sem discernimento, ou apenas o veículo através do qual se relatam acontecimentos inusitados e lúdicos, mas propriamente como uma protagonista que determina a relevância dos eventos na medida em que eles a afetam.

Por meio dessa perspectiva, não são tanto os eventos por si só que têm importância, mas as lentes através das quais a protagonista os vê. Essa centralidade da própria vivência do personagem, por sua vez, marca outra característica notável do romance realista inglês, que propõe essa experiência individual como ímpar da educação social do indivíduo.

Enquanto as generalizações, assim, permitem uma associação de indivíduos e acontecimentos do romance de Burney às tradições e obras que o antecederam, a sua integridade depende também do vínculo imediato que a narrativa estabelece com a particularidade do seu tempo, através da representação dos costumes e eventos sociais comuns à Londres de sua época. Desse modo, os elementos narrativos próprios do romanesco – refiro-me às peripécias – conferem uma previsibilidade à trama, ao passo que os dados e as descrições da sociedade londrina – dentro de um espaço e um momento histórico determinados –, ancoram enredo e personagens em uma realidade concreta, que é retratada dentro da ficção.

Essa representação do real no âmbito narrativo é particularmente evidente nessa situação na qual Evelina frequenta a ópera com seus parentes, não apenas por aquilo que seria obviamente a inserção de dados concretos – como o valor das entradas para cada um dos setores do teatro ou a menção do nome de um dos populares sopranos da época – mas porque os dados qualificam e caracterizam ainda mais a experiência, situação e personalidade da protagonista. Não se trata, portanto, de detalhes acessórios, mera informação, mas traços que reforçam a qualidade realista do romance.

Dessa forma, aquilo que de fato passa a conferir importância a essa transfiguração da realidade é propriamente a perspectiva da protagonista da obra, na medida em que só ela é capaz de apontar e julgar as vaidades e presunções de todos, sejam eles criados ou

aristocratas. Não fosse a presença de uma jovem ingênua que, até seus dezessete anos, nunca antes havia deparado com os eventos sofisticados da cidade, todos os elementos que compõem esse ambiente urbano passariam despercebidos. Por qualquer outro narrador que fosse minimamente familiarizado com eles, os modismos excêntricos de seus habitantes seriam mera ocorrência trivial.

A condenação do comportamento alheio, marcado pela afetação e inautenticidade – simultânea à exposição do factual –, é essencial no momento da narrativa no qual os Branghton fazem sua primeira visita ao teatro como espectadores de uma ópera italiana. Além de não saber o preço do ingresso para cada setor, nem como se portar ou se vestir de acordo com aquilo que seria adequado, mas não exagerado, também não sabiam como consumir algo tão diferente das peças inglesas:

If I had not been too much chagrined to laugh, I should have been extremely diverted at their ignorance of whatever belongs to an opera. In the first place, they could not tell at what door we ought to enter, [...] They made no allowance for the customs, or even for the language of another country, but formed all their remarks upon comparisons with the English theatre. [...] ‘What a jabbering they make!’ cried Mr. Branghton; ‘there’s no knowing a word they say. Pray what’s the reason they can’t as well sing in English? [...] ‘How unnatural their action is!’ said the son; ‘why now who ever saw an Englishman put himself in such out-of-the-way postures?’ [...] ‘It’s my belief that that fellow’s going to sing another song! – why there’s nothing but singing! – I wonder when they’ll speak.’⁶

É também nessa crítica de Evelina aos membros da família Branghton e seus comportamentos que fica evidente a avaliação social de Burney especificamente direcionada aos pequenos comerciantes e suas famílias que se fundiam em uma pequena burguesia e assumiam atitudes elegantes com a intenção de serem reconhecidos e respeitados. No entanto, o tom sarcástico e resoluto com que a protagonista julga aqueles que adotavam ares de grandeza permeia toda a narrativa é também utilizado para se referir a diversos outros personagens, sejam eles nobres, membros da aristocracia ou não.

Assim, o que poderia ser a mera reprodução superficial e objetiva de informações se torna, na verdade, um elemento essencial dentro da composição formal do romance. Portanto, os relatos de Evelina sobre os rituais envolvidos na compra de laços e vestuário, ou sobre o comportamento adequado em encontros sociais, bailes e passeios por parques e jardins, não se sobressaem como dados sendo categoricamente anunciados, mas se

⁶ Ibidem, pp. 90-4.

interligam ao tecido da narrativa, relacionando o âmbito ficcional com a realidade referencial descrita.

É precisamente o ponto de vista de Evelina que permite que essa impressão do real seja transmitida e não dependa dos informes e referências relatados. São as análises dos tipos sociais que ocupam os espaços físicos que ela percorre que transformam o romance também em uma espécie de compilado crítico sobre os grupos e classes sociais com quem ela se encontra o que propriamente constrói um retrato realista.

Ademais, como maneira de articular esse plano documentário do romance com o enredo ficcional, a autora integra as ocasiões do enredo que remetem a traços e aspectos da sociedade com momentos dinâmicos de ação narrativa, os quais, por sua vez, recobrem também seu propósito educativo dentro da narrativa, tanto no que diz respeito à própria Evelina quanto ao leitor do romance.

Esse pendor educativo fica ilustrado no episódio referido acima, quando, depois do término da ópera, Evelina decide aceitar a oferta de carona do Sir Willoughby. Tentando evitar ser vista, por Lord Orville, com a família Branghton – que tanto a envergonhava e levantaria ainda mais suspeitas sobre suas origens –, a protagonista imprudentemente sobe na carruagem do Sir Willoughby desacompanhada, acreditando que ele a levaria direto para o lugar de sua estadia na Rua Queen Ann, no prestigioso distrito de Westminster. No entanto, o jovem informa um outro endereço para o cocheiro e se aproveita do momento a sós com Evelina para declarar seus sentimentos por ela com uma liberdade e ousadia que fazem com que a heroína quase se jogue do veículo em movimento.

Uma vez restituída à segurança dos Mirvan, Evelina tem que lidar com todas as preocupações e suposições daqueles que, incluindo Lord Orville e a família Mirvan, não conseguiam imaginar o motivo de sua demora para retornar e a razão por não estar acompanhada de Madame Duval e o restante de seu grupo:

Miss Mirvan ran out to meet me, – and who should I see behind her, but – Lord Orville! [...] I could not endure that he should know how long a time Sir Clement and I had been together, since I was not at liberty to assign any reason for it. They all expressed great satisfaction at seeing me, and said they had been extremely uneasy and surprised that I was so long coming home, as they had heard from Lord Orville that I was not with Madame Duval.⁷

⁷ Ibidem, p. 101.

Como se percebe, Evelina é tomada pelo constrangimento por sua atitude, fundamentada propriamente naquela pretensão que ela mesma condena nos outros.⁸ Ao julgar que seus familiares comerciantes manchariam sua reputação, Evelina ignora uma parte de sua identidade e esquece momentaneamente que sua própria posição não é de prestígio, mas de desonra. Ainda que, como personagem de caráter aparentemente exemplar, ela fique autorizada a avaliar os outros, como o faz no episódio da ópera, é a ignorância da heroína que permite que ela se coloque em situações complicadas e desagradáveis. É também nesses mesmos momentos que a vulnerabilidade de sua situação – filha de um casamento irregular entre seu pai, Sir John Belmont, que não a reconhece como sua herdeira legítima, e órfã de sua mãe, Caroline Evelyn, uma mulher com a reputação arruinada que morre durante o parto – fica em evidência.

Ao mesmo tempo, portanto, que Evelina tem certa mobilidade que lhe possibilita habitar dois espaços e frequentar ora a “plateia” ora a “galeria”, isso também implica que ela não se adequa total e formalmente a nenhum deles e, como um pêndulo, oscila entre eles de acordo com estímulos e exigências externas a ela. É principalmente essa incerteza sobre a quem e a que lugar Evelina pertence que fica evidenciada no momento em que ela observa, de longe, a companhia com quem ela tencionava assistir à ópera. O desejo de fazer parte desse respeitável grupo enquanto passa por momentos de constrangimento com seus recém conhecidos familiares parece, então, simbolizar o conflito vivido pela protagonista ao longo do romance.

Ao passo que a jovem é filha de um homem de posses e possui todas as qualidades e educação esperadas de uma jovem honrada que lhe facultassem desfrutar de uma companhia e eventos sofisticados, ela ainda assim está sob a custódia de um simples Reverendo do interior, sem grandes posses; é a filha ilegítima de uma mulher corrompida e de um pai libertino; neta de uma exuberante e desbocada Madame francesa; e parente não tão distante de uma família cujo pai, Mr. Branghton, é um joalheiro que aluga quartos como fonte de renda.

A ambivalência da situação de Evelina, na medida em que ela propriamente não pertence nem a uma esfera nem a outra, não serve apenas como traço característico dela como personagem, mas se torna também um elemento que formalmente constrói a narrativa. Assim como referido acima, a coexistência de aspectos que remetem às duas

⁸ “I now most severely felt the folly of my plan, and the awkwardness of my situation; [...] Again I stood suspended. With what joy would I then have compromised with my pride, to have been once more with Madame Duval and the Branghtons, [...]” Ibidem, p. 97.

principais tradições literárias inglesas da época compõe o romance e possibilita a exploração dos sentimentos da personagem, mas também a apresentação de diferentes situações ao longo do enredo. Esse dinamismo decorre da busca da protagonista por sua identidade social, motivada pelo desejo de recuperar o sobrenome de seu pai biológico e, conseqüentemente, poder receber propostas de casamento. Ademais, fosse Evelina Anville desde o início da narrativa a filha legítima de seu pai e pertencesse a uma instituição familiar que a resguardasse de tudo e todos, também não lhe ocorreriam as situações que a ensinam e a educam sobre a realidade e, mais que isso, sobre as pessoas.

Esse veio didático e moralizante de *Evelina* se consolida como um dos elementos mais significativos da obra, pois faz referência direta aos manuais de conduta e à educação feminina convencional da época. A relação do romance de Burney com o propósito didático, que não só era evidente na constituição do romance inglês durante o século XVIII, mas também marcava sua presença em escritos religiosos como os sermões, é tema final do primeiro capítulo, com a finalidade de apontar as ressalvas que o romance parece fazer à educação feminina convencional da época.

A presença resoluta do Reverendo Villars através das cartas, nas quais ele comenta o comportamento de Evelina, ecoa todas as reflexões e princípios morais conservadores da literatura didática contemporânea a Burney, o que de pronto parece ser a mensagem edificante que o romance pretende transmitir. Contudo, parte da própria protagonista uma série de reflexões e atitudes que, apesar de não serem sancionadas pelo seu mentor, são morais e fundamentais para o processo de aprendizagem da heroína e para o desfecho favorável a ela, com o reconhecimento por parte do pai e o casamento com Lord Orville. Dessa forma, o aprendizado da personagem parece estar vinculado a habilidades que estão fora do âmbito abstrato e restritivo dos manuais e são mais associadas a competências e situações concretas que usualmente não fariam parte dessa literatura tradicional. Burney atribui ao romance um papel fundamental na educação das jovens leitoras e é a qualidade inovadora da sua escrita que também se percebe nessa apropriação e subsequente transformação do discurso didático, que, longe de se concentrar na mera reprodução categórica de axiomas, se dedica a expandir o conceito de formar e educar uma jovem mulher para que ela se torne capaz de percorrer os diferentes espaços e conviver com diversas pessoas.

Ao mesmo tempo que a primeira obra da escritora ecoa muitos dos problemas e temas literários em debate especificamente na Inglaterra durante o século XVIII – que implicam uma série de particularidades do romance –, *Evelina* também se insere na

tradição do romance europeu. Assim como na grande maioria dos romances escritos no Velho Continente durante o século XVIII, o plano de fundo que promovia e iluminava muitas das questões desenvolvidas em *Evelina* é dominado por acontecimentos históricos que perturbaram o cenário social, geográfico e cultural do Ocidente como um todo. As Revoluções Burguesa e Industrial introduziram uma nova perspectiva de inovação e mobilidade social que até então era impedida por uma sociedade que se organizava a partir de determinações estáticas acerca daqueles que pertenciam aos diferentes estamentos. A crise e a dissolução gradual do conjunto de valores tradicionais e aristocráticos estimulavam uma literatura que se constituía e representava, através de suas escolhas estéticas, formais e temáticas, o embate entre indivíduo e mundo.

A partir das considerações de Franco Moretti em *O romance de formação* e de Marcus Mazzari em *Labirintos da aprendizagem: pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada*, majoritariamente, a última seção do segundo capítulo se concentra, a princípio, nas definições acerca do romance de formação – ou *Bildungsroman* – como a forma que mais adequadamente ecoa a situação sócio-histórica da Europa no século XVIII mas que, mesmo assim, se enraíza na particularidade da experiência alemã para se configurar.

Ademais, discute-se a associação imediata entre o termo alemão e o romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* de Goethe e como isso dificulta a tentativa de aferir de que maneira essa tipologia ilustra e ilumina uma série de outros romances, como o de Burney. A narrativa da “bela alma” no sexto livro de *Wilhelm Meister*, no entanto, parece servir precisamente como uma espécie de breve modelo de como construir e quais temáticas deveriam ser desenvolvidas em uma narrativa de formação feminina, marcando, dentre elas, a capacidade da heroína de distinguir entre o bem e o mal, como a jovem conclui ao final de sua trajetória de busca pela harmonia e tranquilidade de uma vida governada pela devoção e fé religiosa: “[...] eu constatava que a inestimável ventura da liberdade não consiste em fazer tudo o que se quer e para o qual nos convidam as circunstâncias, mas sim em poder fazer sem obstáculo nem reserva, pelo caminho correto, o que consideramos justo e adequado, [...]”.⁹

Apesar de *Evelina* também ser caracterizada no romance como um modelo de virtude tão bem doutrinada por seu mentor que ela se mantém fiel a seus princípios – que categoricamente lhe possibilitam distinguir entre o certo e o errado, entre o apropriado e

⁹ GOETHE, J. W. V. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 398.

o indevido¹⁰ –, sua função parece não servir como um princípio moral para o leitor, como no caso da “bela alma”, que é também muito mais carregado de perspectivas religiosas. Diferentemente, a excelência associada à protagonista de Burney aponta que as necessárias evolução e educação femininas não são aquelas que se limitam a máximas e generalizações sobre pureza e inocência que se repetem entre si, mas que explorem as dúvidas sobre o real.

Embora nesse segundo subcapítulo também sejam explorados os pontos de contato entre ambas as narrativas, é com mais clareza sobre os diferentes propósitos e funções de cada uma delas que se evidencia a inadequação do termo romance de formação ou *Bildungsroman* para se definir o primeiro romance de Burney. Uma vez que o tema da educação na obra não parece ser um traço fundamental do que constituiria um romance de formação *lato sensu*, retomam-se as questões referentes ao propósito didático na literatura, desenvolvidas na seção anterior, que se mostram essenciais para propor uma categoria que favoreça a análise e interpretação do romance.

Como *Evelina* não é apenas o veículo a partir do qual se desenrola uma narrativa de desenvolvimento e evolução da protagonista, mas funciona como uma espécie de guia para a instrução do próprio leitor da época, o restante do subcapítulo se volta para as considerações sobre o romance de educação conforme a tipologia desenvolvida por Lukács em *A teoria do romance*. Com base nas peculiaridades daquilo que seria tradicionalmente um romance de educação (*Erziehungsroman*) – concentrado no aperfeiçoamento de alguma habilidade manual por parte de um aprendiz –, e no que o teórico húngaro considera um romance de educação, é a tipificação elaborada por Lukács que parece contemplar a trajetória da protagonista de Burney em *Evelina*.

Assim, argumentando que essa tipologia é a mais adequada para caracterizar *Evelina*, o restante do capítulo se concentra em analisar a protagonista e seus desafios como figuração daquele momento histórico, expresso em grande medida pela instabilidade e pelas incertezas que distinguem sua experiência. A partir da concepção lukácsiana do herói do romance de educação moderno como representante do seu tempo, na conclusão desse capítulo sugere-se *Evelina* como aquela que assume uma posição

¹⁰ “Yet so strong is the desire you have implanted in me to act with uprightness and propriety, that, however the weakness of my heart may distress and afflict me, it will never, I humbly trust, render me wilfully culpable. The wish of doing well governs every other, as far as concerns my conduct, – for am I not your child? – the creature of your own forming!” BURNEY, F. Op. cit. p. 336.

limítrofe, em um entrelugar que se assemelha tanto à situação do burguês, quanto à do próprio romance dentro da sociedade inglesa do século XVIII.

Através da crítica de Evelina, marcada pela sátira e ironia, a uma ordem social frívola que cegamente favorece a nobreza e que incentiva a adoção de um comportamento afetado, se observam muitos dos mesmos posicionamentos da burguesia. Ademais, a situação frágil e incerta da protagonista parece emular a própria posição incerta e problemática do burguês dentro desse cenário. Com riquezas, mas sem prestígio; com acesso, mas sem o sentimento de pertença, o burguês é metaforicamente representado na protagonista que, assim como ele, carrega consigo essa falta de identidade e essa sensação de deslocamento.

Com isso, na parte final, concluindo a dissertação, reforço as relações e aproximações entre Burney, Richardson e Fielding, realçando como a autora também explora cada uma das tradições inauguradas por ambos romancistas, expandindo ainda mais as possibilidades do romance como gênero. Ademais, se exploram questões referentes ao papel de Burney na consolidação e recriação do romance inglês como gênero – em especial aquele de educação. No entanto, a conclusão também se concentra em responder as primeiras questões que inicialmente orientaram a configuração deste trabalho: quanto à estrutura formal, o que é *Evelina*? É um romance de formação ou um *Bildungsroman*? Se sim, a partir de que composição? Se não, por quê? Como então se pode tipificar esse primeiro romance de Burney? E como essa categoria ilumina a leitura da obra?

Capítulo I

“Miss Burney, the mother of English fiction”¹¹

I cannot express the pleasure I have in writing down my thoughts, at the very moment – my opinion of people when I first see them, & how I alter, or how confirm myself in it. (Frances Burney)¹²

Não era de se esperar, para a família e amigos próximos, que, dentre os herdeiros do musicólogo, intelectual e autodidata Dr. Charles Burney, a introvertida e míope filha do meio, Frances, seria aquela que traria maior reconhecimento e prestígio para os Burney. Ao invés dos relatos dos encontros e saraus vibrantes do compositor com seus colegas e convidados ilustres – dentre eles o lexicógrafo Samuel Johnson, o ensaísta Edmund Burke e o pintor Sir Joshua Reynolds –, aquilo que cativou tanto os leitores de outrora quanto aqueles de hoje foram as narrativas engenhosas e as cartas de Frances Burney, que relatam, aberta e fidedignamente, aquilo que transcorria dentro e fora dos palcos; o antes, o durante e o depois do baile.

Apesar de o patriarca da família Burney incentivar seus herdeiros a relatarem e descreverem essas reuniões em correspondência para membros distantes da família com a intenção de que esses relatos viessem a ser futuramente lidos como testemunhos da efervescente vida cultural da Londres do século XVIII, o hábito adotado por Frances de manter um diário pessoal – onde ela escrevia narrativas fictícias e retratos satíricos daqueles que frequentavam sua casa – era considerado inadequado e estritamente proibido.

Tal costume, uma vez descoberto, resultou no famigerado incêndio – no aniversário de quinze anos da jovem – ordenado por sua madrasta, que destruiu tudo o que fora produzido por Frances até aquele momento, inclusive aquilo que se supõe ter sido o manuscrito de um romance intitulado *The History of Caroline Evelyn*, que antecederia *Evelina* e revelaria em detalhes a história da mãe de Evelina Anville.

¹¹ BRADHSAW, D. (ed.) WOOLF, V. *Selected Essays*. Oxford: Oxford University Press, 2009. pp. 129-30.

¹² TROIDE, L. E. (ed.) *The Early Journals and Letters of Fanny Burney: Volume 1 (1768-1773)*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1988. p. 14. **Grifo meu.**

Esse ímpeto de registrar não somente as circunstâncias e personalidades que Burney presenciava nesses saraus oferecidos por seu pai, mas também de criar narrativas fictícias que não correspondiam à sua realidade imediata, aponta para mais do que apenas uma capacidade descritiva e de relatar o óbvio. A autora parece se utilizar das ocasiões de entretenimento às quais era exposta como oportunidade para observar a diversidade da natureza humana em ação, ao invés de procurar estabelecer conexões diretas entre seus personagens e os companheiros de Dr. Charles Burney: “It is clear enough, however, that the work of Miss Burney, the mother of English fiction, was not inspired by any single wish to redress a grievance: the richness of the human scene as Dr. Burney’s daughter* [sic] had the chance of observing it provided a sufficient stimulus.”¹³ A reputação do pai intelectual ficava a salvo, mas sobre a filha podia recair a pecha de estar adentrando um território que lhe era vedado. Além de o hábito da escrita ser tanto desestimulado quanto sujeito a punição, como foi o caso de Frances Burney¹⁴, as restrições impostas às mulheres – como a educação recebida em casa e voltada para as exigências do trabalho doméstico, ignorando o ensino de línguas como o latim e grego em prol do domínio musical e do bordado – as inibiam de atuar na esfera pública.

No entanto, o desafio imposto pelas regras de decoro e os obstáculos gerados pelas tarefas e passatempos domésticos seriam suplantados por Burney assim como já haviam sido e ainda seriam transpostos por tantas outras escritoras, como assinalado por Woolf no ensaio intitulado “Women Novelists”. A escrita, publicação e subsequente sucesso do primeiro romance de Frances Burney, *Evelina*, representaram um pequeno passo em direção à superação tanto simbólica quanto concreta do preconceito contra e repúdio às escritoras:

[...] Jane Austen would slip her writing beneath a book if anyone came in, and Charlotte Brontë stopped in the middle of her work to pare the potatoes. But the domestic problem, being overcome or compromised with, there remained the moral one. Miss Burney had showed that it was ‘possible for a woman to write novels and be respectable’, [...]¹⁵

¹³ BRADHSAW, D. (ed.) WOOLF, V. Op. cit. pp. 129-30.

¹⁴ “[...] but however strong the impulse to write had become, it had at the outset to meet opposition not only of circumstance but of opinion. Her first manuscripts were burnt by her stepmother’s orders, and needlework was inflicted as a penance, [...].” Loc. cit.

¹⁵ Loc. cit.

As palavras de Woolf, ao reconhecer e declarar Burney como a mãe do romance inglês, são extremamente relevantes quando se propõe discutir a autora, sua obra e seu lugar dentro do cânone literário inglês, pelo qual ela foi, durante muito tempo, ignorada.

Carinhosamente apelidada de Fanny por seus irmãos – denominação até hoje utilizada com carga bastante condescendente e paternalista pela academia¹⁶ –, Frances Burney trouxe mérito singular e até então sem precedentes para uma mulher escritora de romances, que ainda em seus primórdios carregava uma carga muito negativa.

Em *A formação do romance inglês*, Vasconcelos levanta e discute os problemas que acompanharam o surgimento desse novo gênero literário, fossem eles de natureza estética, moral ou religiosa. Junto a isso, a autora esclarece como o romance se estruturou formalmente para assimilar sua contemporaneidade e como os preconceitos contra o gênero refletiram as mudanças sociais daquele momento histórico.¹⁷ Logo de início, a própria forma do romance, em prosa, constituía uma estratégia para atrair potenciais leitores, que até aquele momento estavam mais habituados a consumir peças de teatro, poemas e, obviamente, a Bíblia. Sua linguagem, que refletia a escolha por narrativas mais verossímeis e mais próximas da experiência do leitor, era consideravelmente mais coloquial do que aquela voltada para produções que exigiam conhecimento da tradição e da poética clássica.

A flexibilidade da forma e do vocabulário significava que, diferentemente da noção do artista como alguém educado nas línguas e obras clássicas, o autor de um romance poderia ser, teoricamente, qualquer pessoa alfabetizada. A desvalorização da figura do romancista plantava ainda mais suspeita sobre a moralidade do gênero, pois sobre a ficção pesava a acusação de convidar ao devaneio, à fantasia, sem contrapor limites aos efeitos das narrativas. A ideia de que a imaginação do leitor, estimulada por essas obras, poderia levá-lo a se comportar de modo questionável era motivo de grande inquietação na ordem social inglesa do século XVIII, a qual buscava manter alguma estabilidade diante das transformações sistêmicas da época.

Com essa preocupação em mente, os romancistas criaram estratégias para tornar o romance mais palatável aos seus detratores. Para conquistar alguma respeitabilidade, o gênero se autoqualificou como um veículo que poderia estimular a moral e os bons

¹⁶ Essa atitude é exemplificada pelo uso habitual de um apelido, Fanny, em lugar do verdadeiro nome de batismo da autora, Frances. A escolha parece sugerir um apequenamento da jovem como escritora que, assim como outros seus contemporâneos, não deveria ser referida por um diminutivo.

¹⁷ VASCONCELOS, S. G. T. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2007.

princípios entre os leitores e, ao mesmo tempo, condenar formas de comportamento impróprias. Para isso, buscou mascarar seu aspecto ficcional, assegurando a veracidade da narrativa através de subterfúgios como um prefácio explicativo, cartas ou fragmentos de diários. A possibilidade de explorar materiais de natureza mais íntima, como esses dois últimos, proporcionou às mulheres – aquelas que usualmente se instruíam por meio desse tipo de escrita considerada frívola – a chance de se inscreverem, literalmente, na história do gênero.

Apesar de, ainda assim, cada escritora ter que provar e conquistar seu valor com determinação e persistência, – esforço observado no mesmo ensaio por Woolf¹⁸ –, é de grande importância a constatação de que foi Burney quem elevou o *status* da escritora que abertamente escreve obras ficcionais¹⁹. Esse reconhecimento – que não ocorre somente *a posteriori*, mas também por críticos e escritores contemporâneos à publicação de *Evelina* –, atribui à própria escritora, suas intenções literárias, suas obras, e à recepção delas, um novo e renovado interesse pela forma do romance e confere-lhe prestígio pela maneira como Frances Burney e sua primeira publicação transformaram o cenário literário do século XVIII.

A mais evidente dessas inovações consiste na variedade e abundância de situações representadas ao longo da narrativa, que chocou grande parte dos leitores ao expor o quão efervescentes e dinâmicos eram, em muitos casos, a vida e os compromissos de jovens mulheres. Diferentemente de escolher entre retratar mulheres enaltecidas por se manterem recolhidas dentro de ambientes domésticos, familiares, humildes e por evitarem eventos e espaços sociais – como Pamela Andrews – ou jovens desprezadas por terem uma vida pública e por tirarem prazer e divertimento disso – como Moll Flanders –, Burney constrói uma heroína complexa que, apesar de ser caracterizada a partir de sua natureza simples, delicada e bondosa, também demonstra entusiasmo e euforia ao circular em óperas, bailes e parques, impulsos esses que não condenam ou rebaixam suas virtudes:

This moment arrived. Just going to Drury-Lane theatre. The celebrated Mr. Garrick performs Ranger.²⁰ I am quite in extacy. [...] O my dear

¹⁸ “[...] but the burden of proof still rested anew upon each authoress.” BRADHSAW, D. (ed.) WOOLF, V. Loc. cit.

¹⁹ No entanto, em um primeiro momento Burney tem seu romance publicado anonimamente, já que temia que ele fosse mal recebido pela crítica e pelo público e que isso impactasse negativamente seu pai em seu círculo. Uma vez que a obra é recebida positivamente com aclamado sucesso, Burney expõe a verdade a sua família, que então a incentiva e a convence a se revelar como a autora de *Evelina*.

²⁰ Ranger, personagem principal da peça *The Suspicious Husband* (1747), comédia escrita por Benjamin Hoadly, e um dos principais papéis encenados por David Garrick.

Sir, in what raptures am I returned! I would have given the world to have had the whole play acted over again. And when he danced – O how I envied Clarinda. I almost wished to have jumped on the stage and joined them.²¹

[...] the music and the singing were charming; they soothed me into pleasure the most grateful, the best suited to my present disposition in the world. [...] I wish the opera was every night. It is, of all entertainments, the sweetest, and most delightful. Some of the songs seemed to melt my very soul. [...] Well, my dear Sir, we went to Ranelagh. It is a charming place, and the brilliancy of the lights, on my first entrance, made me almost think I was in some enchanted castle, or fairy palace, for all looked like magic to me.²²

No entanto, essa alegria da jovem causa preocupação a seu mentor, o Reverendo Villars, que teme que Evelina seja desvirtuada por atrativos fúteis e seus apelos irresistíveis: “How new to you is the scene of life in which you are now engaged, – balls – plays – operas – ridottos – Ah, my child! at your return hither, how will you bear the change? My heart trembles for your future tranquillity. – Yet I will hope every thing from the unsullied whiteness of your soul, and the native liveliness of your disposition.”²³

A preleção de Villars se inicia com uma condenação à cidade, seus modos, seus entretenimentos, e àqueles que a habitam e se regozijam em seus divertimentos:

Indeed it is the general harbour of fraud and of folly, of duplicity and of impertinence; and I wish few things more fervently, than that you may have taken a lasting leave of it. Remember, however, that I only speak in regard to a public and dissipated life; in private families we may doubtless find as much goodness, honesty, and virtue, in London as in the country.²⁴

Logo em seguida a esse retrato pessimista e conservador, o Reverendo continua sua súplica e manifesta seu anseio para que a jovem não siga os exemplos de excesso, descomedimento e excentricidade que a envolvem na cidade, descrevendo seus desejos e votos de que Evelina, ao permanecer comedida e resguardada como sempre, se torne o ideal de inocência e candura, objetivo esse que levou o Mr. Villars a se dedicar com tanta rigidez e disciplina à educação e às experiências da protagonista:

If contented with a retired station, I still hope I shall live to see my Evelina the ornament of her neighbourhood, and the pride and delight

²¹ BURNEY, F. Op. cit. pp. 27-8.

²² Ibidem, p. 38.

²³ Ibidem, p. 57.

²⁴ Ibidem, p. 117.

of her family; and giving and receiving joy from such society as may best deserve her affection, and employing herself in such useful and innocent occupations as may secure and merit the tenderest love of her friends, and the worthiest satisfaction of her own heart. Such are my hopes, and such have been my expectations. Disappointment them not, my beloved child; but cheer me with a few lines, that may assure me, this one short fortnight spent in town has not undone the work of seventeen years spent in the country.²⁵

No entanto, o traço interessante e inovador da personagem de Burney é que, mesmo aproveitando todas as distrações e divertimentos disponíveis em Londres, Evelina ainda mantém sua condição incontestável de pureza e bondade imaculadas. Em vez de a protagonista ser simples e coesa, Burney parece combinar características contrastantes que se alinham e, em uníssono, constroem Evelina Anville, que é tanto ingênua e benevolente, quanto sagaz e crítica. Essa representação contraditória de uma personagem feminina, por sua vez, contesta a convicção corrente à época, que defendia que só era possível às mulheres serem ou completamente virtuosas ou dissolutas.

A construção literária da multiplicidade inerente à natureza humana é ainda mais aprofundada pela relação de duplicidade instituída entre a protagonista, sua falecida mãe, Caroline Evelyn, e sua avó, Madame Duval. Evelina é positiva e recorrentemente descrita por outros personagens em termos de seu caráter ingênuo e alheio aos costumes elegantes, – “She is quite a little rustic, and knows nothing of the world;”²⁶ – e se autodetermina, com modéstia, a partir de sua ignorância e falta de experiência – “I am too inexperienced and ignorant to conduct myself with propriety in this town, where every thing is new to me, and many things are unaccountable and perplexing.”²⁷ Sua avó, por outro lado, é alvo de deboche, até mesmo por sua própria neta,²⁸ por apresentar essas mesmas características. As apreensões, ansiedades e incertezas sentidas por Evelina, em grande medida, se assemelham e também singularizam a experiência de sua avó, que, assim como a neta, se caracteriza como estrangeira àquele modo de vida, costumes e comportamento: “[...] Madame Duval; she is totally at a loss in what manner to behave;”²⁹

A partir desses termos, o apego de Madame Duval à França assemelha-se àquele sentido por Evelina por Berry Hill, já que ambas pretendem se retirar desses espaços em

²⁵ Ibidem, p. 118.

²⁶ Ibidem, p. 21.

²⁷ Ibidem, p. 50.

²⁸ “[...] and so little does she reflect upon circumstances, or probability, that she is continually the dupe of her own – I ought not to say *ignorance*, but yet, I can think of no other word.” Ibidem, p. 143.

²⁹ Ibidem, p. 13.

que elas viviam, e visitar Londres, cidade que acaba se tornando o palco no qual a ingenuidade das duas resulta em equívocos semelhantes, como pode ser percebido no episódio em que ambas tomam duas prostitutas por mulheres elegantes e refinadas:

I started, and then, to my great terror, perceived that I had outrun all my companions, and saw not one human being I knew! (...) I screamed aloud with fear, and, (...) I ran hastily up to two ladies, and cried, ‘For Heaven’s sake, dear ladies, afford me some protection!’ (...) I will not dwell upon a conversation, which soon, to my inexpressible horror, convinced me I had sought protection from insult, of those who were themselves most likely to offer it! (...) As to Madame Duval, she was for some time so strangely imposed upon, that she thought they were two real fine ladies. Indeed it is wonderful to see how easily and how frequently she is deceived:³⁰

Por outro lado, a semelhança entre o nome da heroína, Evelina, e o segundo nome de sua mãe, Evelyn, ajuda também a promover essa correspondência entre mãe e filha, ainda mais reforçada pelo paralelo entre suas aparências físicas³¹ e pela situação de isolamento de ambas na residência e sob os olhos do Reverendo Villars,³² seguido por um forçoso salto para a socialização.

O dispositivo do duplo³³ estabelecido entre essas três personagens parece servir para que o leitor perceba que Evelina, apesar de sua *aparente* excelência,³⁴ ainda é tão suscetível a infortúnios e perigos quanto sua mãe, e a gafes, paixões e hostilidade quanto Madame Duval, que, a título de exemplo, também é aquela que vocaliza muitas das antipatias sentidas tanto por ela quanto por sua neta:

³⁰ Ibidem, pp. 234-7.

³¹ “She has the same gentleness in her manners, the same natural grace in her motions, that I formerly so much admired in her mother.” Ibidem, p. 23; “Lift up thy head, – if my sight has not blasted thee, – lift up thy head, thou image of my long-lost Caroline!” (...) ‘Yes, yes,’ cried he, looking earnestly in my face, ‘I see, I see thou art her child! she lives – she breathes – she is present to my view! (...)’” Ibidem, p. 441.

³² “Miss Evelyn [Caroline], Madam, from the second to the eighteenth year of her life, was brought up under my care, and, except when at school, under my roof. (...) She loved me [Mr. Villars] as her father;” Ibidem, p. 16; “I have cherished, succoured, and supported her [Evelina], from her earliest infancy to her sixteenth year [...] so deep is the impression which the misfortunes of her [Evelina] mother have made on my heart, that she does not, even for a moment, quit my sight, without exciting apprehensions and terrors which almost overpower me.” Ibidem, pp. 17-8.

³³ Ou *Doppelgänger*.

³⁴ Acentuo a possível dissimulação de Evelina em encobrir sua verdadeira personalidade a partir da frequência com que aparece no romance linguagem referente à incerteza sobre a veracidade e autenticidade de tal comportamento: “Her character **seems** truly ingenuous and simple;” (Ibidem, p. 23. **Grifo meu.**); “[...] but indeed I was too much confused to think or **act** with any consistency. [...] Shocked to find how silly, how childish a **part** I had **acted**, [...]” (Ibidem, p. 33. **Grifo meu.**); “I suppose my consciousness betrayed my **artifice**, [...]” (Ibidem, p. 42. **Grifo meu.**)

Like her granddaughter, she reacts instantly against the Captain's [Mirvan] boorish aggression, recognizing immediately, in Evelina's words, 'how gross he is' (p. 50). And she is equally mistrustful of Sir Clement Willoughby, whose willingness to act as Captain Mirvan's accomplice reveals the 'old-fashion', and ultimately more dangerous, attitude to women which lurks beneath his suave exterior.³⁵

Em última instância, o que se apreende desses paralelismos e simetrias entre a protagonista e essas outras personagens, simultaneamente tão díspares e parecidas entre si, é que eles colaboram para uma representação fidedigna da subjetividade complexa e múltipla especialmente da protagonista e, por consequência, da identidade de jovens mulheres em processo de educação, ao revelar e explorar todas as camadas que compõem um indivíduo.

A subsequente descoberta e revelação de que o romance *Evelina* havia sido escrito por uma mulher e por ninguém menos que uma das herdeiras do respeitável Dr. Charles Burney também contribuiu para suspender a ilusão de que as mulheres eram unidimensionais e que aquelas que eram dignas não escreviam romances e tampouco tinham muita experiência de vida para preencher as páginas de suas narrativas com enredos fascinantes e envolventes, sendo capazes apenas de partilhar relatos insignificantes referentes às pequenezas domésticas.

Como apontado por Spender em *The Mothers of the Novel*, a diversidade alcançada por Burney não se limita somente a representar uma grande variedade de diferentes cenários e suas fontes de entretenimento, mas também busca retratar e construir personagens completos e integralmente acabados em suas totalidades complexas, dispondo tanto de qualidades invejáveis e cobiçadas quanto de defeitos vergonhosos e humilhantes:

When it was realised that Fanny Burney was the author of the highly acclaimed *Evelina* (1778), astonishment was expressed at the range of lifestyles depicted in the novel; questions were asked as to how a young lady could know so much about the world. It was not just that characters from the 'highest' to the 'lowest' stations in life were portrayed authentically, but that the author had also looked on the best and the worst of the human soul, and it was the *extent* of Fanny Burney's inner and outer observations which prompted the questions.³⁶

³⁵ JONES, V. Introduction. In: BURNEY, F. Op. cit. pp. xxvi-ii.

³⁶ SPENDER, D. *Mothers of the Novel: 100 Good Women Writers before Jane Austen*. New York: Routledge & Kegan Paul Inc, 1986. p. 276.

No entanto, é ainda extremamente relevante atentar para essa abrangência surpreendente em relação ao mundo externo que Burney atinge em seu primeiro romance. Em suas narrativas, e logo de início em *Evelina*, a autora se preocupa em transformar a cidade cosmopolita em si, Londres, em personagem central e indispensável da obra, concentrando seus esforços em descrever tanto os passatempos e as opções de lazer disponíveis quanto as impressões de quem os vivencia. É especialmente pertinente o relato detalhado do contexto urbano naquele momento do século XVIII, considerando as transformações sociais e econômicas em curso que modificaram definitivamente a organização e a conjuntura social e geográfica dos centros urbanos e dos meios rurais da Inglaterra.

Resultado da erosão da tradicional vida campestre e devido à migração para as cidades em busca das novas possibilidades e perspectivas que nelas se continham, os centros urbanos – e Londres nesse caso, especificamente – se tornavam o grande núcleo de interesse para o romance, que tinha como um de seus propósitos primeiros aquele de comunicar e orientar seus leitores – por meio dos mais diversos meios e estratégias – a transitarem pela vida e suas adversidades como elas se apresentavam naquele tempo e espaço, tão característico por suas revoluções e mudanças:

such content [of novels] also meant that basic cultural facts were available: about courtship, about decision making, about the practical consequences involved in the choices one made about career, marriage partner, and way of life. These stories were “realistic” not just in the way they relied on contemporary norms of ordinariness, probability, and credibility, but also because they represented the implications of choices in local and contemporary terms.³⁷

O que também é traço realista – no sentido de referir-se ao extraliterário e ao mundo físico – em *Evelina* não são somente os espaços físicos que ela evoca para seu leitor ao citar seus nomes – como é o caso de Drury Lane, Portland Chapel, St. James’s Park, Kensington Gardens, Vauxhall, entre outros –, mas também os comportamentos que são descritos e relatados pela protagonista que, por ser estranha a esses costumes, é capaz de expô-los imparcialmente em sua excentricidade, como ela o faz no seguinte trecho, a valor de exemplo: “The gentlemen, as they passed and repassed, looked as if they thought we were quite at their disposal, and only waiting for the honour of their commands; and

³⁷ RICHETTI, John (ed.) *The Cambridge Companion to the Eighteenth-Century Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 23.

they sauntered about, in a careless indolent manner, as if with a view to keep us in suspense.”³⁸

A menção recorrente a esses lugares e às impressões de Evelina sobre eles pode parecer até insignificante, mas ela é relevante e essencial para o romance e para os efeitos que se desdobram a partir disso. Além de contar com o conhecimento prévio do leitor, ao instituir esses ambientes na narrativa, Burney os desmistifica e os denuncia em sua crua realidade, desvelando a Londres onipotente do século XVIII, que, com sua diversidade esplendorosa e soberba, representava e despertava tanto deslumbramento e curiosidade quanto ansiedades, especialmente para as jovens, que viam nesses ambientes urbanos a possibilidade de conquistar um casamento vantajoso.

É esse relato fidedigno do social e das reverberações dele sob o particular feminino que, como apontado por Copeland e McMaster, faz *Evelina* destoar e se distinguir dos demais romances publicados na época que, assim como o romance em questão, se utilizavam das relações e situações sociais como instrumento literário e princípio narrativo:

The sociable occasion was a long-standing narrative device and indeed structuring topos in eighteenth-century fiction, [...] Never before, however, had the novel made sociability its subject in such a comprehensive and, moreover, topically realistic way. [...] The sense of both anticipation and anxiety surrounding these shows of London is dramatized in Burney’s detailed descriptions of Evelina getting to and from particular public places.³⁹

Ademais, Burney, ao contrário de construir uma narrativa contendo como pano de fundo central espaços domésticos e intimistas, lança sua protagonista em uma direção oposta, subvertendo convicções preconcebidas sobre o feminino e expõe as dificuldades e tribulações contidas na circulação de uma jovem pelo universo urbano. Essa descrição, ancorada diretamente no real, mostra como as várias revoluções ideológicas e sociais do século XVIII se manifestavam e interroga se elas transformaram – ou não – a experiência feminina:

[...] throughout the novel Burney exploits her readers’ familiarity with actual venues of sociability in London to enhance the reality effect of her fiction. This innovation has a number of ground-breaking

³⁸ BURNEY, F. Op. cit. p. 30.

³⁹ COPELAND, E. & McMASTER, J. (ed.) *The Cambridge Companion to Jane Austen*. Cambridge: Cambridge University Press. 2011, p. 178.

implications. *Evelina* demystifies the ideology of polite sociability with its valorization of women's role in social life as essentially ameliorative. By highlighting the material conditions of class and gender, symbolized by actual places in her novel, Burney sets limits on female participation in the public sphere. The novel suggests that the cultural 'revolution' of the 1770s was only a partial one: commercialized public culture remained profoundly masculinist and in some cases physically dangerous for women.⁴⁰

Dessa forma, através da franqueza de Evelina sobre a cidade e todos os eventos que nela acontecem, a protagonista aponta para a inusitada escolha da autora em moldar uma personagem que tem algo a dizer sobre os âmbitos público e urbano, e que não se restringe unicamente à esfera familiar. Com a ascensão da burguesia, a nova concepção do que seria propriamente feminino se respaldava na esfera doméstica e privada, assim como no campo das emoções e da moral: "The redefinition of womanhood included a reappraisal of women's proper authority, and women were now seen as having a legitimate authority within the private sphere: including domestic life, emotions, romance and the young girl's moral welfare."⁴¹ Em *Evelina*, no entanto, essas convicções limitadoras são contestadas na medida em que Burney apresenta os espaços da cidade como locais também disponíveis e apropriados para mulheres, nos quais era possível que as jovens aprendessem e evoluíssem tanto no nível pessoal quanto social.

Ao inserir em suas obras esses locais – especialmente os salões onde ocorriam os jantares, mesas de jogos, concertos particulares e bailes –, a autora valoriza a presença e importância deles não somente para a sociedade, mas para o próprio romance. Como observam Copeland e McMaster, Burney transforma o baile e o tão relevante encontro entre a protagonista e seu principal interesse romântico – Lord Orville – em paradigmas estruturais literários que materializam a ascensão de um indivíduo para camadas sociais mais prestigiosas, um percurso que dialoga com o fascínio da época por relatos de provação e realização pessoal:

[...] However, by recasting the marvellous elements of traditional romance in terms of the heterosocial modern romance of the ballroom, Burney was able to develop the novel as a vehicle for the transformative potential of sociability. Evelina's initial encounter with Lord Orville at a private assembly fictionalizes as modern romance eighteenth-century culture's investment in sociability as productive of social and personal

⁴⁰ Ibidem, p. 179.

⁴¹ SPENCER, J. *The Rise of the Woman Novelist: From Aphra Behn to Jane Austen*. Oxford: Blackwell, 1986, p. 21.

transformation, thus making the ballroom a paradigmatic site of western fiction.⁴²

Adicionalmente, portanto, a atenção dada à vida social nas obras de Burney auxilia na configuração do romance como o meio mais adequado e promissor para expor, de maneira franca, aspectos referentes a potenciais situações públicas, mas, também, para expressar como a convivência com outrem possui a capacidade de transformar e desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento e evolução plena sobretudo de jovens mulheres. O romance, por conseguinte, começa a se consolidar formalmente com a determinação de temas e assuntos pertinentes a seus interesses, assim como com a composição e experimentação de maneiras sobre *como* abordar tais tópicos.

A atenção voltada aos ambientes e experiências coletivas em *Evelina* também evidencia outra inovação significativa do ponto de vista formal, considerando que a autora se utiliza do relato epistolar. Ao invés de recorrer a essa forma a fim de explorar o mundo subjetivo e interior da personagem como veículo para a conscientização e instrução do leitor, Burney se utiliza das cartas escritas e intercambiadas entre os personagens da obra também para comunicar o encadeamento dos acontecimentos narrativos, mas em especial para tratar e abordar o social e o mundo externo.

Essa ressignificação formal registra os esforços da autora para transformar as tentativas de não apenas representar os hábitos e costumes de jovens mulheres, mas também de controlar e encaminhar os comportamentos e impulsos delas. Ao invés de redigir textos e ensaios que apontassem nominalmente o que as jovens deveriam evitar, sobre o que poderiam mostrar interesse e como se esperava que se portassem, Burney não se propõe a propriamente educar as mulheres através de axiomas – atribuindo a elas o papel de leitoras passivas –, mas sim a ensiná-las, ativamente, a decifrar situações, confiar em seus instintos e capacidade de julgamento e, em última instância, decidir como e quando agir:

Refusing to be governed by unrelated, disparate texts that saturated the marketplace as they attempted to control London's populace, Burney writes *Cecilia* as an experiment in imaginative self-government. Burney does not write *Evelina* or *Cecilia* to govern readers; rather, she offers readers (particularly women readers) new interpretive strategies for governing themselves within a London that is not of their own making.⁴³

⁴² COPELAND, E. & McMASTER, J. (ed.) Op. cit. p. 179.

⁴³ BOND, E. *Reading London: Urban Speculation and Imaginative Government in Eighteenth-Century Literature*. Columbus: The Ohio State University Press, 2007. p. 189.

Como argumentado por Bond em *Reading London: Urban Speculation and Imaginative Government in Eighteenth-Century Literature*, Burney adapta e modifica o romance, a literatura didática da época e a narrativa epistolar de maneira que *Evelina* se torna uma obra que se preocupa em moldar e configurar a experiência feminina como ampla e não exclusivamente representável por monólogos interiores e inércia, mas também por ações, atividades e autonomia:

In particular, I argue that *Evelina* and *Cecilia* constituted a project in which Burney rejected confessional and interior revelation as signs of feminine health or proper conduct. Writing about women and their relationship to a city previously defined by male writers such as Gay, Addison, and Steele, Burney suggests that highly self-conscious interpretative activity should replace epistolary confession.⁴⁴

Apesar da atenção por parte da autora em enfatizar os aspectos externos à heroína e de se utilizar das cartas que compõem a obra de uma maneira inusitada como terreno onde se incorporam também acontecimentos cotidianos, o interesse em abordar a interioridade da protagonista não é abandonado e é também outra característica inovadora do primeiro romance de Burney.

É propriamente essa associação entre o exterior e o mundo particular e subjetivo da heroína, a representação da relação e vínculo entre ambos – e as reverberações disso –, que acaba sendo uma das conquistas alcançadas pela obra. Muito mais do que examinar o habitual, enunciando uma série de acontecimentos e eventos coerentes e rotineiros à época, é a especificidade da experiência individual de Evelina e suas análises e reflexões críticas dessa vivência que retrata não somente como a vida *é*, mas mais crucial que isso, como ela se *parece* para uma jovem mulher: “[...] she [Burney] managed to reveal in astonishing detail what it felt like to be a female, insecure, vulnerable, innocent, and in love, and what it meant for an ingenue, to learn acceptable habits. [...] no previous account had offered quite so intimate and detailed picture [...]”⁴⁵

O relato dessa intimidade serve ao propósito mais intuitivo de explorar a complexidade da protagonista, mas, adicionalmente, também o de expor os desafios e obstáculos enfrentados pelas mulheres, sobre as quais se impunha uma miríade de pressões e controle. O esforço e a angústia contidos na trajetória de Evelina, por sua vez,

⁴⁴ Ibidem, p. 190.

⁴⁵ RICHETTI, J. (ed.). Op. cit. p. 33.

denunciam como um todo o exibicionismo que permeava o jogo social, destacando a desigualdade entre os sexos no que diz respeito às obrigações, decoro e autocontrole exigidos delas:

[...] Burney offers remarkably perceptive insights into women's struggle for autonomy in urban contexts and shows how the diverse challenges of city life influence her heroines' worldviews and inform their character developments. In this sense, she not only tells the stories of her characters but also offers a critical analysis of London society, particularly in relation to performances of gender and class.⁴⁶

A experiência opressiva dentro de uma sociedade sexista, por sua vez, permite que a protagonista assimile e aprenda a manejar as ferramentas e recursos que a auxiliem a navegar as situações que se apresentam a ela. É através desse caminho que Burney revela as concessões que acabam sendo feitas por jovens mulheres em prol da manutenção de um *status quo* que as compele a administrar suas diferentes facetas e versões para serem analisadas e investigadas como objetos de *display*. As dificuldades envolvidas nesse controle socioemocional exigido das mulheres são a principal preocupação da autora, que as trata de diferentes maneiras e em intensidades distintas em *Evelina* e em todas as suas obras posteriores: “The most pressing challenge that Burney's heroines confront is one of how to reconcile their innermost wishes and desires with the demands of a conservative/patriarchal society.”⁴⁷

A adequação interior de Evelina é um dos atrativos do romance que, diferentemente de outras abordagens e perspectivas sobre a experiência feminina mais comuns à época, não se concentra apenas no aprendizado de atitudes e práticas sociais – que modificam a protagonista e que portanto validam o amadurecimento dela – como relevantes para a educação das mulheres, mas também ressalta a importância do autoconhecimento e da capacidade de discernir e julgar não apenas acontecimentos, mas a si mesma e suas próprias atitudes:

When Frances Burney's early Bildungsroman, *Evelina* (1778), entered London's literary scene, it supplied readers with more than a narrative invested in its protagonist's social maturation. Evelina's “entrance into

⁴⁶ TUZUN, H. O. Becoming Evelina: The Quest for Selfhood and Identity. In.: BAKAY, G. & MUDURE, M. *Trading Women, Traded Women: A Historical Scrutiny of Gendered Trading*. Frankfurt: Peter Lang GmbH, 2016. p. 342.

⁴⁷ Loc. cit.

the world” of manners and mores is also a developmental account of the young heroine’s rise toward self-consciousness.⁴⁸

No primeiro romance da autora, um momento emblemático e significativo no enredo – dentre os vários que se apresentam ao longo da narrativa – que ilustra precisamente esse embate entre inclinações e impulsos pessoais e compostura e circunspeção mandatórios, e que parece admitir uma predileção pelas expressões individuais, pode ser observado quando Evelina testemunha o jovem poeta escocês, Mr. Macartney, se apossar de uma arma que ela acredita será usada no suicídio do tímido e cabisbaixo rapaz:

[...] I saw, passing by the door, with a look perturbed and affrighted, the same young man I mentioned in my last letter. Not heeding, as I suppose, how he went, in turning the corner of the stairs, which are narrow and winding, his foot slipped, and he fell, but, almost instantly rising, I plainly perceived the end of a pistol, which started from his pocket, by hitting against the stairs.⁴⁹

Uma vez observada a situação, Evelina sofre uma reação física intensa, que a domina como uma espécie de paralisia geral que só é apaziguada quando a heroína recorda sua autonomia e a possibilidade que se depositava em suas mãos de deter qualquer incidente que estivesse prestes a acontecer: “[...] Struck with the dreadful idea, all my strength seemed to fail me; – I sat motionless; – I lost all power of action, – and grew almost stiff with horror. [...] till, recollecting that it was yet possible to prevent the fatal deed, all my faculties seemed to return, with the hope of saving him.”⁵⁰

Esse momento de autoconsciência recai subitamente sobre a protagonista como um impulso irreprimível – “In a moment, strength and courage seemed lent me as by **inspiration**.”;⁵¹ “When I reached the door, I turned round; I looked fearfully at the pistols, and, impelled by **an emotion I could not repress**, [...]”⁵² – levando à suposição de que ultrapassar os limites das imposições decorosas poderia ser algo positivo e até mesmo necessário. São situações improváveis como essa – assim como outras, como quando, ao longo da narrativa, Evelina é colocada em situações perigosas das quais apenas consegue

⁴⁸ ERON, S. “More than a Conscious Feeling: Reading Evelina’s Mind in Time”. *Studies in the Novel*, vol. 50, n. 2, 2018. p. 171.

⁴⁹ BURNEY, F. Op. cit. pp. 182-3.

⁵⁰ Ibidem, p. 183.

⁵¹ Ibidem, **Grifo meu**.

⁵² Ibidem, p. 184. **Grifo meu**.

escapar por se comportar menos convencionalmente – que questionam a adequação e a pertinência de uma orientação aconselhada e definida por homens, mas voltada para mulheres.

Ao passo que Burney se utiliza de uma convenção literária descrita como a do *lover-mentor*, na qual sobre a figura do amado da protagonista recai também a responsabilidade de funcionar como o mentor moral e comportamental que substituirá a figura paterna,⁵³ a autora parece subverter e pôr à prova esse modelo à medida que se utiliza dele mas alude à sua insuficiência.

Como argumentado por Shaffer e Schaffer, o romance evidencia uma sequência de momentos nos quais Evelina não só é capaz de decidir por si só sobre como agir, mas acaba fazendo escolhas certas quando se distancia e se opõe aos conselhos e advertências de seu mentor primordial, o Reverendo Villars:

In fact, however, while the novel thus clearly invokes the lover-mentor convention, it undermines its reliance on the convention by demonstrating that Evelina is able to determine for herself how to act, and that in some cases, is able to act morally only when departing from the advice of male mentors.⁵⁴

Conforme apontado acima, ao interromper o Mr. Macartney, Evelina tanto ignora as normas de conduta que certamente a aconselhariam a manter-se discreta, quanto contesta as suposições românticas de que as mulheres seriam seres muito frágeis e, portanto, incapazes de agir em situações sérias que lhes causariam uma série de desmaios e ataques nervosos. A jovem protagonista, apesar de seus medos, se porta corajosamente ao intervir nesse momento dramático, o que provoca uma resposta um tanto quanto ambígua de Villars:

The pistol scene made me shudder: the courage with which you pursued this desperate man, **at once delighted and terrified me**. Be ever thus, my dearest Evelina, dauntless in the cause of distress! let no weak fears, no timid doubts, deter you from the exertion of your duty, according to

⁵³ No caso de *Evelina*, com a distância de Villars, o interesse amoroso da heroína, Lord Orville, acaba desempenhando papel de protetor e orientador. O paralelo que a própria protagonista estabelece entre ambos confirma essa correspondência – “O, Sir! – was there ever such another man as Lord Orville? – Yes, *one* other now resides at Berry Hill [Rev. Villars]!” (Ibidem, p. 320) – e só se reforça quando Orville se oferece para assumir o papel de irmão de Evelina: “Would to Heaven,” cried I, frightened to see how much Lord Merton was in liquor, “that I too had a brother! – and then I should not be exposed to such treatment.” Lord Orville, instantly quitting Lady Louisa, said, “Will Miss Anville allow me the honour of taking that title?” (Ibidem, p. 313)

⁵⁴ SHAFFER, J. & SCHAFFER, J. “Not Subordinate: Empowering Women in the Marriage-Plot – The Novels of Frances Burney, Maria Edgeworth, and Jane Austen” *Criticism*. vol. 34, n. 1, 1992. pp. 59-60.

the fullest sense of it that Nature has implanted in your mind. Though gentleness and modesty are the peculiar attributes of your sex, yet fortitude and firmness, when occasion demands them, are virtues as noble and as becoming in women as in men: the right line of conduct is the same for both sexes, though the manner in which it is pursued, may somewhat vary, and be accommodated to the strength or weakness of the different travellers.⁵⁵

A reação dúbia do Reverendo parece corroborar a hipótese levantada no artigo de Shaffer e Schaffer de que um dos efeitos do romance de Burney consiste em instigar uma leitura crítica que considere a validade e aplicabilidade do discurso didático do século XVIII. Nesse momento especificamente, percebe-se uma profusão de recomendações e incentivos à firmeza da protagonista que, por sua vez, contradizem as esperanças de Villars quanto à permanência da fragilidade e delicadeza de Evelina. Ademais, a imprecisão generalizada do tutor – que não justifica nem ilustra nenhuma das suas considerações sobre a nobreza do comportamento feminino – reforça a incerteza que caracteriza as instruções paternalistas da época, ao passo que o romance de Burney defende uma conduta norteadada pelas próprias inclinações pessoais.

Além disso, mais ao final da obra, quando o guardião de Evelina percebe que sua protegida está inconscientemente demonstrando e alimentando sua predileção e simpatia por Lord Orville, é com afinco e resoluta persistência que ele ordena que Evelina não apenas seja retirada com urgência do mesmo ambiente em que convive com Orville, mas que, enquanto as devidas providências são tomadas para sua viagem de retorno a seu vilarejo natal (Berry Hill), ela consinta em rejeitá-lo com frieza e distância e evite sua presença e companhia através de quaisquer meios necessários: “You must quit him! – his sight is baneful to your repose, his society is death to your future tranquillity! [...] I have meditated upon every possible expedient that might tend to your happiness, ere I fixed upon exacting from you a compliance which I am convinced will be most painful to you; but I can satisfy myself in none.”⁵⁶

Uma vez lida a carta, Evelina prontamente se compromete a seguir as determinações de Villars – mesmo contra sua própria vontade – com a esperança de que seu consentimento e sua renúncia a redimam perante os olhos de seu conselheiro:

No, I cannot tell him [Lord Orville] I am going, – I dare not trust myself to take leave of him, – I will run away without seeing him: – implicitly

⁵⁵ BURNEY, F. Op. cit. p. 218. **Grifo meu.**

⁵⁶ Ibidem, p. 309.

will I follow your advice, avoid his sight, and shun his society! [...] Tomorrow morning I will set off for Berry Hill. [...] And to-day, – I will spend in my room. The readiness of my obedience is the only atonement I can offer, for the weakness which calls for its exertion.⁵⁷

Contudo, apesar de a heroína se esforçar por alguns dias em mudar seu comportamento, ela não consegue se manter fiel às recomendações de seu guardião e acaba se entregando a seus próprios sentimentos e às iniciativas de Orville que, com a mudança abrupta nas atitudes de Evelina, procura ser ainda mais atencioso e apologético em suas tentativas de se reaproximar da jovem. No entanto, ao invés de esse desvio na atuação da protagonista significar e provocar uma punição para ela, é o oposto que acaba acontecendo; sobretudo por Evelina não cumprir as exigências de seu mentor é que ela conquista o casamento com Orville e os encontros com seu pai, Sir John Belmont, que a levam a ser reconhecida como herdeira legítima e a restabelecer a reputação de sua falecida mãe.

Além disso, a heroína alcança tais triunfos não só por agir em desacordo com as regras de Villars, mas ao ser conduzida e orientada pela Mrs. Selwyn, personagem que aparece mais ao final do romance e que convida Evelina a acompanhá-la em uma viagem a Bristol com a intenção de restituir vitalidade à saúde fragilizada da jovem: “Mrs. Selwyn, a lady of large fortune, who lives about three miles from Berry Hill, and who has always honoured me with very distinguishing marks of regard, is going, in a short time, to Bristol, and has proposed to Mr. Villars to take me with her for the recovery of my health.”⁵⁸

Apesar de Evelina ser encorajada a ir a Bristol em prol de seu bem-estar, o reverendo expõe sua insatisfação com a acompanhante, a Mrs. Selwyn, descrita principalmente a partir de características consideradas masculinas – como inteligência, confiança e senso de humor – que, apesar de desejadas e respeitadas em homens, são intoleráveis em mulheres:

Mrs. Selwyn is very kind and attentive to me. She is extremely clever: her understanding, indeed, may be called masculine: but, unfortunately, her manners deserve the same epithet; for, in studying to acquire the knowledge of the other sex, she has lost all the softness of her own. [...] I have never been personally hurt at her want of gentleness; a virtue which, nevertheless, seems so essential a part of the female character, that I find myself more awkward, and less at ease, with a woman who

⁵⁷ Ibidem, p. 322.

⁵⁸ Ibidem, p. 261.

wants it, than I do with a man. She is not a favourite with Mr. Villars, who has often been disgusted at her unmerciful propensity to satire [...]”⁵⁹

É durante essa última expedição da heroína que sua autêntica e descomedida companheira de viagem instiga ao mesmo tempo que caçoa da predileção de Orville pela protagonista. Esse misto de chacota e encorajamento pela Mrs. Selwyn na verdade é o que colabora para que Evelina e Orville possam conversar em particular e se aproximar. As desculpas e estratégias arquitetadas pela excêntrica senhora desempenham uma função essencial para o desfecho do romance: não fosse seu pedido para que Evelina buscasse alguns livros para ela na sala de estar como pretexto para que a jovem e Lord Orville se encontrassem antes do intentado regresso de Evelina para Berry Hill, o casal não teria a oportunidade de esclarecer uma série de mal-entendidos:

However, when, during dinner, Mrs. Beaumont spoke of our journey, my gravity was no longer singular; a cloud instantly overspread the countenance of Lord Orville, and he became nearly as thoughtful and as silent as myself. We all went together to the drawing-room. After a short and unentertaining conversation, Mrs. Selwyn said she must prepare for her journey, and begged me to see for some books she had left in the parlour. And here, while I was looking for them, I was followed by Lord Orville. He shut the door after he came in, and, approaching me with a look of anxiety, said, “Is this true, Miss Anville, are you going?”⁶⁰

Apenas por causa desse esquema tecido pela controversa e irônica Mrs. Selwyn é que Evelina e Lord Orville conseguem esclarecer questões e suspeitas – em especial sobre a intimidade de Evelina com seu mais insistente pretendente, Sir Clement Willoughby, e as motivações da jovem em se encontrar com o Mr. Macartney em sigilo – e revelar o afeto recíproco:

“O, my Lord,” exclaimed I, “[...] – surely your Lordship is not so cruel as to mock me!” “Mock you!” repeated he earnestly, “no I revere you! I esteem and I admire you above all human beings! you are the friend to whom my soul is attached as to its better half! you are the most amiable, the most perfect of women! and you are dearer to me than language has the power of telling.” [...] I cannot write the scene that followed, though every word is engraven on my heart; [...] – in short, my dear Sir, I was not proof against his solicitations – and he drew from me the most sacred secret of my heart! I know not how long we were together; but Lord Orville was upon his knees, when the door was

⁵⁹ Ibidem, p. 269.

⁶⁰ Ibidem, pp. 350-1.

opened by Mrs. Selwyn! [...] At last, “My Lord” said she, sarcastically, “have you been so good as to help Miss Anville to look for my books?” “Yes, Madam,” answered he, attempting to rally, “and I hope we shall soon be able to find them.” “Your Lordship is extremely kind,” said she, drily, “but I can by no means consent to take up any more of your time.” Then looking on the window-seat, she presently found the books, and added, “Come, here are just three, and so like the servants in the Drummer, this important affair may give employment to us all.” She then presented one of them to Lord Orville, another to me, and taking a third herself, with a most provoking look, she left the room.⁶¹

Adicionalmente, Evelina só consegue se reunir com o Sir Belmont e conhecê-lo ao seguir as recomendações da Mrs. Selwyn, que, diferentemente daquelas determinadas pelo Mr. Villars – que recomendava a discrição da heroína e que ela evitasse encontrar seu pai –, encorajavam a protagonista a se colocar diante do Sir John Belmont: “She says, that I ought instantly to go to town, find out my father, and have the affair cleared up. She assures me I have too strong a resemblance to my dear, though unknown, mother, to allow of the least hesitation in my being owned, when once I am seen.”⁶² Em última instância, somente por causa dessa insistência quase grosseira da Mrs. Selwyn e da consequente transgressão das ordens do aparentemente sábio Reverendo é que Evelina conquista tudo aquilo – casamento e riqueza – que não só coroa todo o percurso traçado pela protagonista, mas a recompensa por todas as concessões e desvios feitos.

Desse modo, Burney parece apoiar sua heroína em suas atitudes, mesmo aquelas que a fazem cometer erros ou que não são autorizadas por seu guardião conservador, na medida em que ela se utiliza de convenções narrativas tradicionais e populares à época – como a convenção do *lover-mentor*⁶³ e do *marriage plot*⁶⁴ –, de forma a denunciá-las em sua incapacidade de amparar as mulheres em seus equívocos e por incentivá-las em suas empreitadas casamenteiras com todos os riscos que estão implicados nisso: “The novel invokes the lover-mentor convention, that is, precisely to challenge it by demonstrating that acting properly for a woman may mean departing from male knowledge and male advice.”⁶⁵

A subversão desses modelos indica uma espécie de superação das diretrizes e orientações masculinas e sugere a defesa do julgamento feminino dentro daqueles

⁶¹ Ibidem, pp. 351-2.

⁶² Ibidem, p. 316.

⁶³ Invocado através da simetria entre a figura do amante e do educador, no qual o interesse amoroso da heroína acaba desempenhando papel de protetor e orientador.

⁶⁴ Termo para categorizar uma narrativa que se centraliza nos rituais de corte e todos os obstáculos enfrentados pelo casal em potencial, culminando com o casamento entre ambos no final do romance.

⁶⁵ SHAFFER, J. & SCHAFFER, J. Loc cit.

universos sobre os quais elas mais conhecem e que mais lhe dizem respeito. Quando Evelina finalmente é capaz de exercer controle – por menor e mais inexpressivo que ele seja – é que ela finalmente completa seu percurso e é recompensada – com um marido e com a herança de seu pai, que a reconhece como sua filha legítima – não por renunciar a seu livre arbítrio, mas por efetivamente agir da maneira que lhe convém e que ela julga correta, tal como declarar seu afeto para Lord Orville antes mesmo de saber as intenções dele, se encontrar em sigilo com o Mr. Macartney, apesar do risco de isso ser mal interpretado, e se reencontrar e conviver repetidamente com o Sir Willoughby, apesar das várias recomendações contrárias a isso:

[...] by using the marriage plot as the vehicle to develop the idea that women are superior to men in some realms of experience and knowledge, these novels suggest that a woman's marriageability depends not so much on her relinquishing delusions of female power, but instead on her coming into her own, proving her own innate strength and knowledgeability in domestic and romantic morality. She deserves the reward of a husband, so to speak, then, not because she relinquishes power, but because she exercises power in those realms in which she, because female, is most expert.⁶⁶

O reconhecimento da autoridade feminina sobre a esfera doméstica aponta para as ramificações sociais e até mesmo políticas desse universo, revestindo esses assuntos, femininos por excelência – como a preocupação com o matrimônio e com as tramas e maquinações envolvidas nesse espetáculo –, com uma relevância que os caracteriza como algo muito além de meramente “vanities and follies”.⁶⁷

No entanto, a interpretação de que essas preocupações presentes na experiência feminina seriam meros causos insignificantes perdura até os dias de hoje por trás de termos depreciativos como *chick lit*⁶⁸ e serve como justificativa para a condenação de muitas das obras escritas por mulheres, julgando-as frívolas e banais. Os romances de Burney, nesse caso, não se tornam uma exceção à regra, tendo sido menosprezados, por exemplo, por um crítico literário da época, William Hazlitt:

Discussing Frances Burney in his *Lecture on the Comic Writers*, Hazlitt offers a remarkable statement of this position: “[...] There is little other power in Miss Burney's novels, than that of immediate observation: her

⁶⁶ Ibidem, p. 64.

⁶⁷ SPENCER, J. Op. cit. p. 17.

⁶⁸ Termo que se refere à ficção voltada para o público feminino, caracterizada majoritariamente por ser considerada como leve, lúdica e narrar uma trama amorosa. Autoras incluídas nessa categoria vão desde Jane Austen a Sophie Kinsella, a valor de exemplo.

characters, whether of refinement or vulgarity, are equally superficial and confined. [...] The difficulties in which she involves her heroines are too much “Female Difficulties”; they are difficulties created out of nothing.”⁶⁹

O menosprezo de Hazlitt, especificamente direcionado para a última publicação de Burney – intitulada *The Wanderer: or, Female Difficulties* –, ridiculariza as dificuldades enfrentadas por jovens do século XVIII e defende que elas não são verdadeiramente importantes ou preocupantes. Não surpreende que Hazlitt, assim como outros críticos literários, não fosse capaz de compreender o mérito de uma autora que alcançou fama como pioneira e foi peça chave na consolidação e organização do romance inglês com uma obra que se concentra na vida e pensamentos de mulheres.

Memorável também pelas sátiras que desvelam as afetações e arrogâncias sociais e as rebaixam ao nível do ridículo absurdo, contudo, Burney teve o mérito de narrar a trajetória e experiência das mulheres com tamanha precisão a ponto de se tornar, definitivamente, um pilar da literatura inglesa e a mãe para a qual todas as filhas à casa tornam.

⁶⁹ STAVES, Susan. “Evelina;’ or, Female Difficulties.” *Modern Philology*. vol. 73, n. 4, 1976. pp. 368-9.

Capítulo II

Evelina e a literatura de conduta

*Heaven preserve and strengthen you!*⁷⁰

Em *The Rise of the Woman Novelist: From Aphra Behn to Jane Austen*, Jane Spencer aproxima o desenvolvimento do gênero romance e a transformação do papel da mulher em meio às mudanças ideológicas e socioeconômicas do século XVIII por toda a Europa. Os desdobramentos desses acontecimentos fundamentais – como a Revolução Francesa, a introdução de maquinário dentro do espaço de trabalho, o crescimento de centros urbanos e a ascensão da burguesia – são reconhecidos pela autora, que reforça os impactos dessas transformações ao relacioná-los com a mudança de percepção sobre o feminino, que então, apesar de ter se tornado mais respeitável e significativo, era também mais refreado:

The increasing separation of home from workplace in the late seventeenth century and eighteenth century laid the foundations for a new bourgeois ideology of femininity, according to which women were very separate, special creatures. It has been suggested that this view of womanhood replaced an older view, prevailing in the sixteenth and seventeenth centuries, in which sexual differences were perceived in hierarchical terms – women being considered essentially similar to men but inferior. In the eighteenth century, by contrast, women were more highly valued, but also more confined to a special feminine sphere, as guardians of the home and of moral and emotional values.⁷¹

É essa nova concepção sobre a condição da mulher a partir de uma perspectiva burguesa que faz Spencer concentrar seus esforços em analisar as obras de autoras como Aphra Behn, Eliza Haywood, Sarah Fielding, Charlotte Lennox, entre outras, como testemunhos simbólicos dessa mudança ideológica. Ademais, essa abordagem de Spencer pretende reconhecer como cada uma dessas vozes procurava se posicionar diante desse contexto e de que forma elas o faziam em suas obras, modificando os modos de narrar até então disponíveis.

No que diz respeito a narrar a experiência feminina e a construir novas protagonistas e personagens, essas autoras tiveram que enfrentar um caminho especialmente tortuoso, considerando essas alterações a respeito da concepção do ser

⁷⁰ BURNEY, F. Op. cit. p. 366.

⁷¹ Ibidem, p. 15.

feminino, a qual passou por mudanças de acordo com a gradual perda de importância e poder da aristocracia e com a ascensão dos burgueses e de seus princípios:

An aristocratic ideal ceased to dominate the social scene and was replaced by a bourgeois model founded on a new set of values. If an aristocratic woman was viewed as desirable in terms of physical attractiveness, noble origin, wit and sensuality [...] a bourgeois woman (a domestic woman) represented spiritual rather than physical beauty, professed rigid moral standards, and displayed tireless concern for the well-being of others.⁷²

Esse ímpeto de ressignificar e transformar noções pré-concebidas até então parece ir também ao encontro da qualidade experimental daquilo que viria a se consolidar como a forma do romance, resultado de reflexões acerca do papel do ficcional, histórico, heroico, romanesco, familiar, entre outros aspectos, dentro dessa nova narrativa:

Eighteenth-century “novels” [...] constitute the early and truly formative phase of the novel as a genre of prose fiction [...] “Novel,” in fact, is only one of many names floating around in the discourse of writers and readers during those years for prose narrative of various kinds, which were just as often called by other names such as “romance” or “history,” or most confusingly “true history” or “secret history.”⁷³

Em meio à busca por modos de narrar experiências humanas até então inéditas, o romance debruçou-se sobre esse novo agente social: o burguês. Nesse contexto, Samuel Richardson e Henry Fielding, principalmente, estabeleceram-se como escritores renomados. Suas obras fundadoras – *Pamela; or, Virtue Rewarded* e *The History of Tom Jones, a Foundling*, respectivamente –, definiram e legitimaram a forma e o tom do romance inglês da época, por meio de diferentes estratégias formais que vão desde a organização das narrativas até a criação de seus personagens ficcionais:

O romance se institucionaliza na década de 1740, com Samuel Richardson, quando se sintetizam os impulsos antitéticos de inteligibilidade, inclusividade e auto justificação numa narrativa heterogênea em que os referidos impulsos se determinam mutuamente.

⁷² ZACZEK, B. M. *Censored Sentiments: Letters and Censorship in Epistolary Novels and Conduct Material*. New Jersey: Associated University Press, 1997. p. 22.

⁷³ RICHETTI, J. (ed.). Op. cit. p. 1.

Ao final da década de 1740, reconhecer-se-ia finalmente que essa tensão formal *constitui* o gênero.⁷⁴

No entanto, esses autores instituem dois paradigmas díspares no que diz respeito ao narrar literário. De um lado, a exploração da narrativa epistolar, que permite a individualização e o aprofundamento da experiência subjetiva da personagem – como no caso de Pamela Andrews que, no suposto⁷⁵ envio de cartas para seus pais relatando a situação de vulnerabilidade por causa da perseguição de Mr. B., fixa seu caráter e personalidade –; de outro lado, a representação mais irônica e cômica de incidentes inusitados que incorporam os costumes da época dentro da trama bem como a interação de personagens de distintos estratos sociais – como em *Tom Jones*, cujo protagonista, em seu percurso, conhece uma diversidade de personalidades excêntricas graças a seus deslocamentos e aventuras de dimensão quase épica.

Apesar de contribuir junto às escritoras em suas criações literárias e lhes oferecer diretrizes e referências a ser emuladas, esses modelos dificultavam a representação da realidade feminina por retratarem tanto sua subjetividade quanto as particularidades de suas vidas de maneira idealizada ou ridicularizada, restringindo o escopo de como mulheres e jovens poderiam ser retratadas na literatura: ora como seres exemplares e bondosos, ora como frágeis vítimas de recorrentes episódios de desmaios.

As experiências dessas jovens do século XVIII – que eram confinadas a ambientes, eventos sociais, companhia, lazer e instrução propriamente adequados para as mulheres –, e as banalidades de suas vidas eram, em muitos casos, desconsideradas como material literário rico e interessante o suficiente para ser utilizado, sendo apontadas como maçantes quando comparadas, por exemplo, com as aventuras dos romances góticos, que apresentavam enredos surpreendentes, repletos de reviravoltas e situados em ambientes distantes, fascinantes e considerados exóticos, como os da Itália ou França.

No entanto, essa posição isolada e particular que caracteriza grande parte da experiência das mulheres nos séculos XVIII e XIX será posteriormente defendida por Woolf como positiva e privilegiada, em *A Room of One's Own*, na medida em que permitia às mulheres uma perspectiva geral diante dos acontecimentos e costumes e, portanto, uma objetividade e certa imparcialidade sobre o relato da realidade. É

⁷⁴ CASS, T. *Ossian e o crepúsculo da epopeia*. 2015. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 183.

⁷⁵ Richardson oculta a verdadeira origem ficcional das cartas que compõem *Pamela* promovendo-as como verdadeiras para atrair a atenção e interesse do público leitor da época.

essencialmente essa perspectiva tão peculiar e íntima da mulher frente a sua realidade e sua introdução e integração social – partindo de uma experiência limitada ao âmbito privado para a amplitude de eventos como idas à ópera e bailes – que serviu de estopim para a carreira de romancista de Frances Burney na segunda metade do século XVIII, marcada pela publicação de *Evelina*.

Suscitando críticas favoráveis nos periódicos da época, o romance de Burney não apenas a elevou a um patamar de reconhecimento inédito, mas serviu como prova e incentivo para que outras romancistas em potencial viessem a ser levadas a sério e respeitadas: “Through Burney’s fame, the whole notion of female authorship was raised to a new level of esteem. From this time on there was a woman novelist of undoubted high status, comparable to Richardson and Fielding.”⁷⁶

A resenha do *Critical Review*, que compara os méritos atingidos em *Evelina* como sendo paralelos àqueles conquistados por Richardson e Fielding – “Richardson would have been really afraid of her; there is merit in *Evelina* which he could not have borne. (...) Harry [sic] Fielding, too, would have been afraid of her; there is nothing so delicately finished in all Harry Fielding’s works, as in *Evelina*!”⁷⁷ –, estimula uma leitura dos romances de Burney, especialmente de sua primeira publicação, *Evelina*, como uma obra que apresenta traços tipicamente associados tanto a Richardson quanto a Fielding, já que a autora adota a forma epistolar ao mesmo tempo que traça um panorama dos costumes da época por uma perspectiva pautada pela crítica irônica.

De maneira aparentemente óbvia em um primeiro momento, *Evelina* se alinha imediatamente à tradição do relato epistolar, magistralmente dominada por Richardson em suas obras. Assim como outros autores de sua época, Burney valoriza o uso de cartas como veículo narrativo que recobria de veracidade e seriedade o até então desprestigiado gênero romance. Ademais, o recurso às cartas de Evelina enviadas a seu mentor, Mr. Arthur Villars, lhes confere uma função semelhante à de um diário pessoal, no qual a heroína não só relata em minúcias os detalhes dos acontecimentos e conversas diárias, mas também expõe e extravasa seus sentimentos, impressões e anseios, o que viabiliza uma perspectiva mais aprofundada e detalhada da subjetividade da personagem, – ainda que essa personagem não seja tão perfeita quanto a irreprochável Pamela – traço também característico de uma tradição literária herdada de Richardson.

⁷⁶ SPENCER, J. Op. cit. p. 97.

⁷⁷ *Critical Review* 46, 1778. Apud SPENCER, J. Op. cit. pp. 202-3.

No entanto, o romance de Burney não se propõe a se concentrar exclusivamente na exploração da subjetividade da heroína como modelo feminino, mas a conciliar essa experiência particular com a vivência coletiva e, assim, exibir convicções e práticas sociais contemporâneas ao século XVIII. Dessa forma, *Evelina* transformava e adaptava o uso da forma epistolar de modo a abranger um enredo revestido de questões complexas e personagens que, em suas qualidades híbridas e múltiplas, não fossem nem integralmente boas nem más em absoluto.

Diferentemente do primeiro romance de Richardson, no qual a protagonista e suas cartas compõem, em essência, a estruturação e o conteúdo do romance, no caso de *Evelina*, a presença de cartas de outros interlocutores atuantes na narrativa – e até mesmo de correspondência entre eles⁷⁸ – permite que o relato epistolar se expanda e molde-se o suficiente para comportar uma quantidade mais expressiva de personagens, eventos, ambientes e diálogos do que em *Pamela*, no qual o leitor fica à mercê exclusivamente das impressões da heroína e somente daqueles para quem ela escreve durante seu confinamento.

Além desse relato de diversos personagens e acontecimentos via cartas, que confere maior dinamismo à narrativa, a autora faz uso de um elemento cômico e satírico, tanto em relação às personagens quanto a situações reveladas em seu ridículo, característica particular das narrativas de Fielding. Isso, por sua vez, acaba se contrapondo aos traços mais idealizados e ingênuos das narrativas de Richardson, e atenuando-os, enquanto se tornava, também, uma das qualidades mais notáveis da prosa de Burney:

From this censure, however, candour requires that I should now exempt *Evelina* and *Cecilia*; two performances, which I had not seen when this discourse was first printed, but have lately read with great admiration of the genius of the fair Author: who, in her delineation of present manners, and in some of her characters, is not inferior to Fielding himself; who has opened new sources of humour and delicate satire unknown to her predecessors; and in whose writings, unlike in this respect to those of most other novelists of either sex, there is not a single expression that can wound the ear of modesty.⁷⁹

⁷⁸ Aqui o modelo seria *Clarissa*, do mesmo Richardson.

⁷⁹ Anon In. BARRET COLLECTION. Vol. VII (ff. 173). Literary Manuscripts of Frances d'Arbly. Ver Anexo I.

Tal qualidade híbrida de sua narrativa – tanto circunspecta em seu tom, quanto ácida em seus comentários – não passa despercebida até mesmo em introduções de edições mais atuais da obra, como se lê na sinopse do romance pela edição da Oxford University Press:

Frances Burney's first and most enduringly popular novel is a vivid, satirical, and seductive account of the pleasures and dangers of fashionable life in late eighteenth-century London. As she describes her heroine's entry into society, womanhood and, inevitably, love, Burney exposes the vulnerability of female innocence in an image-conscious and often cruel world where social snobbery and sexual aggression are played out in the public arenas of pleasure-gardens, theatre visits, and balls.⁸⁰

A complexidade e ambivalência da prosa de Burney são transmitidas, portanto, através do estilo singular que a autora foi capaz de manter, ao combinar a sobriedade de personagens e suas circunstâncias, a seriedade dos ensinamentos registrados, e a comicidade de episódios que, de modo agudo, fazem a crítica da sociedade da época ou do caráter de um personagem específico.

A dimensão cômica presente na obra de Fielding é retomada em *Evelina* tanto graças a essa natureza episódica tão característica do gênero romanesco, quanto aos traços ridículos que servem como atributo distintivo de certos personagens na narrativa – como os Branghton, parentes recém descobertos e apresentados a Evelina, e Mr. Smith, o locatário de um quarto da residência da família Branghton –, os quais encarnam a ideia da afetação na sociedade ao se mostrarem soberbos, adotando ares de grandeza, pompa e consequência.

Além dessas particularidades satíricas – presentes tanto na caracterização de personagens quanto na elaboração de algumas situações narrativas inverossímeis –, Burney recorre aos mesmos tropos típicos do gênero romanesco que encontramos em Fielding. Aquele que mais claramente se nota é a revelação da existência de uma herança que pertence à protagonista, fazendo com que a personagem conheça seus verdadeiros pais – e irmão, no caso de Evelina – e também adquira posses que a protejam de quaisquer perigos iminentes e a reestabeleçam honrosamente em seu meio social.

Ademais, Burney cria uma série de eventos grotescos ao longo da narrativa que alinham ainda mais sua produção com certa literatura disponível na Inglaterra durante o

⁸⁰ BURNEY, F. Op. cit.

século XVIII, composta por uma série de obras que retratavam com fins humorísticos cenas de descaso, abuso, violência, preconceito e deboche contra enfermos, deficientes, idosos, mulheres e pedintes. Como amplamente demonstrado por Dickie em *Cruelty and Laughter: Forgotten Comic Literature and the Unsentimental Eighteenth Century*, o século XVIII inglês se caracterizava não somente pela popularidade de livros de conduta que pregavam e ensinavam decência e bons modos, mas também, em sua maior parte, pelo consumo daquilo que, através da maldade, fizesse rir:

Eighteenth-century Britons – or a high proportion of them – openly delighted in the miseries of others. [...] Useless old women, village idiots, starving paupers, bastard bearers from the next parish – none of them attracted much sympathy from their own kind. Ridiculing and inflicting pain were everyday amusements, and powerful forces were defending them. Violence, intolerance, and schadenfreude were all tolerated as unavoidable side effects of British liberty, if not its very foundation.⁸¹

No romance inaugural de Burney, a autora faz uso da personagem padrão do “upper-class prankster”⁸² na figura de Capitão Mirvan, que aproveita quaisquer oportunidades para zombar, assustar e humilhar Madame Duval – a avó francesa de Evelina – que se torna sua *arch nemesis*⁸³ e principal diversão ao longo da trama. Apesar de a relação de conflito e animosidade entre ambos poder ser interpretada como uma representação da recorrente divergência entre a Inglaterra e a França – já que tanto Mirvan quanto Madame Duval declaram sua nação respectiva como superior e soberana em comparação com a outra –, são os momentos de troca de insultos entre eles que são genuinamente cômicos e igualmente indecentes em sua grosseria.

Outros episódios ainda mais inescrupulosos não seriam incomuns para a literatura da época e, em *Evelina*, situações como aquela na qual o Capitão forja um assalto à carruagem de Madame Duval, ou quando dois jovens decidem desempatar uma aposta com uma corrida entre duas idosas, serviriam o propósito essencial de fazer o leitor rir a partir do sofrimento, desespero ou humilhação de outrem, fosse esse acontecimento diretamente crucial para o desenvolvimento do enredo ou não.

⁸¹ DICKIE, S. *Cruelty and Laughter: Forgotten Comic Literature and the Unsentimental Eighteenth Century*. Chicago: The University of Chicago Press, 2011. p. 15.

⁸² Homem de classe social alta que, se aproveitando de seu privilégio social, zomba, humilha, prega peças e surpresas quase sempre constrangedoras em outrem – usualmente pessoas marginalizadas, como idosas, deficientes físicos, trabalhadores, e mulheres – podendo recorrer ao uso de violência. *Ibidem*, p. 173.

⁸³ Sinônimo de arquirrival.

Outra intenção por trás desses eventos cômicos e quase que inverossímeis é perceptível em um dos últimos acontecimentos do romance, quando o Capitão Mirvan, com o propósito de ridicularizar o extravagante Mr. Lovel – noivo da irmã de Lord Orville –, apresenta um macaco como sendo parente do jovem:

A confused noise among the servants now drew all eyes towards the door; the impatient Captain hastened to open it, and then, clapping his hands, called out ‘Fore George, ‘tis the same person I took for your relation!’ And then, to the utter astonishment of every body but himself, he hauled into the room a monkey! full dressed, and extravagantly *à-la-mode!* The dismay of the company was almost general. Poor Mr. Lovel seemed thunderstruck with indignation and surprise; Lady Louisa began a scream, which for some time was incessant; Miss Mirvan and I jumped involuntarily upon the seats of our chairs; [...] and Mrs. Selwyn, Lord Merton, and Mr. Coverley, burst into a loud, immoderate, ungovernable fit of laughter, in which they were joined by the Captain, till, unable to support himself, he rolled on the floor.⁸⁴

Por mais improvável que seja o acontecimento, a introdução de um primata vestindo trajes pomposos e sofisticados desencadeia uma série de reações risíveis que, no entanto, são secundárias em relação à real intenção por trás da atitude de Mirvan e da escolha de Burney em construir tal cena. Com um objetivo semelhante ao de Fielding, a motivação da autora em se utilizar do cômico é expor os leitores a seus próprios vícios, vaidades e, nas palavras do próprio Capitão, “[...] to shew you in your proper colours.”⁸⁵ Dessa forma, o romance serviria supostamente a função de uma espécie de espelho moral, desvelando e conscientizando seus leitores sobre suas afetações e possibilitando que eles as corrigissem.

Em última instância, tanto pelo viés do enredo e descrição de personagens, quanto pelo uso da forma, observa-se em *Evelina* ao mesmo tempo uma aproximação e um distanciamento de modelos e referências literárias que definiram e construíram o romance inglês do século XVIII. Ao incorporar paradigmas literários que até então pareciam quase incongruentes – a tradição epistolar sóbria e renomada de Richardson com o relato amplo da narrativa épica de personagens não exemplares de Fielding – Burney dialoga com eles, mas também os desafia na medida em que os une em uma única esfera, conferindo um tom ambíguo ao seu romance, ao mesmo tempo cômico e sóbrio; tanto épico nas proporções de seus acontecimentos narrativos, quanto imerso na subjetividade e

⁸⁴ BURNEY, F. Op. cit. pp. 399-400.

⁸⁵ Ibidem, p. 400.

perspectiva da heroína.

Ao passo que essa coexistência de opostos poderia sugerir uma possível tensão intrínseca dentro do romance, a narração de Burney é capaz de atingir certa harmonia entre tons que se materializa na composição de personagens contrastantes que se relacionam ao longo da narrativa e que são demarcados por características distintas entre si: enquanto personagens principais se encontram vinculados ao núcleo central e sério do romance, outros mais secundários formam o entorno cômico e mais dinâmico da obra.

Assim, figuras caracterizadas por seu pudor e integridade, como a protagonista, seu tutor e Lord Orville (o interesse romântico de Evelina), teriam a função de transmitir – por meio de suas atitudes e palavras – temas, ansiedades e orientações que serviriam ao propósito didático do romance de comunicar informações úteis que fossem além da simples enunciação de peripécia atrás de peripécia. Por outro lado, a presença de personagens que não devem ser levados a sério – como os parentes distantes de Evelina da família Branghton, sua avó, Madame Duval, e o Capitão Mirvan – é relevante especialmente por desencadear uma série de aventuras e imprevistos risíveis e envolventes que alimentariam a intriga da narrativa, mantendo o interesse mais superficial do leitor pela trama. Ambos núcleos, no entanto, se entrelaçam à medida que Evelina transita por ambos, quebrando um possível distanciamento e consolidando ainda mais a ambiguidade da narrativa.

Como escritora, filha de um respeitável membro do círculo intelectual e artístico, e espectadora participante de toda essa atmosfera literária, musical, teatral e cultural, Frances Burney conheceu muito bem seus antecessores e suas tradições nas mais diversas expressões artísticas. É pensando nesses legados que, no prefácio de *Evelina*, a autora censura aqueles que, em seus textos, reproduzem modelos de outrem e, com isso, só realçam a inferioridade de suas próprias obras: “In books, therefore, imitation cannot be shunned too sedulously; for the very perfection of a model which is frequently seen, serves but more forcibly to mark the inferiority of a copy.”⁸⁶

Com modéstia, Burney posiciona sua obra e sua escrita à distância de qualquer tentativa de reproduzir o talento de terceiros, estabelecendo uma espécie de preceito para que escritores, inclusive ela, acompanhassem tendências, mas não empregassem aquilo que fosse banal, artificial ou forçado: “To avoid what is common, without adopting what is unnatural, must limit the ambition of the vulgar herd of authors.”⁸⁷ No entanto, a

⁸⁶ Ibidem, p. 10.

⁸⁷ Loc. cit.

consciência da autora sobre *Evelina* e as obras e escritores com os quais ela dialoga tanto em estilo e temas quanto em objetivo faz com que Burney os agradeça e ao mesmo tempo os repreenda, valendo-se da *captatio benevolentiae* em seu Prefácio para explicar, justificar e até mesmo recomendar seu romance:

[...] however zealous, therefore, my veneration of the great writers I have mentioned, however I may feel myself enlightened by the knowledge of Johnson, charmed with the eloquence of Rousseau, softened by the pathetic powers of Richardson, and exhilarated by the wit of Fielding, and humour of Smollett; I yet presume not to attempt pursuing the same ground which they have tracked; whence, though they may have cleared the weeds, they have also culled the flowers, and though they have rendered the path plain, they have left it barren.⁸⁸

A metáfora do jardim utilizada pela autora aqui é extremamente adequada para se analisar como Burney vê seu próprio romance dentro da cena literária. Valendo-se de autores para ilustrar características e abordagens diferentes – e o impacto que cada um desses artistas teve sobre ela mesma e sua experiência como leitora –, a romancista enumera os melhores e mais representativos aspectos de cada um deles, afirmando que ela não pretende copiá-los em suas empreitadas, mas seguir um caminho próprio, mesmo que de nenhuma maneira original: “I have, therefore, only to entreat [...] that what I have here ventured to say in regard to imitation, may be understood, as it is meant, in a general sense, and not be imputed to an opinion of my own originality, which I have not the vanity, the folly, or the blindness, to entertain”.⁸⁹

Subsequentemente, Burney parece questionar e problematizar o legado de seus predecessores – dentre eles, dois dos grandes pais do romance inglês⁹⁰ – apontando como eles, em sua tarefa pioneira de organizar e estruturar a nova experiência moderna do indivíduo, negligenciaram aspectos do narrar literário que, para a eterna curiosidade do leitor, não são declarados pela autora. É a partir dessa premissa do prefácio que Burney também delimita os objetivos a serem atingidos em sua obra. Elege, como sendo um dos mais norteadores, aquele de descrever, fidedignamente, a realidade e como ela se parece, e é, para uma jovem mulher:

⁸⁸ Loc. cit.

⁸⁹ Ibidem, pp. 10-1.

⁹⁰ Utilizo a expressão e termo cunhados e defendidos por Ian Watt em *A ascensão do romance* para se referir a Defoe, Fielding e Richardson.

[...] a young female, educated in the most secluded retirement, makes, at the age of seventeen, her first appearance upon the great and busy stage of life; with a virtuous mind, a cultivated understanding, and a feeling heart, her ignorance of the forms, and inexperience in the manners, of the world, occasion all the little incidents which these volumes record, and which form the natural progression of the life of a young woman of obscure birth, but conspicuous beauty, for the first six months after her Entrance into the World.⁹¹

A relevância que a autora destaca para *nature* no início de seu prefácio como sendo o porto de onde partiriam todos os seus personagens parece novamente se aproximar das convicções norteadoras particulares a Fielding, que considerava a ideia por trás do termo como se referindo aos aspectos humanos comuns que todos compartilhariam, enfatizando, portanto, o geral e o coletivo em detrimento do particular: “What Henry Fielding meant by ‘nature’ was exactly this sense of the few vital, unchanging elements which all men and women shared in common.”⁹²

Dessa forma, o uso do termo *nature* por Burney indica que a autora não pretende focar propriamente o particular da vida da personagem, mas o que essa protagonista – embora essa caracterização não implique a impecabilidade da heroína – ilumina como tipo literário quanto à condição feminina na Inglaterra do século XVIII, nas mais diversas circunstâncias.

Essa intenção da autora concentrada em abordar o coletivo também ressalta a função de seu romance de tratar dos *manners* de seus contemporâneos, o que subsequentemente remete à icônica frase em *Joseph Andrews*: “I declare here, once for all, I describe not men, but manners; not an individual, but a species.”⁹³ Tal declaração parece tanto representar os interesses literários de seu autor quanto poderia ter sido reproduzida no próprio prefácio do romance de Burney que, indubitavelmente influenciada por Fielding, determina a reprodução dos hábitos e comportamentos da época como seu propósito norteador: “To draw characters from nature, though not from life, and to mark the manners of the times, is the attempted plan of the following letters.”⁹⁴

Em contrapartida, *nature* é também traço que, em seu Prefácio, a autora associa ao aspecto realista da obra que, em contraposição às ilusões do romanesco, ofereceria essa autenticidade e rigor do real:

⁹¹ Ibidem, p. 9.

⁹² EAGLETON, T. *The English Novel: An Introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005. p. 45.

⁹³ FIELDING, H. *Joseph Andrews and Shamela*. London: Penguin Classics, 1999. p. 203.

⁹⁴ BURNEY, F. Loc. cit.

Let me, therefore, prepare for disappointment those who, in the perusal of these sheets, entertain the gentle expectation of being transported to the fantastic regions of Romance, where Fiction is coloured by all the gay tints of luxurious Imagination, where Reason is an outcast, and where the sublimity of the Marvellous rejects all aid from sober Probability.⁹⁵

Esse elemento, por sua vez, também fortalece as semelhanças formais e estilísticas entre Burney e Richardson. Pelos inegáveis paralelos entre Evelina Anville – com sua “virtuous mind” e “conspicuous beauty” – e Pamela Andrews, evidencia-se a tentativa de Burney em dialogar com ambos os paradigmas literários da época, na medida em que a autora se ancora tanto na narrativa epistolar e nas personagens exemplares de Richardson quanto na elaboração de personagens “mistas” – concomitantemente boas e más – e no tom irônico e debochado, característicos de Fielding.

Essa coexistência fica ainda mais evidente quando se observa o modo como a autora de *Evelina* é capaz de transformar e adaptar formas narrativas para seus próprios fins e intenções. Diferentemente do propósito usual por trás da elaboração da narrativa epistolar – como estratégia para atestar a veracidade de eventos fictícios –, Burney em nenhum momento pretende nutrir a ilusão de que sua narrativa é autêntica, mas esclarece que sua ficção se manifesta como uma tentativa de agir positivamente no lugar de livros de conduta escritos por idosos moralistas e conservadores que irredutivelmente se opunham aos romances pelos seus efeitos deletérios sobre os jovens:

Moralists who wrote conduct books for the young and provided advice to their parents and employers regularly worry about the effects on the young of the many kinds of popular books readily available at bookshops in London and the leading towns. At best they thought novel reading was a waste of time, at worst a serious instrument of evil. Three things especially concerned them: (1) that fictions, [...] could mislead the young in their expectations about life, creating yearnings and dissatisfactions in those who lived ordinary, dull, or predictable lives; (2) that the “sentiments” in novels [...] corrupted the reasoning of readers; and (3) that the depictions of romance and courtship [...] might not only warm the imagination but overheat the passions.⁹⁶

Em tom irônico, a autora faz menção em seu prefácio ao tumulto causado pela publicação e popularização crescente de romances como potenciais instrumentos na depravação de jovens damas a partir da exposição aos luxos e vícios disponíveis na vida

⁹⁵ Ibidem, p. 10.

⁹⁶ RICHETTI, J. (ed.). Op. cit. p. 21.

cosmopolita das cidades de maneira potencialmente glorificada e atraente. Frente a isso, *Evelina* se propõe a educar essas jovens que simplesmente não conseguem conter a fascinação e o encantamento produzidos pelos romances. Já que elas haveriam de lê-los, Burney afirma que seu romance não lhes causará mal e entretém a ideia de que ele poderá contribuir vantajosamente para a educação das jovens, na medida em que seu enredo era atraente, mas também se ancorava em questões concretas referentes a, por exemplo, formalidades a serem cumpridas com a estreia de uma jovem mulher na sociedade e, conseqüentemente, com a sua elegibilidade para o casamento, angústia que diretamente reflete e dita o comportamento da jovem em todas e quaisquer situações públicas:

Perhaps were it possible to effect the total extirpation of novels, our young ladies in general, and boarding-school damsels in particular, might profit from their annihilation: but since the distemper they have spread seems incurable, since their contagion bids defiance to the medicine of advice or reprehension, and since they are found to baffle all the mental art of physic, save what is prescribed by the slow regimen of Time, and bitter diet of Experience, surely all attempts to contribute to the number of those which may be read, if not with advantage, at least without injury, ought rather to be encouraged than contemned.⁹⁷

Precisamente, o que podia cativar as leitoras era que a trama oferecesse orientação sobre como agir e também como não agir, alinhando-se com a proposta do romance do século XVIII de ser divertido e útil para suas leitoras em um momento no qual a publicação e a leitura de romances eram polêmicas, salvo quando podiam ser justificadas pelo seu empenho em educar e regular a burguesia ascendente nos valores e costumes socialmente praticados e aceitos:

The availability of such “facts” – for, correct or not, they appeared to be “facts” as presently understood by society – provided a ready form of instruction about conventions, social expectations, and community opinion, and they provided especially useful guidance for young readers as yet inexperienced in the world.⁹⁸

Em seu romance inaugural, a proposta didática de Burney contempla e visa tanto a experiência da protagonista quanto a do leitor, assumindo um caráter duplo segundo o qual a dimensão instrutiva pretende conscientizar não só *Evelina*, mas também – e especialmente – aquele que a lê:

⁹⁷ BURNEY, F. Op. cit. pp. 9-10.

⁹⁸ RICHETTI, J. (ed.). Op. cit. p. 23.

The aim now, of course, is to educate the reader through the experience of the protagonist; the author and narrator must perform a kind of pedagogical triangulation, in which even when a character misses the import of his behaviour or environment, the message will nonetheless be instructive to reader, the surrogate pupils.⁹⁹

Essa dupla responsabilidade fica a cargo, primeiro e principalmente, do Reverendo Arthur Villars, tutor legal da protagonista. Ele a educa e acaba se materializando dentro do romance como a figura do pai zeloso que, com sua sabedoria, cuida de sua protegida e a instrui. No plano do enredo, essa personagem é carregada de autoridade para a protagonista. Mas o é também para o leitor, familiarizado com essa mesma figura de prestígio e influência nos manuais de conduta contemporâneos ao romance de Burney, como o célebre *A Father's Legacy to His Daughters*. Nele, seu autor, John Gregory, apresenta esse líder familiar como guardião do conhecimento sobre as características e conduta femininas, sejam elas referentes à modéstia que se esperava que as damas possuíssem ou a outros tópicos referentes à educação das jovens, como os aprendizados que elas poderiam cultivar ou os passatempos que seriam apropriados e dignos de incentivo pelas suas figuras de autoridade.

A postura protetora e opressiva de Gregory e outros se assemelha irrevogavelmente à de Villars, o qual justifica sua preocupação com Evelina a partir do choque pelo fim trágico da mãe da jovem, Caroline Evelyn. No entanto, parece ser mais pertinente afirmar que são as ordens de Madame Duval e o tratamento que ela reserva a sua filha que impulsionam o comportamento imprudente de Caroline, que se casa clandestinamente com um jovem libertino, Sir John Belmont, como resultado da tirania e insensibilidade de sua mãe e do novo marido dela, Monsieur Duval:

But – to be brief, Madame Duval, at the instigation of her husband, earnestly, or rather tyrannically, endeavoured to effect an union between Miss Evelyn and one of his nephews. And, when she found her power inadequate to her attempt, enraged at her non-compliance, she treated her with the grossest unkindness, and threatened her with poverty and ruin. Miss Evelyn, to whom wrath and violence had hitherto been strangers, soon grew weary of this usage; and rashly, and without a witness, consented to a private marriage [...]¹⁰⁰

⁹⁹ BARNEY, R. *Plots of Enlightenment: Education and the Novel in Eighteenth-Century England*. California: Stanford University Press, 1999. p. 107.

¹⁰⁰ BURNEY, F. Op. cit. p. 16.

Diferentemente de sua mãe, Evelina conta com o apoio de outras figuras femininas – como Mrs. e Miss Mirvan e Mrs. Selwyn – que, mais que as doutrinas de Villars, ajudam e preparam a jovem para se portar e se proteger, de acordo com a situação que se apresenta. No entanto, é o Reverendo que acredita caber a ele guiar Evelina e evitar que ela encontre destino semelhante ao de sua falecida mãe:

[...] pardon me, dear Madam, and do not think me insensible of the honour which your Ladyship's condescension confers upon us both; but so deep is the impression which the misfortunes of her mother have made on my heart, that she does not, even for a moment, quit my sight, without exciting apprehensions and terrors which almost overpower me.¹⁰¹

Portanto, não são propriamente as palavras de Gregory, ou as de outros como aqueles que compõem o notável *The Lady's Pocket Library*, como Miss Moore, Chapone e Jonathan Swift, que são transportadas *ipsis litteris* por Burney e atribuídas a Arthur Villars; ao contrário, são as ideias e o conteúdo que, em conjunto com os da literatura de conduta, demonstram o interesse na educação do sujeito como *topos* do romance do século XVIII e que se formalizam, no caso de *Evelina*, por meio dos erros cometidos pela protagonista ao longo da trama e pelas subseqüentes máximas que seu tutor utiliza para adverti-la e comentar suas atitudes.

A distância indesejada por Mr. Villars que se instaura logo no início do romance entre ele e sua pupila Evelina se concretiza somente por causa dos pedidos de Lady Howard que, conhecida de longa data de Villars, o dissuade a permitir que Evelina faça uma viagem para Londres com a filha e a neta, Mrs. e Miss Mirvan – com o intuito de receber o genro, Capitão Mirvan, depois de sete anos na guerra. Seu argumento é que a jovem deve ser exposta ao mundo para que ela o veja verdadeiramente pelo o que ele é, isto é, nem como o único espaço onde se pode conhecer pessoas, lugares e entretenimentos sofisticados e elegantes, nem como um lugar completamente sórdido e perverso, mas ambíguo e heterogêneo:

[...] it is time that she should see something of the world. When young people are too rigidly sequestered from it, their lively and romantic imaginations paint it to them as a paradise of which they have been beguiled; but when they are shown it properly, and in due time, they see

¹⁰¹ Ibidem, p. 18.

it such as it really is, equally shared by pain and pleasure, hope and disappointment.¹⁰²

A ambivalência e o contraste entre campo e cidade aludidos no romance se intensificaram durante todo o século XVIII na Inglaterra com as mudanças provocadas pela Revolução Industrial, que transformou as dinâmicas socioeconômicas entre os dois polos e acabou por reforçar a imagem do campo como espaço idílico e a da cidade como lugar insalubre, conforme discutido por Raymond Williams em *O campo e a cidade*. Apesar do contraste esperável entre dois ambientes distintos, Williams desmistifica essa dicotomia ao explorar a construção histórica, social, literária e cultural dessa visão, corrente no século XVIII:

O que vemos ocorrer nesse processo interessante é a conversão do bucolismo convencional em um sonho localizado, e, em seguida, no final do século XVII e início do XVIII, cada vez mais em algo que pode ser apresentado como uma descrição e, portanto, uma idealização da realidade da vida campestre na Inglaterra e suas relações sociais e econômicas.¹⁰³

A idealização dessa vida como bucólica e pura e, por consequência, a reprovação da experiência urbana expressavam, portanto, um elogio às estruturas aristocráticas que ainda tinham influência e poder sobre os espaços rurais e que, nos centros comerciais e metrópoles, já estavam enfraquecidas pelo fluxo dinâmico da burguesia. Para o século XVIII, portanto, o campo era essa espécie de oásis na Terra, onde reinava harmonia e serenidade, enquanto a cidade representava o centro da dissipação, dos vícios e da luxúria. Burney, assim como Fielding, reitera essa oposição na medida em que é nos diversos ambientes da cidade de Londres, que serve como modelo, que tanto a protagonista de *Evelina* quanto o herói de *Tom Jones* sofrem situações ameaçadoras que desvelam o perigo que espreita na metrópole aqueles que a habitam.

No caso do romance de Frances Burney, essas ameaças se materializam em ocorrências triviais, aproximando e concretizando esses momentos angustiantes da experiência feminina, mesmo que a jovem tivesse a proteção de guardiões e familiares e estivesse em plena Inglaterra: “What interests me about *Evelina*, [...] is the sane, waking terror it deals in. [...] Burney’s first novel locates danger to women neither in a peculiar

¹⁰² Ibidem, p. 19.

¹⁰³ WILLIAMS, R. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 44.

state of consciousness nor in some dreary, implausible dungeon, but on the street and in the carriages, ballrooms, and domestic settings of the realistic novel.”¹⁰⁴

No entanto, ao mesmo tempo que o romance de Burney parece corroborar essa espécie de conflito entre campo e cidade, também questionará a idealização do rural e a reprovação do urbano na medida em que, estruturalmente, Evelina só é capaz de retornar voluntariamente para Berry Hill depois de satisfazer sua curiosidade por Londres. Desde o início da narrativa, na primeira carta redigida por Evelina, o interesse da jovem em visitar a cidade é visível, apesar de a protagonista tentar minimizá-lo para o Reverendo Villars, enfatizando – com pouco sucesso – sua indiferença diante de tal proposta:

[...] I cannot, for my life, resist wishing for the pleasures they offer me, - provided you do not disapprove them. [...] what a happy party! Yet I am not *very* eager to accompany them: at least, I shall be very well contented to remain where I am, if you desire that I should. [...] While I am yet in suspense, perhaps I may *hope*, [...] They tell me that London is now in full splendour. [...] However, pray don't suppose that I make any point of going [...] though I shall probably never meet with such another opportunity. [...] I believe I am bewitched! I made a resolution when I began, that I would not be urgent; but my pen – or rather my thoughts, will not suffer me to keep it – for I acknowledge, I must acknowledge, I cannot help wishing for your permission.¹⁰⁵

Ademais, quando Evelina finalmente retorna ao refúgio da casa de seu guardião no interior – depois de dissabores com sua avó, Madame Duval –, é com um sentimento ambivalente que ela abandona Londres e realiza a jornada de volta a Berry Hill, confessando a sua amiga, Miss Mirvan: “And yet, – oh Maria! though I *wished* to leave London, the gratification of my wish afforded me no happiness! and though I felt an impatience inexpressible to return hither, no words, no language can explain the heaviness of heart with which I made the journey.”¹⁰⁶

Diferentemente da plenitude e satisfação que a estadia no espaço rural pareceria prometer, a angústia sentida pela protagonista sinaliza que a dicotomia, que enaltece a simplicidade do campo, não é absoluta dentro do romance: Evelina não apenas desfruta e sente falta dos divertimentos da cidade como, ao final, ela e Lord Orville retornam a Berry Hill apenas porque o Reverendo está à morte -

¹⁰⁴ FRAIMAN, S. *Unbecoming Women: British Women Writers and the Novel of Development*. New York: Columbia University Press, 1993. p. 36

¹⁰⁵ BURNEY, F. Op. cit. pp. 25-6.

¹⁰⁶ Ibidem, p. 254.

Yet think me not ungrateful; indeed I am not, although the internal sadness of my mind unfits me, at present, for enjoying as I ought the bounties of providence. [...] How little has situation to do with happiness! **I had flattered myself that, when restored to Berry Hill, I should be restored to tranquillity: far otherwise have I found it,** for never yet had tranquillity and Evelina so little intercourse.¹⁰⁷

Essa polarização,¹⁰⁸ porém, é adicionalmente legitimada na obra de Burney através da personagem do próprio Mr. Villars, que não tem interesse em deixar que sua protegida seja sequer exposta a uma realidade na qual sua vulnerabilidade poderia ser aproveitada pela malícia de terceiros e que a faria fantasiar e crer nas boas intenções de todos aqueles que cruzassem seu caminho. As admoestações do Mr. Villars para que Evelina retorne ao campo o quanto antes e permaneça indiferente às atrações e aos divertimentos de Londres acabam por representar a cidade como um lugar prejudicial e nocivo, que pode destituir Evelina da decência e da virtude:

Your evident concern at leaving London, is very natural; and yet it afflicts me. I ever dreaded your being too much pleased with **a life of dissipation, which youth and vivacity render but too alluring;** [...] Shall I own to you, that, however I may differ from Captain Mirvan in other respects, yet **my opinion of the town, its manners, inhabitants, and diversion,** is much upon a level with his own? Indeed **it is the general harbor of fraud and of folly, of duplicity and of impertinence;**¹⁰⁹

– but, can your Ladyship be serious in proposing to introduce her to the gaieties of a London life? Permit me to ask, for what end, or what purpose? A youthful mind is seldom totally free from ambition; to curb that, is the first step to contentment, since to diminish expectation, is to increase enjoyment. I apprehend nothing more than too much raising her hopes and her views, which the natural vivacity of her disposition would render but too easy to effect. [...] this artless young creature, with too much beauty to escape notice, has too much sensibility to be indifferent to it; but she has too little wealth to be sought with propriety by men of the fashionable world.¹¹⁰

Os temores do reverendo, assim como seu intuito de praticamente manter Evelina em uma espécie de isolamento, são a razão do desejo de que a jovem retorne a Berry Hill,

¹⁰⁷ Ibidem, p. 255. **Grifo meu.**

¹⁰⁸ Essa oposição se tornará ainda mais complexa e será contestada ao longo dos séculos XVIII e XIX, evoluindo para uma espécie de antagonismo entre o norte e o sul da Inglaterra como sendo os locais do frenético avanço industrial e da simplicidade ingênua do campo, respectivamente. Essa problematização tomará sua forma mais célebre no romance de Elizabeth Gaskell, *North and South*, no qual a autora contesta essa dicotomia.

¹⁰⁹ BURNEY, F. Op. cit. p. 117. **Grifo meu.**

¹¹⁰ Ibidem, p. 20.

sua residência rural. Uma vez instalada ali novamente, ela provaria ser, ainda, a angelical e primorosa Evelina, fruto da virtude e perfeição do contato com o campo:

I still hope I shall live to see my Evelina the ornament of her neighbourhood, and the pride and delight of her family: [...] employing herself in such useful and innocent occupations as may secure and merit the tenderest love of her friends, [...] Such are my hopes, and such have been my expectations. Disappoint them not, my beloved child, but cheer me with a few lines, that may assure me, this one short fortnight spent in town, has not undone the work of seventeen years spent in the country.¹¹¹

É esse mesmo perfil ideal, imaginado para Evelina por seu tutor, que é traçado como desejável para jovens mulheres nos manuais de conduta, que estabeleciam a delicadeza, o temperamento cordato, a passividade e a modéstia naturais como características femininas verdadeiramente essenciais e almejadas, assim como o aproveitamento de passatempos e atividades domésticas:

Some amusements are conducive to health, as various kinds of exercise: some are connected with qualities really useful, as different kinds of women's work, and all the domestic concerns of a family: [...] The intention of your being taught needle-work, knitting, and such like, [...] to enable you to judge more perfectly of that kind of work, and to direct the execution of it in others.¹¹²

A partir dessa convicção ancorada na predileção e no favoritismo por uma vida resguardada e tranquila, qualquer excursão que distancie Evelina e a lance ao encontro dos perigos iminentes da cidade resulta na extrema apreensão de Villars, que teme quaisquer mudanças em sua protegida. Mesmo que a introjeção de normas e advertências fosse útil e benéfica para que Evelina se blindasse de possíveis ameaças e situações prejudiciais, o Reverendo a parabeniza por sua ignorância e temor, quando a jovem relata seu embaraço durante um baile, no qual não soube responder a um parceiro por insegurança e cometeu o erro elementar de negar um pretendente e depois aceitar outro para dançar.

Embora essas falhas pudessem resultar em consequências preocupantes, tais como sua má reputação permanente ou um duelo entre ambos os cavalheiros envolvidos, a

¹¹¹ Ibidem, p. 118.

¹¹² GREGORY, J. *A Father's Legacy to His Daughters*. London. 1795. pp. 58-9, 62-4. In. BURNEY, F. *Evelina, or the History of a Young Lady's Entrance into the World*. New York: W. W. Norton & Company, 1998. p. 344.

reação da protagonista indica, para seu tutor, que ela não havia aprendido e adotado qualquer nova formalidade elegante da cidade, mas que permanecia a mesma jovem ingênua:

How new to you is the scene of life in which you are now engaged, – balls – plays – operas – *ridottos* – Ah, my child! at your return hither, how will you bear the change? My heart trembles for your future tranquillity. – Yet I will hope every thing from the unsullied whiteness of your soul, and the native liveliness of your disposition. I am sure I need not say, how much more I was pleased with the mistakes of your inexperience at the private ball, than with the attempted adoption of more fashionable manners at the *ridotto*.¹¹³

No entanto, esses comentários do Reverendo começam a sinalizar uma hesitação quanto à aplicabilidade e efetividade de suas recomendações. Se Villars, representado como o sábio chefe de família que conhece todas as regras e orientações adequadas para guiar uma jovem mulher ao encontro de um compromisso vantajoso, fica satisfeito com a ignorância de Evelina sobre como se comportar, isso parece levantar uma suspeita a respeito da legitimidade das instruções e conselhos do guardião da heroína, mas, também, de todos os mentores em manuais de conduta que ele simboliza.

Quase que funcionando de uma maneira enganosa, os comentários de Villars não são realmente estruturados para educar Evelina e ensiná-la a se proteger de pessoas e situações duvidosas, mas se concentram apenas em apontar a importância de ela se manter como sempre, ingênua e inexperiente. Diferentemente de ajudar a protagonista, fornecendo-lhe as ferramentas para que ela tome as decisões adequadas para se preservar, que é aquilo que Evelina acredita que Villars está fazendo por ela¹¹⁴, a educação de seu tutor, na verdade, simplesmente incentiva a inibição de sua protegida. As lembranças recorrentes sobre a facilidade com que sua vida poderia ser arruinada, ao mais ingênuo dos descuidos, assim como ocorrera com sua mãe, parecem funcionar mais como uma tática persuasiva para convencer a jovem a retornar para a vida reclusa do campo – tornando-a ainda mais insegura acerca de sua capacidade de se comportar em sociedade – do que propriamente servir como uma informação útil.

Ao longo da narrativa, a presença de Villars permanece persistente, alertando e relembando Evelina – e conseqüentemente a leitora – quanto à fragilidade da reputação

¹¹³ BURNEY, F. Op. cit. p. 57.

¹¹⁴ “Unable as I am to act for myself, or to judge what conduct I ought to pursue, how grateful do I feel myself, that I have such a guide and director to counsel and instruct me as yourself!” Ibidem, p. 162.

de uma jovem mulher – “Remember, my dear Evelina, nothing is so delicate as the reputation of a woman: it is, at once, the most beautiful and most brittle of all human things.”¹¹⁵ – e de como o mais simples deslize de comportamento ou de discernimento poderia resultar na destruição da respeitabilidade feminina.

Com isso em mente, o tutor da protagonista chama-lhe a atenção para os elogios e o interesse que lhe são dirigidos pelo Sir Clement Willoughby. Personagem aparentemente gentil e prestativo e, de fato, um cavalheiro, Willoughby é extremamente ardiloso em arquitetar diversas situações para ficar a sós com Evelina, colocando-a em situação de perigo iminente e vulnerabilidade, por exemplo, quando ele a separa de sua companhia ao sequestrá-la em seu coche e quando a acosta em vielas escuras do jardim em Vauxhall. De modo semelhante ao que é pregado posteriormente por James Fordyce nos notórios *Fordyce's Sermons* – que se tornariam célebres por terem sido declamados pelo Sr. Collins em *Orgulho e preconceito* –, Villars teme a insistência que motiva Willoughby a perseguir Evelina e infiltrar-se em meio a seus acompanhantes e a aconselha como deve agir:

My impatience for your return is increased by your account of Sir Clement Willoughby's visit to Howard Grove. I am but little surprised at the perseverance of his assiduities to interest you in his favour; but I am very much hurt that you should be exposed to addresses, which, by their privacy, have an air that shocks me. You cannot, my love, be too circumspect; the slightest carelessness on your part, will be taken advantage of, by a man of his disposition. It is not sufficient for you to be reserved; his conduct even calls for your resentment: and should he again, as will doubtless be his endeavour, contrive to solicit your favour in private, let your disdain and displeasure be so marked, as to constrain a change in his behaviour.¹¹⁶

Essa situação de extrema fragilidade é também reconhecida e constatada pelo Mr. Villars quando as cartas de Evelina revelam a afeição crescente da protagonista por Lord Orville que, mais ao final do romance, quando encontra a protagonista cuidando de sua saúde em Bristol, a convida para residir na casa de sua tia, Senhora Beaumont, durante o restante de sua estadia. A convivência íntima entre ambos proporciona uma circunstância potencialmente prejudicial para a reputação de Evelina, uma vez que Lord Orville poderia agir de má fé e se aproveitar do respeito e inclinação da heroína por ele para quaisquer fins. Villars insta sua protegida a se conscientizar de quão sensível é sua situação e de

¹¹⁵ Ibidem, p. 194.

¹¹⁶ Ibidem, p. 163.

quão necessário é ocultar sua preferência por aquele que mais poderia se aproveitar dela (algo muito análogo aos conselhos de Gregory sobre o amor¹¹⁷):

Awake, then, my dear, my deluded child, awake to the sense of your danger, and exert yourself to avoid the evils with which it threatens you, – evils which, to a mind like yours, are most to be dreaded, secret repining, and concealed, yet consuming regret! [...] Could I flatter myself that Lord Orville would, indeed, be sensible of your worth, and act with a nobleness of mind which should prove it congenial to his own, then would I leave my Evelina [...] but this is not an age in which we may trust to appearances, and imprudence is much sooner regretted than repaired.¹¹⁸

Curiosamente, os conselhos solicitados por Evelina a seu guardião para suprir sua ignorância e inexperiência em diversas ocasiões ao longo do romance – “Again I must repeat, I know not what to *wish*: think for me, therefore, my dearest Sir, and suffer my doubting mind, that knows not which way to direct its hopes, to be guided by your wisdom and unerring counsel¹¹⁹ – provam ser ineficazes, uma vez que Evelina não é capaz de afastar Sir Willoughby de sua companhia. Além disso, apesar de assumir um comportamento mais distante e indiferente em relação a Lord Orville, ela inevitavelmente revela a profundidade de sua predileção por ele.

A insuficiência da educação que Villars ambiciona, idealmente, transmitir e impor à heroína demonstra a ineficácia dos preceitos e orientações dos manuais de conduta de onde o Reverendo tira suas máximas. Exemplares em sua essência, essas máximas teriam seu efeito desejado em uma jovem igualmente ideal, como Arthur Villars crê que Evelina o seja, enaltecendo-a ao descrevê-la em termos de sua “artlessness of [...] nature”¹²⁰, “guileless and innocent soul”¹²¹ e “modest equanimity, and chearful gratitude, [...] genuine simplicity, [...] singleness of heart, [...] guileless sincerity!”¹²²

No entanto, a idealização de Villars a respeito de Evelina é problemática na medida em que a própria autora da obra delimita, em seu prefácio, o caráter natural da sua personagem, enfatizando que ela não é a representação arquetípica e irrepreensível de uma jovem mulher que sequer existe, mas que remete à própria natureza intrínseca do

¹¹⁷ “If you love him, let me advise you never to discover to him the full extent of your love, no not although you marry him. That sufficiently shews your preference, which is all he is entitled to know.” GREGORY, J. *A Father’s Legacy to His Daughters*. London, 1795. pp. 97-8. In. BURNEY, F. Op. cit. p. 343.

¹¹⁸ BURNEY, F. Op. cit. p. 309.

¹¹⁹ Ibidem, p. 124.

¹²⁰ Ibidem, p. 117.

¹²¹ Ibidem, p. 127.

¹²² Ibidem, pp. 337-8.

ser humano compreendida por Fielding como complexa por excelência: “The heroine of these memoirs, young, artless, and inexperienced, is ‘No faultless Monster, that the World ne’er saw,’ but the offspring of Nature, and of Nature in her simplest attire.”¹²³

Tomando-se Pamela Andrews como parâmetro, a diferença entre as protagonistas de Richardson e Burney é notável, em especial quanto ao modo distinto como cada uma delas desempenha a função didática nos respectivos romances. Apesar de Evelina provar-se portadora de qualidades excepcionais e admiráveis, é Pamela quem exhibe um comportamento irreprochável ao longo de toda a narrativa. Em Richardson, as leitoras poderiam se orientar pela firmeza inabalável com que Pamela protesta contra os ataques de seu senhor, afirmando-se em sua irrepreensível virtude, a qual, por fim, educa e transforma Mr. B. Em Burney, no entanto, são propriamente os erros e deslizes cometidos pela protagonista que comunicariam lições válidas para aquelas que também poderiam vir a cometê-los por falta de informações aplicáveis à vida prática.

Além disso, outra distinção relevante que tem implicação direta para os ensinamentos e a maneira como eles serão apresentados diz respeito às circunstâncias de cada uma das heroínas. Enquanto o confinamento de Pamela a impede de ser exposta a diferentes situações e a obriga a ficar encerrada o tempo todo no ambiente doméstico, no caso de Evelina são propriamente os imprevistos que acontecem com ela que propulsionam as recomendações de como enfrentar a vida em sociedade.

Não obstante, ainda que esteja fisicamente distante do Reverendo Villars, a heroína de Burney nunca está realmente fora do alcance das impressões, comentários e máximas de seu tutor. A aparente liberdade concedida a Evelina tem o objetivo de criar uma falsa noção de autonomia da personagem sobre si própria.¹²⁴ Essa circunstância, somada ao uso do relato epistolar, funciona como um traço formal do romance, pois permite o dinamismo nas ações da protagonista – e todos os deslizes que resultam disso –, mas também a mantém sob o controle de Villars, independentemente de sua localização.

O amparo de seu guardião, no entanto, não parece ser eficaz o suficiente já que, mesmo com suas avaliações, Evelina comenta a falta que faz um manual que orientasse as jovens para a vida em sociedade, repleta de bailes, óperas e excursões por parques e

¹²³ Ibidem, p. 10.

¹²⁴ “[...] the sense of freedom early modern educators intended to foster was illusory, only the appearance of choice in the process of indoctrinating students all the more powerfully in normative behavior.” BARNEY, R. Op. cit. p. 12.

jardins: “But, really, I think there ought to be a book, of the laws and customs à la mode, presented to all young people, upon their first introduction into public company.”¹²⁵

Como mostra Parke em “Vision and Revision: A Model for Reading the Eighteenth-Century Novel of Education”¹²⁶, esse momento específico da narrativa no qual Evelina aponta para um aspecto extraliterário não tem apenas a intenção de insinuar as defasagens presentes na grande maioria dos manuais de conduta da época que, diferentemente de servirem a seu propósito, não proviam suas leitoras com conselhos úteis e nem com a representação de situações nas quais essas instruções poderiam vir a ser aplicáveis, mas também funciona como um comentário metalinguístico para o próprio romance em questão. O pedido da protagonista por um livro que funcionasse como guia norteador para os jovens atua, portanto, como uma espécie de autorreferência à própria obra que está sendo lida, a partir da qual se conclui que *Evelina* seria esse veículo que transmitiria o conteúdo de que a heroína tanto seria beneficiada. Esse caráter metalinguístico, no entanto, não é explicitamente desvelado pela autora, mas depende da perspicácia de quem lê seu romance em observar que, ironicamente, a obra que Evelina pede é aquela que o leitor lê e que, em uma narrativa semelhante, a protagonista encontraria a transparência e as prescrições necessárias relativas aos costumes e hábitos sociais.

Essa consideração parece esclarecer e determinar como um dos propósitos do romance o de preencher essa falta sinalizada por Evelina, e oferecer um livro, um manual que, compondo-se de uma miríade de acontecimentos inéditos para a protagonista, ilustraria para o leitor a experiência de uma heroína que precisa lidar com todos os desafios e perigos que se apresentassem:

Once during her correspondence she specifically remarks how useful such a book as the one now accumulating in her letter-journal would have been to her before coming to London. By studying such a manual, she says, she could have anticipated and prepared herself for the threatening, unfamiliar circumstances that confront her from the moment she arrives. She would have been spared the dangers of her innocence. Evelina’s wish for such a book makes an inside commentary on the novel itself and defines one of its purposes: to offer the reader mock encounters with the unfamiliar, dangerous situations that Evelina must puzzle out for herself.¹²⁷

¹²⁵ BURNEY, F. Op. cit. p. 84.

¹²⁶ PARKE, C. “Vision and Revision: A Model for Reading the Eighteenth-Century Novel of Education.” *Eighteenth-Century Studies*, vol. 16, n. 2, 1982.

¹²⁷ *Ibidem*. p. 168.

No entanto, o mais interessante dessa proposta de Burney não reside no fato de oferecer uma narrativa dogmática, repleta de máximas que seriam correspondentes a eventos diários ou familiares e que deveriam ser adotadas literalmente, mas em sugerir que discrepâncias entre orientação e situação são inevitáveis e que caberia às jovens a responsabilidade de ponderar e analisar a especificidade de cada circunstância para decidir como agir:

But the real center of interest lies not here in this explicit and sanguine statement of the purpose of the novel. Rather, since Burney is not naïve about the possibilities of art's vicariously sparing us mistakes in life, the real center of interest lies in the dramatization of the specific difficulties that lie between a rule and its application.¹²⁸

Em última instância, o esforço do romance em retratar os costumes contemporâneos da Inglaterra da segunda metade do século XVIII se articula com a proposta didática também anunciada no prefácio da autora, inserindo a protagonista em uma série de episódios que, fundidos nesse enredo orgânico da trajetória de aprendizagem de Evelina, se combinam na fruição de uma jovem mulher que aprende a confiar em si própria e “not only to *judge* but to *act* for yourself.”¹²⁹

2.1 *Evelina* e o conceito lukácsiano: romance de educação

Se a obra inaugural de Burney, dentro da cena literária inglesa, se mostrava relevante e atual ao dialogar diretamente com outros romancistas da época e ao aludir a uma literatura de conduta dirigida principalmente ao público feminino, ela adquire ainda maior importância quando confrontada com uma tendência literária europeia que, ligada ao desenvolvimento do próprio romance e ao contexto histórico, social e cultural, alcança sua ótima representação no subgênero do romance de educação.

As mudanças expressivas que se alastravam pela Europa – a ascensão de uma nova classe social burguesa que ameaçava a confortável estabilidade aristocrata e transformava as dinâmicas no ambiente de trabalho – a impulsionavam para o avanço e aprimoramento da modernidade. O “velho” era superado pelo “novo” e também na literatura essa mudança se consolidava na substituição de máximas religiosas e narrativas

¹²⁸ Loc. cit.

¹²⁹ BURNEY, F. Op. cit. p. 166.

de santos, anciões e mestres exemplares pelo relato da juventude e das ansiedades dessa fase empolgante e incerta da vida.

Franco Moretti argumenta que o romance de formação (*Bildungsroman*) – uma espécie de subgênero do romance que teria seu surgimento e subsequente desenvolvimento praticamente em paralelo ao desenvolvimento do próprio romance – se tornou a forma simbólica que engloba mais totalmente a experiência moderna em seu “dinamismo e instabilidade”¹³⁰ e vincula um sentido a ela, marcando-a dentro do gênero por sua qualidade intrinsecamente individual.

Ademais, o autor aprofunda o tema do *Bildungsroman* ao se deter sobre a questão da juventude como “concreto signo sensível”¹³¹ da época e aquele que mais fidedignamente representa esse momento histórico através do romance de formação. A ansiedade que permeia a experiência do jovem – que contém em si as expectativas do passado e as incertezas do futuro – articula a dificuldade social de se adaptar à nova mobilidade socioeconômica e seu “ímpeto revolucionário”¹³², que transforma o processo de amadurecimento em algo muito mais tortuoso, dinâmico e vacilante do que aqueles de outrora:

Nas “comunidades estáticas” – nas sociedades de status, ou “tradicionais” – [...] O jovem, aqui, é um ainda não-adulto, nada mais. A sua juventude reproduz passo a passo aquela dos seus antepassados e o introduz em um papel que existia antes, e permanecerá depois dele: [...] Em seguida, a sociedade de status começa a ruir – [...] e torna problemática a própria juventude. Já com *Wilhelm Meister* a “aprendizagem” não é mais um lento e previsível caminho em direção ao trabalho do pai, mas sim uma incerta exploração do espaço social: [...] **Exploração necessária:** porque os novos desequilíbrios e as novas leis do mundo capitalista tornam aleatória a continuidade entre as gerações e impõem uma *mobilidade* antes desconhecida. **Exploração desejada:** porque aquele mesmo processo gera esperanças inesperadas e alimenta, assim, uma *interioridade* não somente mais ampla do que já fora no passado, mas sobretudo – [...] perenemente insatisfeita e irrequieta.¹³³

É a partir do avanço da burguesia que essa necessidade de transformar a realidade estagnada de outrora – dentro da sociedade aristocrática – se torna um desejo para o

¹³⁰ BAKHTIN, M. “O romance de educação e sua importância na história do realismo” [1936-8] In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 222. Apud MORETTI, F. *O romance de formação*. Trad. Natasha Belfort Palmeira. São Paulo: Todavia, 2020. p. 30.

¹³¹ Loc. cit.

¹³² Loc. cit.

¹³³ *Ibidem*, pp. 28-9.

jovem, que o faz tanto *precisar* abranger seus horizontes em busca de novas possibilidades e respostas quanto *ansiar* pelos resultados dessas mudanças. É esse impulso que sustenta simbolicamente a viagem e a saída de casa, momento que organiza o início da narrativa de formação e que viabiliza que o protagonista, posteriormente, transforme – ou não – sua realidade. O êxito ou não dessa empreitada – seja ela intencional ou mero resultado natural – apontaria para outros princípios do romance que serão abordados mais adiante.

Portanto, a escolha coletiva especialmente no século XVIII de um protagonista jovem ao invés de um herói mais velho recai sobre o fato de que no romance em si, e particularmente no romance de formação, a intenção é explorar a subjetividade de um indivíduo que, representando as características desse momento errante e dinâmico, rompe com a previsibilidade vazia de outrora. É propriamente nesse jovem que habita esse conflito entre o “velho” e o “novo”, mencionado há pouco, e a qualidade disruptiva da figura do burguês.

No caso de *Evelina*, a jovem de dezessete anos viaja para Londres, a qual, distante de sua terra natal – o vilarejo de Berry Hill –, é o local que permite que a protagonista se distancie dos planos e expectativas de seu tutor e do infeliz precedente de sua mãe, o qual a acompanha. Assim, a heroína é capaz de trilhar seu próprio caminho e, também, de desafiar a conjuntura social, o que Evelina faz ao ser bem-sucedida em noivar com um lorde mesmo sem qualquer título de nobreza ou sobrenome de família.

No entanto, é por meio da forma paradigmática do *Bildungsroman* que cada nação tentará construir uma identidade própria e responder às novas mudanças e avanços modernos, seja incorporando-os e mantendo certa previsibilidade e tranquilidade do fluxo da vida, seja problematizando-os e concentrando-se no sentimento geral de fragmentação e desarmonia causado por essas mudanças. Essas particularidades, por sua vez, são transformadas em diferenças formais, de estilo e de enredo dentre as distintas expressões do romance de formação.

Para Moretti, essas distinções envolvendo a trama das narrativas poderiam ser organizadas em torno de “dois princípios organizadores do texto: o princípio de “classificação” e o princípio de “transformação””.¹³⁴ Ainda de acordo com ele, caberiam às tradições inglesa e alemã – orientadas pelo princípio da classificação – narrativas marcadas por seus desfechos definitivos e pragmáticos, que confeririam sentido e

¹³⁴ Ibidem, p. 32.

propósito a todas as idas e vindas dos protagonistas dentro de suas respectivas tramas; ao passo que nas narrativas russas e francesas – pautadas pela transformação – predominariam a falta de sentido e vastidão no final de uma história e a não consumação e conquista de um objetivo ou objeto que inicialmente propulsou o herói à ação.

Se prevalece o princípio de classificação – se a ênfase recai, como em Goethe e nos romances ingleses, sobre o fato de que a juventude “deve acabar” –, então a juventude fica subordinada à ideia de “maturidade”; como a narrativa, ela “tem sentido” somente *quando* conduz a uma identidade estável e “acabada”. Se, ao contrário, prevalece o princípio de transformação e a ênfase recai sobre o dinamismo juvenil, como nos romances franceses, a juventude não sabe e não quer mais traduzir-se em maturidade: vê em tal possibilidade de “conclusão” antes uma espécie de traição que a *privaria* de sentido.¹³⁵

Ilustrando essas expressões narrativas através de exemplos como *Orgulho e preconceito* de Austen e *A educação sentimental* de Flaubert, respectivamente, Moretti descreve como o percurso – e sobretudo a conclusão – da história do herói é crucial para apreender a distinção com que a formação desse novo agente social, o burguês, afeta o tecido coletivo daquela nação, e quais as reações ocasionadas por essa mudança.

No caso inglês, assim como no caso por excelência do *Bildungsroman* alemão, a resolução de conflitos e problemas simultânea ao desfecho do romance – usualmente marcado por um casamento – aponta para uma conquista completa do protagonista em se incorporar a seu meio social e para uma maturidade alcançada pelo herói que é recompensada com os privilégios e a segurança da alta sociedade. Ademais, uma vez instaurado o desfecho, a vida e trajetória tortuosa do protagonista, na qual nenhum sofrimento, renúncia ou desvantagem tenha sido em vão, tem razão de ser e um motivo coerente. Haveria, assim, uma semelhança a uma espécie de narrativa da gata borralheira que, depois de sofrer os abusos de sua madrasta e irmãs postiças, dá-se conta de que tudo valeu a pena ao ser recompensada ao final com o amor de um belo príncipe.

No entanto, Moretti afirma que, enquanto o conceito de formação no sentido alemão (*Bildung*) incentiva e depende de mudanças e transformações pessoais e interpessoais na realidade do herói, no romance inglês do século XVIII é imperativo que os personagens principais atinjam esse ideal por meio da permanência e constância de suas personalidades e atitudes. Ao se manter autenticamente fiéis em suas resoluções e crenças contra quaisquer obstáculos e tentativas persuasivas de outrem, os protagonistas

¹³⁵ Ibidem, p. 34.

desses romances triunfam ao afirmar a solidez de sua virtude frente às adversidades.

A soberania inglesa, ainda como uma das potências mundiais mais influentes e consolidadas, mesmo com as diversas mudanças durante o século XVIII, exigia de seus romances não o impulso para mais mudanças e transformações, mas a certeza e a segurança do familiar:

[...] a sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX – apesar da Revolução Industrial, apesar do cartismo – é de longe a mais bem-ordenada da Europa, e se orgulha disso. Sua hierarquia de valores é decididamente estável, e a propósito: a estabilidade coloca-se como um valor em si, [...] Esse é um mundo compacto, seguro de si, bem consigo mesmo na continuidade que funde “tradição” e “progresso”: um mundo que não pode e não quer se espelhar no espírito aventureiro e experimental da juventude moderna.¹³⁶

A partir desse princípio, Moretti estabelece e caracteriza as diferentes naturezas e os objetivos dos romances alemães e ingleses e como, a partir disso, um *Bildungsroman* inglês que se assemelhasse aos moldes e propósitos goethianos seria apenas atingido posteriormente pelas obras de Jane Austen.¹³⁷ Nelas, o intuito não seria mais o de oferecer uma espécie de educação e instrução, mas o de expor a evolução triunfante dos protagonistas, resultado de um momento no qual o herói se conscientiza de seus próprios equívocos e falhas de julgamento e/ou de comportamento, como o emblemático instante da descoberta de Elizabeth Bennett sobre sua própria prepotência, em *Orgulho e preconceito*.¹³⁸ É acerca dessa convicção sobre a fundação e essência estática do romance de formação inglês que discordo das formulações do crítico.

Embora seja indiscutível que as narrativas inglesas do século XVIII eram marcadas pela segurança e previsibilidade dos percursos dos protagonistas – que funcionavam como estabilizadores frente aos abalos causados pelo surgimento e avanço da classe burguesa –, a própria natureza do romance inglês é constituída a partir de uma finalidade educativa e didática análoga às narrativas de cunho religioso¹³⁹ e aos manuais

¹³⁶ Ibidem, p. 282.

¹³⁷ “Basta pensar no quadro histórico do romance de formação: nasce com Goethe e Jane Austen (...)” Ibidem, p. 40.

¹³⁸ “She grew absolutely ashamed of herself. [...] “How despicably I have acted!” she cried; “I, who have prided myself on my discernment! I, who have valued myself on my abilities! [...] How humiliating is this discovery! [...] I have courted prepossession and ignorance, and driven reason away, where either were concerned. Till this moment I never knew myself.” AUSTEN, J. *Pride and Prejudice*. New York: W. W. Norton & Company, 2016. p. 144.

¹³⁹ “Reading matter in English had been since Tudor times mainly religious and didactic – the Bible, collections of saints’ and martyrs’ lives, sermons and homilies [...]” RICHETTI, J. (ed.). Op. cit. p. 6.

de conduta da época, que propunham o progresso e aprendizado de normas e costumes comportamentais e sociais para esse novo grupo ascendente, a burguesia, e para os jovens – na maioria dos casos, moças – ainda inexperientes:

[...] such content also meant that basic cultural facts were available: about courtship, about decision making, about the practical consequences involved in the choices one made about career, marriage partner, and way of life. [...] The availability of such “facts” – for, correct or not, they appeared to be “facts” as presently understood by society – provided a ready form of instruction about conventions, social expectations, and community opinion, and they provided especially useful guidance for young readers as yet inexperienced in the world.¹⁴⁰

Dessa maneira, a opção de Moretti de nomear romances de formação ingleses como de ‘preservação’¹⁴¹ parece ser inadequada, em certa medida, por desconsiderar todas as mudanças e evolução que de fato acontecem na trajetória dos protagonistas de narrativas do século XVIII que antecedem qualquer publicação de Austen.

Apesar de aplicável no que diz respeito a uma análise de *Pamela* de Richardson, a valor de exemplo, a abordagem de Moretti sobre o romance inglês do século XVIII parece ser insuficiente no caso de outros romances e protagonistas, como em *The History of Miss Betsy Thoughtless* de Eliza Haywood e *Joseph Andrews* de Henry Fielding. Utilizo *Evelina* de Frances Burney também como exemplo de uma dessas produções.

Diferentemente daquilo proposto pelo crítico a respeito da “preservação” triunfal do caráter do protagonista como característica distintiva entre o romance de formação inglês e o *Bildungsroman*,¹⁴² esta dissertação concentra seus esforços em discutir e caracterizar o romance inaugural de Burney como um romance de educação, e não como um de formação. No entanto, o termo ‘educação’ não é empregado em seu sentido tradicional alemão, *Erziehungsroman*, no qual o herói da narrativa aprende uma habilidade ou competência propriamente técnica em uma situação formal professor-aluno, mas é tomado aqui em uma interpretação mais ampla que compreende a educação como instrumento para decifrar e navegar os trâmites sociais da vida cotidiana.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 23.

¹⁴¹ “Diferentemente do que ocorre em *Wilhelm Meister*, no romance inglês as experiências mais significativas não são aquelas que alteram, mas sim aquelas que *confirmam* as escolhas feitas pela “inocência” infantil. Mais do que romance de formação, ocorre chamá-lo romance de conservação”. MORETTI, F. Op. cit. p. 279.

¹⁴² “A prova do *Bildungsroman* é, ao contrário, uma oportunidade: não um obstáculo a ser superado tentando permanecer intacto, mas sim algo que deve ser *incorporado*, porque apenas anelando experiências é possível construir uma personalidade.” Ibidem, p. 88.

Por essa perspectiva, a capacitação social desenvolvida por Evelina ao longo de sua experiência em Londres envolve a evolução, conscientização e progresso da personagem, portanto uma aprendizagem, que também serve um propósito didático para as leitoras da época. A experiência de Evelina cumpre uma função educativa, segundo a qual o romance se torna um instrumento da educação do leitor, que viveria vicariamente aquela da protagonista.

No entanto, a associação do romance de Burney com o termo *Bildungsroman*¹⁴³ parece ser igualmente inadequada, uma vez que o contexto sócio-histórico e cultural inglês mais consolidado do século XVIII contrasta acentuadamente com aquele de fragilidade alemão. Ademais, é propriamente essa conjuntura alemã que não apenas suscita a formulação e consolidação de *Bildung*, mas também associa de imediato o termo com o romance prototípico de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, uma associação simplista e problemática.

Patrícia Maas argumenta que, apesar das peculiaridades que cercam a origem do *Bildungsroman*, o gênero é apropriado para narrar e dar forma aos acontecimentos do continente europeu e suas reverberações em seus países com suas respectivas tradições literárias, valendo-se de uma apropriação do termo em *lato sensu*: “[...] uma instituição social-literária, composta, por um lado, pelo conceito histórico da *Bildung* burguesa, fundamental para o funcionamento da sociedade absolutista tardia na Alemanha do final do século XVIII, e, por outro, pela grande instituição literária do mundo moderno, o romance.”¹⁴⁴

Apesar de a trajetória de formação idealizada no trajeto de Meister dialogar com inquietações aplicáveis ao cenário de contestação de valores e ideais aristocráticos e da “legitimação das instituições burguesas”¹⁴⁵ pelo continente europeu como um todo, a responsabilidade do romance de Goethe em “atribuir um caráter nacional à literatura de expressão alemã”¹⁴⁶ e de ilustrar a prevalência do indivíduo, apesar de desilusões e tumultos dispostos dentro de uma narrativa, diverge da responsabilidade do romance inglês em regular e instruir o leitor a comprometer sua individualidade em prol da sustentação da harmonia do coletivo:

¹⁴³ Conceito utilizado inicialmente por Karl Morgenstern durante uma de suas conferências na Universidade de Dorpat.

¹⁴⁴ MAAS, W. P. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 14.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 35.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 13.

I describe a cultural context for the novel of education in England that sharply contrasts the one Dilthey describes in Germany. Rather than a literary discourse surfacing amidst the clamor of youthful alienation from contemporary society, the English novel emerged from a widespread social directive to negotiate successful civic and political organization – to find natural and human-made mechanisms by which to reconcile individuality to conformity. That distinct cultural purpose characterizes the English novel of education as a genre concerned not only with representing that process of socialization in a protagonist’s development but also with implementing narrative strategies that can approach the similar goal of edifying readers.¹⁴⁷

Uma comparação vantajosa que ilustra as diferenças de intenção entre um romance de formação e um romance de educação propriamente femininos é aquela a que se pode estabelecer entre o sexto livro de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, intitulado “Confissões de uma bela alma” e o romance *Evelina*, sobre o qual se debruça essa dissertação. A partir da narração em primeira pessoa da vida dessa jovem anônima – que aparece abruptamente no meio do romance sobre Meister –, se desenrola uma trajetória na qual a personagem principal tem sua formação religiosa. Diferentemente da obra de Burney, o relato desse percurso não parece ter a intenção explícita de promover a educação social da leitora, mas de expor e incentivar uma formação espiritual pietista.¹⁴⁸

Do ponto de vista doutrinário, para o pietismo a salvação é conseguida através da fé particular em Deus e de uma vida individual de prática piedosa. [...] O verdadeiro conhecimento vem diretamente de Deus e não é aprendido através de nenhum livro. Dessa forma, o fato da formação da Bela Alma ser pietista é de suma importância para a compreensão do que constitui essa *Bildung*, já que o conhecimento de Deus é particular e místico. Nas “Confissões”, a formação da bela alma se dá pelo seu desenvolvimento na experiência com a divindade através da sensibilidade, do coração, da religião particular, individual, longe de igrejas institucionalizadas. O conhecimento da divindade é por experiência pessoal, mística, pelo desabrochar do divino imanente.¹⁴⁹

No entanto, aquilo que ambas as narrativas demonstram – com intenção didática ou não – é o percurso da mulher na sua busca por liberdade. Mesmo que relativa e limitada, essa autonomia é demonstrada como sendo alcançável dentro dos limites da

¹⁴⁷ BARNEY, R. Op. cit. pp. 35-6.

¹⁴⁸ Movimento religioso da Igreja luterana alemã do século XVII que valorizava as experiências individuais do crente.

¹⁴⁹ QUINTALE NETO, F. “Para uma interpretação do conceito de *Bildungsroman*”. *Pandaemonium Germanicum*, n. 9, 2005. pp. 185-205 [pp. 189-90].

ordem social no século XVIII. Essas barreiras impunham restrições àquilo que as mulheres de respeito poderiam almejar, reduzindo suas escolhas entre se tornar governantas, professoras, enfermeiras, freiras ou esposas. Mesmo com essas dificuldades, o que tanto Evelina quanto a jovem anônima de Goethe ilustram em seus processos de aprendizagem é a possibilidade de emancipação dentro dessas opções disponíveis. Seja através de uma filiação religiosa ou da procura e conquista de uma união matrimonial, as escolhas e o poder conferidos nessas decisões aparentemente ínfimas e até fúteis viabilizam uma conscientização da espécie de livre-arbítrio exercível pelas mulheres dentro desses limites.

Apesar dessas considerações sobre o que diferenciaria um romance de formação e um de educação a partir da perspectiva feminina, a problemática que reveste a conceituação do gênero literário *Bildungsroman* e as várias questões terminológicas pendentes e nebulosas que o cercam ainda se fazem presentes em sua complexidade. Propondo-se a solucionar esses impasses, Mazzari examina e discute extensivamente as diferentes conceituações de *Bildungsroman* – a valor de exemplo, as de Carpeaux,¹⁵⁰ Morgenstern¹⁵¹ e Dilthey¹⁵² –, que parecem construir um campo minado onde, ao se concordar com a definição e nomenclatura de um, automaticamente se discorda dos apontamentos e terminologia de outro. Como se, apesar de a palavra poder ser plenamente traduzida para seus equivalentes em outras línguas, a carga simbólica e conceitual de *Bildung* seguisse como sendo distinta de suas traduções diretas, como “em formação” ou *development*, por exemplo.

Esse dilema conceitual é ainda impulsionado pelas contribuições de Lukács em A

¹⁵⁰ “[...] aqueles numerosos romances alemães modernos que, desde o *Wilhelm Meister*, de Goethe, irão descrever o caminho de um homem pela vida em busca de si mesmo”. CARPEAUX, O. M. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1959. p. 304. Apud MAZZARI, M. V. *Labirintos da aprendizagem: pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada*. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 93.

¹⁵¹ “Ele deverá se chamar *romance de formação*, em primeiro lugar e sobretudo por causa do seu assunto, porque ele representa a formação do herói em seu começo e em seu desenvolvimento, até um certo estágio de aperfeiçoamento; mas, em segundo lugar, também porque, exatamente através dessa representação, ele fomenta a formação do leitor, numa medida mais ampla do que qualquer outra espécie de romance”. MAZZARI, M. V. *Ibidem*. p. 99.

¹⁵² “Ao localizar os fundamentos histórico-sociais dessas obras na situação da burguesia alemã, alheia à esfera do Estado e a toda participação na vida pública, o autor estabelece importante critério distintivo para a determinação do gênero: “Esses romances de formação expressam assim o individualismo de uma cultura restrita à esfera de interesses da vida privada. [...]. Os leitores deliciavam-se e inebriavam-se com as descobertas dos poetas no mundo do indivíduo e de sua autoformação.” Pode-se afirmar, portanto, que é com Wilhelm Dilthey (e não com as conferências de Morgenstern) que se constituem as primeiras balizas teóricas para a reflexão sobre o *Bildungsroman*, historicizado como produto típico da era de Goethe [...] e expressão por excelência do individualismo de uma cultura restrita à esfera de interesses da vida privada”. *Ibidem*, pp. 101-2

teoria do romance, posto que o pensador explica os potenciais objetivos e intenções educacionais por trás do uso de um trajeto evolutivo e formador dentro do romance, configurando uma nova espécie de subgênero do subgênero romance de formação, o romance de educação:

[...] se busca também um caminho intermediário entre o exclusivo orientar-se pela ação do idealismo abstrato e a ação puramente interna, feita contemplação, do Romantismo. A humanidade, como escopo fundamental desse tipo de configuração, requer um equilíbrio entre atividade e contemplação, entre vontade de intervir no mundo e capacidade receptiva em relação a ele. Chamou-se essa forma de romance de educação. Com acerto, pois a sua ação tem de ser um processo consciente, conduzido e direcionado por um determinado objetivo: o desenvolvimento de qualidades humanas que jamais floresceriam sem uma tal intervenção ativa de homens e felizes acasos; pois o que se alcança desse modo é algo por si próprio edificante e encorajador aos demais, por si próprio um meio de educação.¹⁵³

De acordo com esses princípios delineados por Lukács e com a preocupação que o romance de educação deveria ter de expor um processo de instrução e aperfeiçoamento do protagonista com a intenção de incentivar a mesma reforma naquele que o leria – como uma espécie de efeito dominó –, julgo essa tipologia como sendo a mais adequada para lançar luz sobre o primeiro romance de Burney e suas ambiguidades, na medida que essa proposta parece abarcar tanto a perspectiva individual de instrução do protagonista como propulsor de aprendizado para o próprio leitor – não de uma maneira técnica e científica – quanto também, por meio dessa educação e evolução, tratar dos dilemas de uma determinada época e de seu herói como resultado direto dessas questões.

Essa perspectiva da personagem como representante de seu tempo, para Lukács, seria viabilizada através de uma estrutura narrativa que serviria não somente como veículo para exibir particularidades aleatórias do herói que alimentariam o enredo da obra, mas como instrumento formal para abordar dilemas e questões de uma coletividade. Isso, por sua vez, o aproximaria da narrativa épica¹⁵⁴: “o herói é selecionado entre o número ilimitado dos aspirantes e posto no centro da narrativa somente porque sua busca e sua descoberta revelam, com máxima nitidez, a totalidade do mundo.”¹⁵⁵

No caso do cenário inglês e de muitos romances escritos durante o século XVIII

¹⁵³ LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 141.

¹⁵⁴ Ver LUKÁCS, G. *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

¹⁵⁵ LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 140.

e XIX, o t3pico central que os envolve e em torno do qual muitos orbitam 3 aquele referente ao confronto fundamentado em uma disparidade de valores e princ3pios entre uma aristocracia em decad3ncia e uma burguesia em ascens3o e que, conseqüentemente, irrompe em uma revoluç3o que questiona os ideais aristocr3ticos at3 ent3o em vigor:

O c3digo de honra aristocr3tico e sua 3nfase em hierarquia, fama e renome entrava em choque com uma comunidade em que seus membros mais pr3speros buscavam uma vida comum, longe das armas e do conflito, dedicada precipuamente a lucro, mobilidade social e ao que hoje chamamos de satisfaç3o pessoal. Ademais, nesse novo mundo de instabilidade, as atribuiç3es s3o menos claras e as origens do indiv3duo, insuficientes para definir sua identidade.¹⁵⁶

Essa oposiç3o entre uma aristocracia que tinha seus impulsos individuais regulados por um c3digo de conduta p3blico, ou *noblesse oblige*, profundamente ancorado em noç3es de hereditariedade de poder, *status* e terra¹⁵⁷, e uma burguesia ascendente que, em contraste, prezava o indiv3duo, a conquista de m3rito atrav3s do trabalho e da conduta, o dinheiro e a mobilidade social como oportunidades razo3veis de ascens3o incita novas perspectivas socioculturais na segunda metade do s3culo XVIII que individualizam e destacam esse novo sujeito burgu3s em sua jornada ao encontro do mundo.

Isso posto, a trajet3ria de Evelina e seus percalços e esforços em pertencer legitimamente ao honrado tecido social ingl3s e abandonar sua fr3gil condiç3o de 3rf3 e filha ileg3tima de um cavalheiro de conseqü3ncia, alegoricamente representariam o empenho da pr3pria burguesia em ter sua ascens3o e estabelecimento validados e reconhecidos. Essa express3o do burgu3s e de seu percurso para ser incorporado e aceito pela sociedade de seu tempo 3 subsequente corroborada a partir da pr3pria descriç3o e particularizaç3o da protagonista.

Mesmo que o enredo da obra e a caracterizaç3o da hero3na remetam 3 narrativa arquet3pica de Cinderela – a busca pela oficializaç3o do *status* social de uma jovem bastarda – como elemento residual das narrativas romanescas, 3 inescap3vel que, assim como o burgu3s, Evelina seja caracterizada por sua condiç3o isolada e afastada de um todo. 3rf3 de m3e e desconhecida por seu pai, a personagem n3o possui qualquer v3nculo

¹⁵⁶ CASS, T. Op. cit. p. 172.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 164.

formal e sancionado com qualquer instituição ou núcleo familiar¹⁵⁸, tornando-se alguém deslocado e desajustado perante a sociedade: “Not so your Evelina: **disregarded**, silent, and melancholy, she sat **like a cypher, whom to nobody belonging**, by nobody was noticed.”¹⁵⁹

Consequentemente, o romance se ocupa de exprimir a ambiguidade e transitoriedade da posição da protagonista e de como sua travessia ao longo da obra é impulsionada a partir dessa busca pela estabilidade e legitimação oficiais de seu sobrenome que, por sua vez, remetem a uma preocupação presente na experiência feminina, além de burguesa:

liminality is by definition a state of ambiguous identity. It represents a holding pattern, a moment of delayed crossing from one social category to another. It is this conditional terrain of betwixt and between, the gap in a woman social's identity, that Burney mines for her novels.¹⁶⁰

A experiência feminina é, por sua vez, marcada por instâncias que reforçam e relembra Evelina de si própria como agente social. São os encontros da protagonista com situações e pessoas que não a conhecem e com as quais ela não tem familiaridade que mostram à heroína o quão periférica é sua situação e a definem, essencialmente, como uma pessoa anônima e obscura dentro da sociedade. Como demonstra Parke, é essa percepção dela mesma dentro desse ambiente que estimula a composição e estruturação formal do romance e os eventos que o compõem, e impulsiona a protagonista em uma jornada educativa que a levaria ao encontro de um objetivo, o de encontrar seu nome, seu lugar, sua identidade:

Throughout the remainder of the novel she finds herself outnumbered, stared at, pushed, crowded, herded about, entrapped. By these repeated encounters she becomes, and not always pleasantly so, aware of herself, aware of her presence in the world, aware of that social function of her being that is marked by a name. By entering a larger sphere of action than the one she knew before, the orphan encounters her name.¹⁶¹

Tratando-se de uma narrativa epistolar, na qual a disposição e o encadeamento

¹⁵⁸ “Evelina’s assumed last name, Anville, is an anagram of her first name, which is in turn a derivative of her mother’s maiden name, Evelyn.” ALLEN, E. Staging Identity: Frances Burney’s Allegory of Genre”. *Eighteenth-Century Studies*. vol. 31, n. 4, 1998. pp. 433-451. [p. 440].

¹⁵⁹ BURNEY, F. Op. cit. p. 340. **Grifo meu.**

¹⁶⁰ RICHETTI, J. (ed.). Op. cit. p. 201.

¹⁶¹ PARKE, C. Op. cit. p. 167.

dos eventos e desdobramento dos personagens acontecem através do uso de cartas, são essas também que constituem o palco onde os problemas e as inquietações que dizem respeito à identidade de Evelina passam a ser abordados. Mesmo que de maneira ainda cautelosa e quase que passageira e irrelevante, pequenas decisões que a protagonista pode tomar ao elaborar suas correspondências sugerem a potencial impossibilidade da heroína de assumir atitudes no campo do concreto da narrativa.

Como apontado por Choi, as cartas de Evelina tornam-se o único meio pelo qual é possível à protagonista exercer qualquer mínima autoridade e autonomia sobre si própria, e no qual ela efetivamente consegue, de certa forma, se autolegitimar e autorregistrar¹⁶² sua individualidade através do uso calculado do seu nome no espaço epistolar. A escassez com que as assinaturas da heroína aparecem ao longo da obra já aponta para a relevância velada desses casos: somente quatorze das setenta cartas redigidas por Evelina são concluídas com a assinatura da protagonista, levantando questões sobre a potencial relevância dos momentos em que, dentro da obra, elas surgem e a maneira na qual elas aparecem.

Segundo Choi, a seletividade com que Burney escolhe as cartas que serão assinadas por Evelina revela que cada uma delas corresponde e responde a eventos locais e ocorrências pontuais dentro do romance, agindo como um holofote que chama a atenção para acontecimentos que ameaçam simbólica e/ou fisicamente a autonomia e a individualidade da personagem. Deliberadamente inseridas em paralelo e simultaneamente a esses momentos, as assinaturas passam a ser consideradas como tentativas de autorregulamentação e inscrição das quais a heroína passa a se valer para se defender e se impor em relação a esses eventos, já que em muitos casos não o conseguia fazer efetivamente:

[...] the letters that Evelina signs appear in the context of great turmoil in, or threat to, her particular position. Furthermore, these signatures appear in clusters. [...] each of these clusters of letters seems to respond to a particular kind of symbolic assault on Evelina's agency. For just as Evelina encounters numerous persons who, on one level, attempt to insinuate themselves, their lives, their names, and their bodies into hers [...], so too does she meet with circumstances that threaten to displace

¹⁶² “[...] Burney most willingly engages with authority in the medium of the letter as “a site of struggle” against cultural norms.” EPSTEIN, J. *The Iron Pen: Frances Burney and the Politics of Women's Writing*. Madison: University of Wisconsin Press, 1989. pp. 29-37. Apud. CHOI, S. “Signing Evelina: Female Self-Inscription in the Discourse of Letters”. *Studies in the Novel*, vol. 31, n. 3, 1999. pp. 259-278 [p. 260].

of replace her symbolically.¹⁶³

Os motivos que levam Evelina a assinar suas cartas são de natureza diversa, mas ao longo da narrativa apresentam uma recorrência semelhante no que diz respeito ao perigo iminente que elas tentam combater. No primeiro volume do romance – relativo à fase preliminar da evolução da protagonista –, as assinaturas correspondem ora às incertezas sobre seu destino e sua direção, que dependem da permissão de Mr. Villars (primeira assinatura); ora à falta de conhecimento da personagem sobre os costumes sociais e as tensões e deslizes que se desencadeiam a partir disso (segunda e terceira assinaturas); ora refletem sobre as intenções audaciosas da avó da heroína, Madame Duval, de interferir na educação da jovem (quarta e quinta assinaturas), assim como a possibilidade de Sir John Belmont assumir a protagonista como sua filha legítima e herdeira de sua fortuna (sexta assinatura).

As ameaças à autonomia de Evelina – sejam elas em relação à sua vulnerabilidade quando em uma situação social ou a quem será sua figura definitiva de autoridade – se repetem ao longo dos volumes posteriores e, por detrás do aparecimento de mais assinaturas em outras cartas,¹⁶⁴ notam-se – além da reincidência daquilo que é intimidador para a heroína –, as diferentes opções de que Evelina se vale ao assinar suas cartas, ora acrescentando seu sobrenome fabricado¹⁶⁵ – “Evelina Anville” –, ora finalizando a carta com uma interrogação ou exclamação – “Evelina?” e “Evelina!”. Contudo, em apenas uma ocorrência, próxima ao final do romance, a protagonista recorre ao sobrenome de seu pai como legítimo também para si mesma – “Evelina Belmont”.

Os momentos nos quais o conflito a respeito do nome da protagonista é materializado formalmente dentro do romance são fundamentais para se perceber que Evelina está ativamente questionando e refletindo sobre sua identidade e meditando sobre os sobrenomes que lhe pertencem – Belmont e, ao final da narrativa, Orville – e como

¹⁶³ CHOI, S. “Signing Evelina: Female Self-Inscription in the Discourse of Letters”. *Studies in the Novel*. vol. 31, n. 3, 1999. pp. 259-278 [p. 262].

¹⁶⁴ Segundo volume: Madame Duval pretende levar Evelina a Paris (sétima assinatura); Evelina se perde de sua companhia e corre perigo (oitava assinatura); Evelina escreve a Lorde Orville para se desculpar por seus familiares terem feito uso do nome dela em benefício deles (nona assinatura); Evelina se desculpa com a Miss Mirvan por ser instada a ir direto para Berry Hill, ao invés de visitá-la em Howard Grove (décima assinatura).

Terceiro volume: Evelina escreve ao Mr. Macartney quando é impedida de vê-lo pela manhã (décima primeira assinatura); quando é legitimada por Sir Belmont e tem permissão para se casar com Lord Orville (décima segunda assinatura); Evelina anuncia o casamento com Lord Orville e o desfecho de seu destino (última carta e assinatura).

¹⁶⁵ Ver nota de rodapé 67.

eles representam sua subjetividade e sua trajetória. É propriamente essa busca pela conquista desse nome que está no cerne do tema do romance e da progressão dos episódios: “She [Evelina] engages in those activities of reflection upon that name which finally resolve themselves in her discovering and acknowledging two more appropriate names. These renamings occupy the center of dramatic interest within the novel. They justify, direct, and coordinate the novel’s actions and agents.”¹⁶⁶

A decisão, portanto, de terminar o romance apenas e somente assinando como “Evelina”, sem nenhum dos sobrenomes recém conquistados, é significativa e parece sugerir que a verdadeira identidade da protagonista é aquela que só é englobada por aquilo que é propriamente dela e não a associa a outrem. No entanto, o uso das assinaturas da protagonista utilizadas em circunstâncias que ressaltam a fragilidade e quase que impotência da personagem apontam para uma outra possibilidade de análise. Na medida em que as assinaturas procuram legitimar a situação indefinida da protagonista, elas parecem também validar a experiência e trajetória do burguês. Evelina, em sua condição de incerteza e indecisão e na busca pela aceitação, legitimação e incorporação ao coletivo, mimetiza esse agente social não só pela contestação dos valores e ideais aristocráticos, mas também por meio da preferência da protagonista por *manners* em detrimento de condição social e posses.

A inclinação de Evelina para valorizar *manners* como o verdadeiro indicador do valor intrínseco em alguém sugere a influência do pensamento burguês na época, pelo qual se ressalta uma atribuição de valor aos indivíduos a partir de suas próprias qualidades e caráter, como sintetizado por Maas: “(...) a educação e a formação do jovem burguês passaram a ser, nos inícios da época moderna, a ferramenta para a transição de uma cultura do mérito herdado para a cultura do mérito pessoal adquirido.”¹⁶⁷

A predileção pelo comportamento de um sujeito se faz presente no âmbito do romance, portanto, com base no juízo de valor e no julgamento praticados por Evelina sobre os diversos personagens com quem ela se encontra e se relaciona. A partir disso, é possível identificar uma reflexão e uma crítica da autora sobre qual seria o verdadeiro mérito da aristocracia a ser transmitido para essa nova classe social: “(...) the target of Burney’s criticism is the relationship between internal moral virtue and the external display of virtue. (...) For Burney, the commodity that trickles down from the aristocracy

¹⁶⁶ PARKE, C. Op. cit. p. 167.

¹⁶⁷ MAAS, W. P. Op. cit. pp. 14-5.

is not fashion or titles, but simply manners.”¹⁶⁸

A crítica de Burney encontra sua expressão plena em Evelina que, apesar de e talvez por causa de sua caracterização pautada pela inocência, doçura e simplicidade, a qualifica como a mais consistente e obstinada das avaliadoras sobre os excessos, vaidades, fingimentos e hipocrisias que testemunha. Consequentemente, a protagonista é alçada a esse pedestal de onde ela passa a desempenhar o papel de juíza e de pilar moral ao longo da narrativa, decidindo para si e para o leitor quem tem ou não valor, ao fazer uso de seu crivo nos momentos em que, por exemplo, avalia e censura seus parentes distantes da família Branghton por se comportarem com extrema presunção e ares de grandeza, não obstante sua realidade mais humilde:

The dinner was ill-served, ill-cooked, and ill-managed. [...] the Branghtons were perpetually obliged to rise from table themselves, to get plates, knives and forks, bread, or beer. Had they been without **pretensions**, all this would have seemed of no consequence; but **they aimed at appearing to advantage**, and even fancied they succeeded.¹⁶⁹

Esse julgamento é acentuado pelo divertimento de Evelina ao presenciar a vergonha que seus familiares despertam quando estão em um ambiente mais sofisticado, marcando de modo definitivo o deslocamento dos Branghton em meio a uma companhia requintada que é capaz de se comportar adequadamente e apreciar atentamente a beleza de uma ópera, por exemplo:

If I had not been too much chagrined to laugh, I should have been extremely diverted at their ignorance of whatever belongs to an opera. In the first place, they could not tell at what door we ought to enter, and we wandered about for some time, without knowing which way to turn: [...]”¹⁷⁰

In this manner they continued to express their dissatisfaction till the curtain drew up; after which, their observations were very curious. They made no allowance for the customs, or even for the language of another country, but formed all their remarks upon comparisons with the English theatre.¹⁷¹

A superioridade atribuída a Evelina e a suas opiniões sobre os outros e sobre as

¹⁶⁸ JAMES, J. *Virtunomics: Class, Virtues and Moral Authority in Pamela, Henrietta, and Evelina*. 2011. Dissertação (Masters of Arts in English) – Department of English. California State University, Long Beach. 2011. p. 61.

¹⁶⁹ BURNEY, F. Op. cit. p. 176. **Grifos meus**.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 90.

¹⁷¹ Ibidem, p. 93.

reuniões e encontros sociais promovidos, assim como sua problemática situação indefinida, é aquilo que possibilita à protagonista simbolizar apropriadamente uma voz que expressa e ilustra a decadência da ordem aristocrática e desvalorização de seus pilares, e a ascensão de uma nova ordem social burguesa:

As narrator, Evelina for the most part places herself at the edge of the various social groups she observes, and Burney grants (...) a convenient centrality so obvious that a reader is meant to experience it as a merely neutral recording of what passes. What Evelina is allowed to claim explicitly is a moral immunity from the often brutal comedy she witnesses, but she winds up claiming as well an implicit and specifically linguistic superiority to the varied social accents she reproduces, from lower-middle-class ignorance and pretension to aristocratic nonsense and decadent sophistication. Her silence, that is to say, becomes in the context of her powers as a satiric recorder of the flawed discourse of others an eloquent refusal to speak improperly, and to that extent her reticence becomes a distinct voice not heard before in eighteenth-century fiction.¹⁷²

Essa nova ordem social incorporada na situação de Evelina retrata os novos padrões de valorização do indivíduo, que passam a se concentrar mais sobre aspectos de natureza interior ao invés de se deter em questões materiais, de posse e de riqueza monetária: “(...) – how extraordinary! that a nobleman, accustomed, in all probability, to the first rank of company in the kingdom, from his earliest infancy, can possibly be deficient in good manners, however faulty in morals and principles!”¹⁷³

A atenção de Burney para o embate entre o verdadeiro e sincero e o artificial e falso, e, em última instância, para o mérito da índole pessoal do indivíduo em detrimento da exaltação da posição hierárquica é ainda mais fortalecida a partir da avaliação distinta a respeito dos caracteres de Lord Orville e de Sir Clement Willoughby, uma vez que o valor de Lord Orville reside em suas características morais inatacáveis – “it was then I saw that the rank of Lord Orville was his least recommendation, his understanding and his manners being far more distinguished.”¹⁷⁴ – e o demérito de Sir Willoughby está em seu comportamento inconsistente e desonesto, semelhante aos artifícios da própria família Branghton:

¹⁷² RICHETTI, J. “Voice and Gender in Eighteenth-Century Fiction: Haywood to Burney”. *Studies in the Novel*, vol. 19, n. 3. 1987. p. 270.

¹⁷³ BURNEY, F. Op. cit. p. 107.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 34.

In all ranks and all stations of life, how strangely do characters and manners differ! Lord Orville, with a politeness which knows no intermission, and makes no distinction, is as unassuming and modest, as if he had never mixed with the great, and was totally ignorant of every qualification he possesses, this other Lord, though lavish of compliments and fine speeches, seems to me an entire stranger to **real** good-breeding; whoever strikes his fancy, engrosses his whole attention. He is forward and bold, has an air of haughtiness towards men, and a look of libertinism towards women [...]¹⁷⁵

Para Evelina, e conseqüentemente para o leitor, o mérito e apreço conquistados por Lord Orville não derivam de seu título de nobreza e nem de suas riquezas e posses, mas de sua virtude e bondade de caráter, que independem de acontecimentos e mudanças externas, como demonstrado durante um episódio da narrativa em que ele reconhece e se dirige à protagonista mesmo quando ela está acompanhada de duas prostitutas – informação obviamente desconhecida pela heroína – que poderiam macular sua reputação diante dos outros:

And this was our situation, – for we had not taken three steps, when, – O Sir, we again met Lord Orville! – but not again did he pass quietly by us, – unhappily I caught his eye; – both mine, immediately, were bent to the ground; but he approached me, and we all stopped. I then looked up. He bowed. Good God, with what expressive eyes did he regard me! [...] What he first said, I know not; for, indeed, I seemed to have neither ears nor understanding; but I recollect that I only courtesied in silence. [...] but then, finding the whole party detained, he again bowed, and took leave. [...] I fancy – that Lord Orville saw what passed; for scarcely was I at liberty, ere he returned. [...] With a politeness to which I have been some time very little used, he apologised for returning, and then enquired after the health of Mrs. Mirvan, and the rest of the Howard Grove family.¹⁷⁶

Por outro lado, no caso de Sir Clement Willoughby, a inconstância de sua conduta, dependente de circunstâncias externas¹⁷⁷, e a libertinagem que parece contaminar seu discurso e comportamento em situações mais informais aparecem como características aristocráticas ultrapassadas. Sua convicção acerca da inferioridade e da

¹⁷⁵ Ibidem, pp. 114-5. **Grifo meu.**

¹⁷⁶ Ibidem, pp. 236-7.

¹⁷⁷ “As he cannot but observe the great change in my situation, which he knows not how to account for, there is something in all these questions, and this **unrestrained** curiosity, that I did not expect from a man, who **when he pleases** can be so well-bred, as Sir Clement Willoughby. He seems disposed to think that **the alteration in my companions authorizes an alteration in his manners.** It is true, he has always treated me with uncommon freedom, but never before with so disrespectful and abruptness. This observation, which he has given me cause to make, of his *changing with the tide*, has sunk him more in my opinion, than any other part of his conduct.” Ibidem, pp. 202-3. **Grifos meus.**

posição antagonica da mulher e o tratamento explícito da mulher como objeto de desejo carnal maculam a índole do personagem tanto para Evelina e seu tutor quanto para o leitor que toma partido da protagonista: “I hope you will see no more of Sir Clement Willoughby, whose conversation and boldness are extremely disgusting to me.”¹⁷⁸

A protagonista, ao final de sua narrativa, é coroada e recompensada por sua virtude, integridade e discernimento tanto pelo recebimento de uma herança, quanto pelo seu casamento com o perfeito Lord Orville. Essa união e consequente ascensão da heroína de categoria social simbolizam não apenas o distinto apreço conferido a seu caráter e disposição, o ápice da evolução e educação de Evelina, mas também expressam a completa incorporação – ou até mesmo subordinação – do burguês pela antiga ordem aristocrática.

Em última instância, sustenta-se que a trajetória triunfante da protagonista seria considerada propriamente educativa tanto por alinhar a predisposição educativa do romance inglês¹⁷⁹ quanto por concordar e ilustrar os critérios lukácsianos constitutivos de um romance de educação, tipologia que não esgota o romance de Burney, mas que definitivamente o ilumina como uma obra de seu tempo.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 57.

¹⁷⁹ “[...] the English novel emerged from a widespread social directive to negotiate successful civic and political organization – to find natural and human-made mechanisms by which to reconcile individuality to conformity. That distinct cultural purpose characterizes the English novel of education as a genre concerned not only with representing that process of socialization in a protagonist’s development but also with implementing narrative strategies that can approach the similar goal of edifying readers. It is a form intent on presenting the gradual exfoliation of personal identity for public and “readerly” scrutiny - with the further goal of inculcating such norms in readers themselves.” BARNEY, R. Op. cit. pp. 35-6.

Conclusão

O reconhecimento e interesse pelas obras de Frances Burney é em geral resultado da fascinação por tudo que toca e se refere ao deslumbrante mundo de Jane Austen. Apontada como um dos nomes que compunham a célebre biblioteca da família em Chawton House, e tendo a própria Austen como uma das assinantes inscritas para receber o terceiro romance de Burney, *Camilla, or, A Picture of Youth*, Burney detém o ilustre prestígio de, potencialmente, ter provocado a mudança de título do segundo romance de Austen de *First Impressions* para o consagrado *Pride and Prejudice*, graças a uma das últimas passagens de seu romance *Cecilia, or Memoirs of an Heiress*.¹⁸⁰

É coerente, portanto, que durante muito tempo os romances de Burney tenham sido lidos e analisados à luz de suas possíveis reverberações nos romances austenianos, ao invés de serem explorados por si próprios, com a intenção de estimular conversas sobre a autora e o impacto insubstituível dela para o amadurecimento e solidificação do romance inglês. É com essa carência em mente – especialmente no que diz respeito à crítica brasileira, que não tem quaisquer produções acadêmicas sobre Burney ou sobre alguma de suas obras – que essa dissertação se propôs a discutir *Evelina*, mesmo que como uma tentativa incipiente de revelar Frances Burney em sua verdadeira grandeza, que se justifica por si própria.

No entanto, as repercussões com a publicação de *Evelina* destacaram precisamente o diálogo com as tradições e modelos de sua época. A conexão mais clara e evidente de Burney com seus contemporâneos poderia ser prontamente concluída com a menção de alguns deles em seu prefácio. Não obstante, aquilo que prova com maior propriedade a consciência da autora de toda essa carga que a precede e assombra toda publicação é sua forma narrativa, que associa e faz convergir os dois principais pilares literários do século XVIII.

A evolução e progresso do enredo pelas cartas, apesar de aludir a Richardson, exerce uma função consideravelmente distinta daquela do autor de *Pamela*, que se utiliza desse recurso, majoritariamente, para dar ao leitor acesso à interioridade de suas protagonistas, permitindo-lhe testemunhar todas as emoções e ansiedades de uma maneira

¹⁸⁰ ““The whole of this unfortunate business,” said Dr. Lyster, “has been the result of PRIDE and PREJUDICE. [...] Yet this, however, remember; if to PRIDE and PREJUDICE you owe your miseries, so wonderfully is good and evil balanced, that to PRIDE and PREJUDICE you will also owe their termination” BURNEY, F. *Cecilia, or Memoirs of an Heiress*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 930.

imediate. Ao passo que Burney também garante semelhante individualização através da especificidade da situação e vivências de Evelina, que também escreve as cartas relatando suas impressões íntimas, é com extrema fidedignidade que nelas também se consegue construir um universo que concreta e factualmente existe, o que se consolida como um dos traços mais significativos em *Evelina*.

A autora parece não precisar comprometer nenhum desses dois aspectos – o exclusivo do individual e o abrangente do coletivo – em seu romance, mas os une harmonicamente de um modo pelo qual Londres se sustenta e se faz tangivelmente presente não apenas pela menção precisa a locais notórios à época, mas através da avaliação de Evelina, que aproxima a cidade do leitor. Dessa maneira, todos os ambientes pelos quais a protagonista circula acabam sendo individualizados ao serem descritos fisicamente, assim como o público que os frequenta. No entanto, é também a atenção aos acontecimentos em si e às reações pessoais da protagonista que torna as experiências de Evelina reconhecíveis, já que certamente as leitoras se identificariam com a conturbação em uma loja de fitas¹⁸¹ ou com a surpresa de serem atendidas por homens entusiasmados¹⁸².

Embora a exploração da subjetividade seja preocupação central em Burney, outro aspecto que comprova a pertinência de sua primeira obra dentro do cenário literário inglês é como a autora também atenta ao aspecto recreativo e lúdico do romance ao preenchê-lo em abundância com situações cômicas e até mesmo improváveis. Esses acontecimentos também dialogam com as peripécias de caráter romanesco orquestradas por Fielding; em *Evelina*, elas servem o propósito muito semelhante de desmascarar as pretensões e modismos da época em sua grosseira estupidez e também de compor esse cenário diversificado e verossímil repleto por um conjunto de personagens díspares entre si.

Ademais, em *Evelina* a autora materializa ainda mais essa confluência de propostas e estilos de Richardson e Fielding apesar de eles, aparentemente, poderem ser considerados como opostos e contraditórios. Essa concretização acontece através da protagonista do romance, que é retratada – mas que também descreve os outros – a partir

¹⁸¹ “I thought I should never have chosen a silk, for they produced so many, I knew not which to fix upon, and they recommended them all so strongly, that I fancy they thought I only wanted persuasion to buy every thing they shewed me.” BURNEY, F. Op. cit. p. 29.

¹⁸² “But what most diverted me was, that we were more frequently served by men than by women; and such men! so finical, so affected! they seemed to understand every part of a woman’s dress better than we do ourselves; and they recommended caps and ribbands with an air of so much importance, that I wished to ask them how long they had left off wearing them!” Loc. cit.

de qualidades e defeitos que compõem distintivamente o cerne e essência da personalidade ou natureza humana como uma mescla de virtude e vício, assim como em Fielding.¹⁸³ No entanto, alinhado a isso, Burney também acentua a característica maleável e a plasticidade do caráter individual a partir da evolução de Evelina que, apesar de inicialmente se assemelhar de pronto com a virtude e excelência irredutíveis das heroínas de *Pamela* e *Clarissa*, desafia essa noção de perfeição total feminina por se transformar, ao passo que ambas as personagens de Richardson são aclamadas precisamente por permanecer inalteráveis¹⁸⁴ ou conservadas, para fazer uso do termo escolhido por Moretti em *O romance de formação* ao se referir aos romances ingleses.

Se é apropriada a comparação entre Burney e Austen e se é produtivo aproveitar essa associação em algumas circunstâncias, que seja essa uma delas. O indispensável estudo de Gilbert e Gubar em *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*, descreve – entre uma série de outras considerações ao longo da argumentação – com exatidão o cerne da habilidade de Austen, que se parece consideravelmente com essa qualidade em Burney de, a despeito das limitações determinadas, elaborar uma narrativa que tanto faz uso delas quanto as ultrapassam: “Austen admits the limits and discomforts of the paternal roof, but learns to live beneath it. [...] If she wishes to be an architect herself, however, she needs to make use of the only available building materials – the language and genres, conventions and stereotypes at her disposal. She does not reject these, she reinvents them.”¹⁸⁵

Essa ressignificação de tendências literárias comuns à época passa a ser um dos traços característicos de Frances Burney, que parece ter a perspicácia de se utilizar desses tropos com a intenção de apontar suas falhas e deficiências e, posteriormente, os reformular e ampliar. A capacidade de transpor e expandir as restrições dentro de formas literárias – como Burney também o faz com o enredo centralizado no *marriage plot* e com a tradição do *lover-mentor* – é especialmente pertinente no que diz respeito ao gênero do romance de educação, ou tradicionalmente traduzido para o alemão como *Erziehungsroman*, categoria que, assim como é descrita por Lukács em *A teoria do*

¹⁸³ “[...] Fielding maintained an extremely ambiguous - or at least variable - line between defining human character as essentially fixed and characterizing it as thoroughly malleable.” BARNEY, R. Op. cit. p. 115.

¹⁸⁴ “[...] Protagonists such as Richardson’s *Pamela* or *Clarissa*, for instance, are who they are precisely because they resist change” Ibidem, pp. 113-4.

¹⁸⁵ GILBERT, S. & GUBAR, S. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven: Yale University Press, 1980. p. 121.

romance, mais adequadamente contempla e ilumina a leitura e análise de *Evelina, or the History of a Young Lady's Entrance into the World*.

Apesar de o percurso de Evelina sugerir de início uma trajetória típica de formação (*Bildungsroman*), na qual o protagonista, ingênuo, entra no mundo com suas fantasias e enfrenta uma série de decepções e desafios que o educam e o levam a amadurecer e a conquistar um lugar no mundo apesar das adversidades, o romance de Burney – à luz da intrínseca finalidade didática e exemplar do romance inglês – carrega esse propósito instrutivo de, através dos ensinamentos apreendidos pela protagonista, transmitir essas mesmas lições para o leitor, consolidando um romance que é “por si próprio edificante e encorajador aos demais, por si próprio um meio de educação.”¹⁸⁶ Além disso, a intenção de fazer uso da narrativa ficcional como veículo de aprendizado – combinado com realidade, fantasia e entretenimento – é corroborada pelas palavras da própria autora, citada por Spacks:

[...] As Fanny Burney puts it, discussing the nature of the novel, “It is, or it ought to be, a picture of supposed, but natural and probable human existence. It holds, therefore in its hands our best affections; it exercises our imaginations; it points out the path of honour; and gives to juvenile credulity knowledge of the world, without ruin, or repentance; and the lessons of experience, without its tears.”¹⁸⁷

Essa função moral e educativa que respalda o enredo de *Evelina* e que permite classificar a obra propriamente como um romance de educação a partir dos termos lukácsianos não apenas amplia a noção mais arcaica do *Erziehungsroman* – que alude a uma definição utilitarista e pragmática de ensino através da aquisição pelo herói da narrativa de alguma habilidade prática –, mas também reconfigura as possibilidades da literatura de conduta do século XVIII que, diferentemente do que é realizado por Burney, se apoiava em axiomas abstratos desprovidos de ancoragem em ocasiões reais.

A educação proposta por Lukács e evidente no primeiro romance de Burney, conseqüentemente, reflete esse ponto de vista no qual se formar implica não apenas uma instrução técnica, mas uma conscientização social e pessoal. Esse conceito é particularmente simbólico e revolucionário no que tange à percepção da educação feminina que, para todos os efeitos, concentrava seus esforços no casamento, por ser ele

¹⁸⁶ LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 141.

¹⁸⁷ SPACKS, P. M. *Imagining a Self: Autobiography and Novel in Eighteenth-Century England*. Cambridge: Harvard University Press, 1976. pp. 6-7.

o meio através do qual se conseguiria alguma independência, mesmo que ela fosse ilusória.

Embora a conquista matrimonial seja o último evento expressivo da obra e encerre a narrativa – característica formal recorrente nas obras do século XVIII –, o projeto de educação em *Evelina* tem como objetivo sensibilizar a protagonista e, conseqüentemente, despertar a consciência das próprias leitoras não somente para todas as imprecisões e convicções limitadoras por detrás da obsoleta literatura de conduta da época, mas também para a relativa autonomia que se alcança com a percepção dos limites e das possibilidades que ainda existem dentro desses espaços.

De modo semelhante, essa mesma lucidez e discernimento é o que permite que Burney, restringindo-se às formas e tradições literárias, aborde criticamente tanto a sociedade quanto o indivíduo. Em última instância, o enredo aparentemente objetivo do primeiro romance de Burney sustenta que o resultado final de uma trajetória educativa para uma jovem mulher deve ser, assim como a de Evelina, uma conquista consciente de sua emancipação e, ao mesmo tempo, de integração social.

Referências Bibliográficas

- ALLEN, E. "Staging Identity: Frances Burney's Allegory of Genre". *Eighteenth-Century Studies*, vol. 31, n. 4, p. 433-451. 1998.
- AUSTEN, J. *Pride and Prejudice*. New York: W. W. Norton & Company, 2016.
- BARNEY, R. *Plots of Enlightenment: Education and the Novel in Eighteenth-Century England*. California: Stanford University Press, 1999.
- BOND, E. *Reading London: Urban Speculation and Imaginative Government in Eighteenth-Century Literature*. Columbus: The Ohio State University Press, 2007.
- BRADHSAW, D. (ed.) WOOLF, V. *Selected Essays*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- BURNEY, F. *Cecilia, or Memoirs of an Heiress*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- BURNEY, F. *Evelina, or the History of a Young Lady's Entrance into the World*. New York: W. W. Norton & Company, 1998.
- BURNEY, F. *Evelina, or the History of a Young Lady's Entrance into the World*. New York: Oxford University Press, 2002.
- CASS, T. *Ossian e o crepúsculo da epopeia*. 2015. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.
- CHOI, S. "Signing Evelina: Female Self-Inscription in the Discourse of Letters". *Studies in the Novel*, vol. 31, n. 3, p. 259-278. 1999.
- COPELAND, E. & McMASTER, J. (ed.) *The Cambridge Companion to Jane Austen*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- DICKIE, S. *Cruelty and Laughter: Forgotten Comic Literature and the Unsentimental Eighteenth Century*. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.
- EAGLETON, T. *The English Novel: An Introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- ERON, S. "More than a Conscious Feeling: Reading Evelina's Mind in Time". *Studies in the Novel*, vol. 50, n. 2, 2018.
- FIELDING, H. *Joseph Andrews and Shamela*. London: Penguin Classics, 1999.
- FRAIMAN, S. *Unbecoming Women: British Women Writers and the Novel of Development*. New York: Columbia University Press, 1993.
- GILBERT, S. & GUBAR, S. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven: Yale University Press, 1980.

- GOETHE, J. W. V. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- JAMES, J. *Virtunomics: Class, Virtues and Moral Authority in Pamela, Henrietta, and Evelina*. 2011. Dissertação (Masters of Arts in English) – Department of English. California State University, Long Beach. 2011.
- LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MAAS, W. P. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MAZZARI, M. V. *Labirintos da aprendizagem: pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MORETTI, F. *O romance de formação*. Trad. Natasha Belfort Palmeira. São Paulo: Todavia, 2020.
- PARKE, C. “Vision and Revision: A Model for Reading the Eighteenth-Century Novel of Education.” *Eighteenth-Century Studies*, vol. 16, n. 2, p. 162-174. 1982.
- QUINTALE NETO, F. “Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman”. *Pandaemonium Germanicum*, n. 9, p. 185-205. 2005.
- RICHETTI, J. “Voice and Gender in Eighteenth-Century Fiction: Haywood to Burney”. *Studies in the Novel*, vol. 19, n. 3, p. 263-272. 1987.
- RICHETTI, J. (ed.). *The Cambridge Companion to the Eighteenth-Century Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- SHAFFER, J. & SCHAFFER, J. “Not Subordinate: Empowering Women in the Marriage-Plot – The Novels of Frances Burney, Maria Edgeworth, and Jane Austen”. *Criticism*, vol. 34, n. 1, p. 51-73. 1992.
- SPACKS, P. M. *Imagining a Self: Autobiography and Novel in Eighteenth-Century England*. Cambridge: Harvard University Press, 1976.
- SPENCER, J. *The Rise of the Woman Novelist: From Aphra Behn to Jane Austen*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.
- SPENDER, D. *Mothers of the Novel: 100 Good Women Writers before Jane Austen*. New York: Routledge & Kegan Paul, 1986.
- STAVES, Susan. “Evelina; or, Female Difficulties.” *Modern Philology*, vol. 73, n. 4, p. 368-381. 1976.
- TROIDE, L. E. (ed.) *The Early Journals and Letters of Fanny Burney: Volume 1 (1768-1773)*. Canada: McGill-Queen’s University Press, 1988.

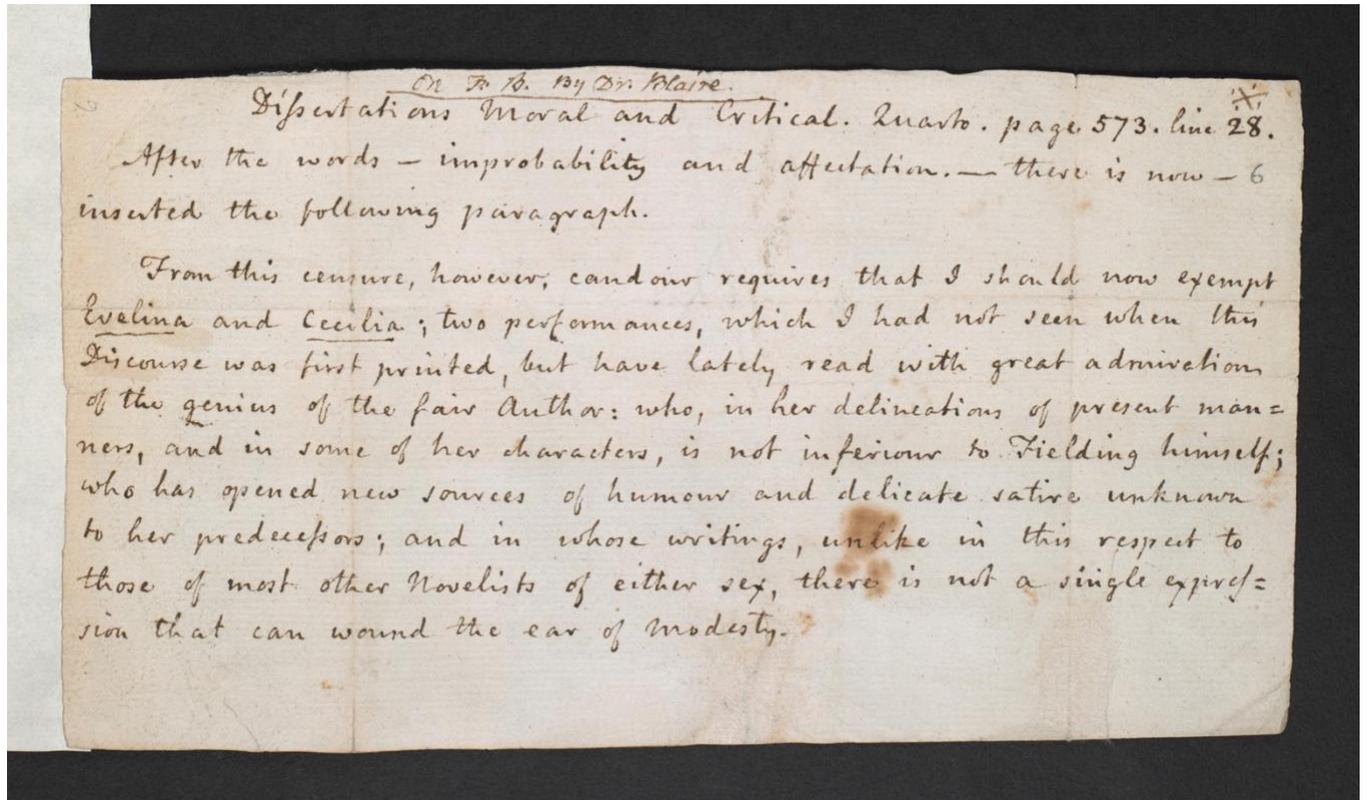
TUZUN, H. O. *Becoming Evelina: The Quest for Selfhood and Identity*. In.: BAKAY, G. & MUDURE, M. *Trading Women, Traded Women: A Historical Scrutiny of Gendered Trading*. Frankfurt: Peter Lang GmbH, 2016.

VASCONCELOS, S. G. T. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2007.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ZACZEK, B. M. *Censored Sentiments: Letters and Censorship in Epistolary Novels and Conduct Material*. New Jersey: Associated University Press, 1997.

Anexos



Anexo 1: BARRET COLLECTION. Vol. VII (ff. 173). Literary manuscripts of Frances d'Arblay. Retirado de:
<https://www.bl.uk/collection-items/manuscript-copies-of-poems-from-evelina-and-contemporary-reviews-of-the-novel>

Evelina
Monthly Review, April 1

5

This Novel has given us so much pleasure in the
Person, that we do not hesitate to pronounce it
one of the most Sprightly, entertaining, & agreeable
Productions of this kind, w^{ch} has of late fallen under
our notice. a great variety of natural incidents, some
of the comic Stamp, render the narrative extremely inter-
-esting. The characters w^{ch} are agreeably diversified, are
conceived & drawn with propriety, & supported with Spirit.
The whole is written with great ease & command of
Language. From this commendation however, we must except
the Character of a Son of Neptune, whose manners are rather
those of a rough uneducated Country Squire, than those of a
genuine Sea-captain.